Contracapa

Na Terra dos Monges do Deserto é o relato de uma viagem transcendental de um homem em busca da luz vislumbrada na centelha divina que existe em cada pessoa.

O relato dessa empreitada consagra o antigo adágio de que, quando o discípulo está pronto, o mestre aparece. É o que se depreende do encontro entre Karm Álek e Yasha na trilha da impressionante Petra.

Eustáquio Palhares

Na Terra dos Monges do Deserto

Albino Neves

Na Terra dos Monges do Deserto

Albino Neves

Registro N.º 244.237 - Livro: 433 - Folha: 397
Fundação Biblioteca Nacional - FBN/MC

Livros do Autor:

O Andarilho – A Viagem Rumo ao Infinito
(Editora Mandala – Coleção Ocultismo & Esoterismo)

Caminho da Luz, o Caminho do Brasil
(AS Editora Ltda)

Um Caminho dentro do Caminho
(AS Editora Ltda)

Chácara Luz da Manhã – Caixa Postal 16
CEP 36800-000 – Carangola/MG
Tel.: (32) 3741-3445

Revisão
Carla Maria Chabuder da Costa
Leda Maria Brandi Nardelli

Capa
Wellington Villela

Correspondência para o autor
e-mail: albinoneves@gmail.com
Site: www.caminhodaluz.org.br ‘

Agradecimento

Agradeço a Deus, aos meus pais Albino e Pedriná (in memorian), a Ledinha Nardelli, aos meus filhos Karina, Vitor Hugo, Agatha e Vinícius, aos construtores de Petra e em especial aos meus amigos, irmãos e companheiros de jornada Antonio Cesar Andrade, Eustáquio Palhares e Lucas Izoton, que me proporcionaram a oportunidade de reviver momentos mágicos da história universal.

“O terror que inspiras e a soberba de teu coração te enganaram. Tu que habitas nas fendas das rochas, que ocupas as alturas dos outeiros, ainda que eleves o teu ninho como a águia, de lá te derribarei, diz o Senhor.
Assim será Edom (Petra) objeto de espanto...”
(Jeremias 49:16 e 17)

Prefácio

A saga de Karm Álek pelos desertos de Israel e Jordânia, plagas cuja aridez emolduraram, há dois milênios, a mais importante história do Ocidente, é uma aventura que se desenvolve em paralelo a uma inesquecível viagem empreendida por quatro amigos andarilhos que se dispuseram a trilhar o caminho de Jesus. *Na Terra dos Monges do*

Deserto é o relato de uma viagem transcendental de um homem em busca da luz vislumbrada na centelha divina que existe em cada pessoa.

A narrativa não apenas oferece a reflexão sobre percepções garimpadas em outros caminhos e andanças, como se apóia num diligente trabalho de pesquisa histórica que premia o leitor com o desvelamento do passado que se esconde sob ruínas e escombros palmilhados pelo caminhante. O relato dessa empreitada consagra o antigo adágio de que, quando o discípulo está pronto, o mestre aparece. É o que se depreende do encontro entre Karm Álek e Yasha na trilha da impressionante Petra, no Sul da Jordânia, confluência de três continentes e despojo de uma exuberante cultura, a dos nabateus, que ainda hoje se reverencia ao percorrer as magníficas edificações da cidade vermelha com seus templos esculpidos na rocha.

Tanto em Petra como às margens do lago de Kinereth, como a Bíblia menciona o Mar da Galiléia, no cume do Monte das Beatitudes, onde Jesus proferiu o mais famoso sermão da humanidade, no topo do Monte das Tentações, onde o Mestre dos Mestres viu-se tentado pelo demônio, nas grutas de Qumram ou mesmo só refazendo os mil passos da Via Dolorosa, o pequeno trecho percorrido por Jesus desde o interrogatório no Sinédrio ao suplício no Gólgota, hoje dissimulado por uma imponente catedral, Karm Álek, o alter ego de Albino Neves, empreende uma longa peregrinação que não se mede pela distância física ou mesmo temporal. Essa busca do escritor-andarilho está registrada em seus livros anteriores e naqueles em gestação simultânea. Degustando a maturidade, Albino Neves faz desaguar na literatura o vasto conteúdo da enorme mochila de experiências, percepções e aprendizados que tem reunido na travessia da existência. Uma existência comprometida em transcender a individualidade que encarcera o homem, privando-o da noção do divino. Daí porque se apresenta como o jornalista engajado com a transformação do seu contexto, a cumprir o velho aforismo de que a dignidade do homem ao tentar mudar o mundo repousa no esforço de mudar o *seu* mundo. Albino Neves retoma a lição repisada pelos avatares e iluminados que clareiam as mesmas verdades com modos diferentes de contá-las ou descrevê-las.

O trabalho de Albino Neves representa uma catarse. A necessidade de compartilhar, comungar ensinamentos colhidos de fontes variadas, onde a compulsão cognitiva vale menos, bem menos, que o sentimento. O homem ajunta informações que lhe adornam o intelecto. Mas só pelo filtro do coração ele obtém o conhecimento que eleva o seu espírito, cumprindo o propósito da evolução. O sentir sempre prevalecerá sobre o mero raciocinar. Nesse aspecto, o sentimento se confunde com a consciência – tanto o sentimento traz a consciência quanto a consciência traz o sentimento - deixando como prova inconteste do aprendizado a transformação. É de outro aforismo que se recolhe esse ensinamento: cabe ao mestre mostrar, cabe ao aluno provar.

As reflexões que Albino Neves destila pela boca de seus personagens consagram alguns preceitos caros da tradição mística, mas que, no caso, desvelam-se sem o aparato simbólico que lhe conferem um, às vezes, desestimulante hermetismo. Tanto Karm Álek quanto,

principalmente, Yasha, a exemplo do que já fez São Paulo, proclamam o amor como a atitude verdadeira do homem frente ao Criador e a manifestação desse amor pelo sentimento da fraternidade, consagrando o reconhecimento de que a nossa mesma origem atesta que somos de fato irmãos encaminhados à escola da vida, que tem o tempo como professor. O entendimento dessa origem fortalece a convicção de que a união dos homens impõe-se como atitude de acatamento a Deus. A mesma verdade que a antiqüíssima sabedoria oriental revela quando afirma a ilusão da separatividade, a ilusão dos sentidos, que as coisas encerram-se em si e não são partes de um grande todo.

O chamado alto esoterismo, a magia branca, o viés místico, que afloram nessa transição de milênios, alimentado pela demanda de multidões decepcionadas com a religião tradicional, que aparenta existir apenas em seus sinais de exterioridade, surge como resposta à angústia da alma, à necessidade da convicção de não estarmos sós, vagando pelas galáxias. Definem-se como outros modos do espírito humano dar vazão à religiosidade, o elo com a fonte também já interpretada como a inexplicável saudade da alma de sua moradia.

Aí surge a luz do amor que nos faz identificar as feições do irmão no semelhante, iguais que se identificam pela origem e pelo destino. Essa luz opera a alquimia superior que consiste na transmutação da pessoa pela mudança da consciência. O entendimento de quem somos, o esforço de conhecermo-nos, percebendo em nós próprios a marca da divindade, leva-nos a reconhecermo-nos no outro, a amarmo-nos no outro, a, enfim, descobrirmos que somos o outro em momentos, experiências e níveis de consciência diferentes. Somos partes de um todo que é tudo.

Por mais que se busque o brilho dos conceitos, a sapiência das palavras só leva à constatação de que a nossa impermanência material e a efemeridade da matéria apontam-nos o movimento perpétuo que se reproduz nos ciclos da existência.

O vagar de Karm Álek leva-o a saciar-se, assim, na fonte dos espíritos elevados, que a ela chegaram pelo caminho do coração.

Eustáquio Palhares

Jornalista e criador do Caminho

"Os Passos de Anchieta"

Prólogo

A *sua face* refletia como luzes *e todos paravam para ouvi-lo, pois ele trazia a mensagem do Senhor, do Qual era porta-voz.*

Por duas vezes, como posteriormente fariam Cristo e São Francisco de Assis, o Profeta jejuou por quarenta dias e quarenta noites. Em ambas, coube a ele receber a Tábua contendo a Lei. A Lei que Deus ofereceu para nortear a vida de Seus filhos no Globo Azul Estelar e que contém o passado e o futuro do Universo criado por Ele.

No deserto, na cidade fortificada, cujos templos esculpidos nas rochas continuam, como o sol, refletindo o esplendor de sua magnitude, em certo momento, o Profeta perdeu sua mansidão e seu temperamento brando.

Nessa atmosfera de magia e mistério, quatro "cavaleiros" da era moderna, após peregrinarem no meio do deserto e por entre as fendas que marcaram a história universal, fecharam com chave de ouro os portais do segundo milênio do nascimento do Príncipe da Paz.

De posse de seus cajados, os "cavaleiros" da terra brasilis, partindo a pé de Nazareth, cortaram Israel de um extremo ao outro, atravessando as terras por onde peregrinou o Mestre e Seus discípulos. Na peregrinação, adentraram também em território jordaniano, onde pisaram o solo de Petra, a Cidade Rosada, lá encontrando o Monge do Deserto.

Durante vários dias, peregrinaram sob um calor de cinqüenta graus em meio a terras áridas, beduínos, árabes, palestinos e judeus, respirando ares da história e desvendando mistérios guardados nos cofres dos rochedos que abrigaram os nabateus e edomitas há mais de três mil anos.

Em meio às nebulosas provocadas pelas rajadas de vento, por entre os rochedos púrpuros como o sangue beduíno, onde Karm Álek nos conta como conheceu o Monge Yasha, que transformou as miragens desérticas em fatos e imagens reais,convidamos o leitor a percorrer o trajeto que vai desde o desfiladeiro do Siq até o topo do Umm Al-Biyara, na esperança de que descubra o seu próprio Yasha e que este caminhe ao seu lado na escalada solitária do espírito rumo à cintilante Luz Celeste, à qual um dia todos nos fundiremos.

O autor.

Ao adentrar nos penhascos rochosos, matizados como o arco-íris, que formam a garganta do Siq, no deserto da Jordânia, Karm Álek ouviu claramente uma voz dizer:

- Tragam a Arca.

E pouco depois:

- Ele vai ler na Tábua o que foi escrito pelo Senhor.

Olhou ao redor e nada viu, a não ser seus companheiros, que vinham ao longe, caminhando acompanhados do guia Faisal, um descendente de beduíno que com eles atravessou o deserto em sua moderna carruagem e que lhes contava a história do lugar.

- As paredes aqui, além de terem ouvidos, também falam – falou consigo mesmo.

Foi surpreendente ouvir aquelas palavras, apesar de não saber o que elas significavam.

Que Arca era aquela?

Que Tábua?

Desconhecia tratar-se da Arca da Aliança. Uma Arca coberta de ouro por todos os lados; dentro dela, a urna de ouro contendo o maná, a vara de Arão que floresceu e as Tábuas da Aliança; em cima da Arca, os querubins da glória estendendo a sombra de suas asas sobre o propiciatório.

Posteriormente, o beduíno Yasha contaria que, segundo a Escritura Sagrada, Moisés, depois de reunir todo o povo naquele local e concluir a proclamação de todos os mandamentos da Lei, escritos por Deus na Tábua, tomou o sangue dos touros e dos cabritos

imolados, bem como água, lã escarlate e hissopo, e aspergiu com sangue não só o próprio livro, como também todo o povo, dizendo: 'Este é o sangue da aliança que Deus contraiu conosco'. E, da mesma maneira, aspergiu o tabernáculo e todos os objetos do culto.

Conforme a Lei, o sangue era utilizado em quase todas as purificações, e sem efusão de sangue não havia perdão. Mas tal ritual seria posto por terra tão logo se cumprisse o que o Profeta Isaías previu que aconteceria setecentos anos mais tarde.

"Um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o domínio principesco virá a estar sobre o Seu ombro. E será chamado pelo nome de Maravilhoso Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz". Assim previu o Profeta Isaías, nos meados do século VII a.C., o nascimento do Cristo da Luz em Belém. O anúncio levou até o local Baltasar, Gaspar e Melchior, magos que lá compareceram com ouro, incenso e mirra, para saudarem o Menino em Seu nascimento. Desde então, Israel passou a ser o mais importante lugar de peregrinação do mundo cristão.

Dois mil e setecentos anos depois do anúncio de Isaías, Karm Álek, acompanhado de três outros peregrinos, foi ao local citado pelo Profeta para conhecer a senda iluminada, carregada de energia e magia, que gerou o Príncipe da Paz, mas que continua sendo lavada com o sangue produzido por conflitos e guerras através dos milênios.

Seguindo a voz do Profeta, que ainda ecoa no deserto do Oriente, o peregrino descobriu que foi Isaías quem escreveu, em data anterior aos exércitos babilônicos destruírem Jerusalém, que, por ter transgredido as Leis, um povo que habitava o deserto, numa região poderosamente estratégica, seria derrotado e deixaria de ser povo e nação.

No desenrolar da viagem, seriam revelados muitos mistérios que ainda permanecem vivos nas construções, templos, paredes rochosas e na própria atmosfera da Cidade Rosada do Deserto com a participação do guia Faisal e do beduíno Yasha, que tornaram realidade as miragens guardadas há milênios.

Petra é um grande tesouro recheado de mistérios, onde a ruptura dos invisíveis portais do Siq proporciona a abertura de seus cofres, para que se torne possível a descoberta dos "dois lados da moeda".

A viagem por aquelas terras de tradição milenar e solo sagrado teve início no aproximar do ano comemorativo ao aniversário dos vinte séculos do nascimento do Príncipe da Paz, Aquele que ofereceu Seu sangue para purificar a toda a raça humana. Segundo Ele, depois de Seu sacrifício, todos podem, através da fé, adquirir a remissão de seus pecados.

- Tudo é uma questão de fé - garantiu o monge Ramon sentado na soleira do Templo no Monte Tabor, onde deveria erigir, como sinal de unificação, um templo para Moisés, um para Elias e outro para Jesus, onde as Leis fundidas resplandecessem em uníssono, como ensinamento máximo do Criador, para o desabrochar e a consolidação da evolução do homem como espírito eterno criado à imagem e semelhança de Deus.

Se os meros símbolos das realidades celestes exigiam tal purificação, necessário tornava-se que as realidades mesmas fossem purificadas por sacrifícios ainda superiores. Eis porque Cristo entrou, não em santuário feito por mãos de homens, que fosse apenas figura do santuário verdadeiro, mas no próprio céu, para agora Se apresentar intercessor nosso ante a face de Deus. Ele não entrou para oferecer a Si mesmo muitas vezes, como o pontífice que entrava todos os anos no santuário para oferecer sangue alheio. Do contrário, ser-Lhe-ia necessário padecer muitas vezes desde o princípio do mundo, quando é certo que apareceu uma só vez, e, logo em seguida, vem o juízo. Assim, Cristo ofereceu-Se uma só vez para tomar os pecados da multidão, e aparecerá uma segunda vez, não, porém, em razão do pecado, mas para trazer a salvação àqueles que O esperam.

O Príncipe da Paz aboliu os holocaustos e sacrifícios para remissão dos pecados, adotados na antiga Lei.

- Por certo, Ele, assim como João Batista, conviveu com um povo de tal forma evoluído que, além de não comer carne, não retirava do solo as raízes dos vegetais que comia, de forma que estes continuassem a viver e a alimentar. Um povo que cultuava a constante limpeza do corpo físico através da purificação pela água e que tinha na vestimenta o branco, num simbolismo da unificação das cores na propagação da paz – afirmaria Yasha, numa referência aos essênios.

Nas terras onde Jesus deixou as marcas de suas sandálias pelas margens do Mar da Galiléia, quando caminhava ao lado de seus doze discípulos, os quatro peregrinos reviveriam, passo a passo, o que conta a história do Cristianismo, revendo vestígios de antigas cidades que marcaram aqueles tempos com pujança e representatividade, muitas delas, hoje, inabitadas, mas ainda grandiosas por manterem no ar a atmosfera que fundamenta os princípios do Cristo.

Próximo dali, do outro lado das montanhas, aquém de Golã, deu-se a base e a propagação da Antiga Lei. Diz-se que, lá, o Supremo Criador do Universo anunciou a Terra Prometida a Moisés, aquele que esteve frente a frente com Ele e peregrinou durante quarenta anos pelo deserto, sumindo, depois, como miragem sem ter alcançado Canaã.

Entre os escolhidos para acompanharem o Príncipe da Paz, contam as Escrituras, somente Judas não era da Galiléia, todos os demais pertenciam àquele lugar. Eram homens simples da região que, fascinados pelos ensinamentos do Mestre da Luz e do Amor (que revogava a lei do dente por dente e olho por olho), deixaram seus ofícios, mulheres e filhos para, ao lado de Cristo, difundir a boa nova, cuja estrutura dorsal fundamenta-se no princípio da igualdade entre todos, pois, segundo o Filho do Altíssimo, a família cósmica é uma só, interligada pela corrente mágica que liga o Pai aos filhos, indiferentemente de cor, credo, religião e nacionalidade. Desta forma, Ele não distinguia quem quer que seja, e curou leprosos e o filho do cobrador de impostos numa ação de caridade suprema e sublime amor.

Durante Suas peregrinações, antes e após o batismo feito por João Batista às margens do rio Jordão, conforme consta nas Escrituras Sagradas, Jesus, o Cristo, anunciava em Suas pregações ensinamentos de amor, perdão, gratidão e que todos, indistintamente, são filhos de um mesmo Deus. Para a época e para um povo que reverenciava outros deuses, Jesus era um revolucionário. Sua mensagem punha por terra leis desiguais, criadas pelo homem para manter uma pequena camada postada no topo do luxo e da abastança, em detrimento da fome, miséria e sofrimento da maioria. A mensagem era ousada para a ocasião, pois derrubava inúmeras tradições cultuadas naquele lugar, onde a força imprimia a opressão e o medo reprimia a libertação.

Os valores exaltados pelo Criador, mostram as Escrituras, não são medidos pelo acúmulo de ouro nem pelo galardão de pomposas posições soberanas. Isso ficou claro na escolha de João Batista para batizar o Filho de Deus. O Criador não optou pelo imperador, pelos governadores ou pelos sacerdotes, mas por um homem simples, que se vestia com roupa de pêlos de camelo e cinto de couro em volta dos lombos e não comia carne nem bebia vinho, alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre. Assim atravessava o deserto na peregrinação de anunciação da vinda do Príncipe da Paz. Posteriormente, o pregador teria sua cabeça posta em uma bandeja, servida no saciar da orgia, para satisfação de prazeres bestiais daqueles que criam que o poder do ouro suplantava o divino.

Filho de Isabel (prima de Maria, mãe de Jesus), João Batista foi o escolhido para anunciar a vinda de Cristo, o Salvador, e fazia-o no ermo da Judéia dizendo:

- Arrependei-vos, pois o reino dos céus se tem aproximado.

Sua mensagem de libertação condenava a luxúria, as orgias, os desmandos autoritários e o incesto, sendo certo ter sido este o motivo maior de sua decapitação.

Em uma terra em que eram cultuados tantos deuses, mágicos e adivinhos, é óbvio que o Príncipe da Paz incomodaria com a sua mensagem de que a fé leva ao Pai, alcançando-se, com ela, a salvação. Os efeitos da sublime mensagem de amor e fé, que amenizava as dores do corpo exaltando a elevação do espírito, eram repudiados, principalmente, por aqueles vindos do outro lado do oceano como dominadores, visto que muitos deles viviam entregues aos prazeres efêmeros da vida, mergulhados nas entranhas da carne, e, assim sendo, desprezavam a sublimação do Espírito e a remissão dos pecados pregadas por Cristo. Faltava-lhes, para a remissão e salvação, a fé necessária!

Arrasta-se o tempo, e, mesmo dois mil anos depois, pouco mudou na região da Terra Santa. O império dispersou-se, diluiu-se como todo o efêmero, e não mais impõe pela força seu domínio autoritário. Mas, ainda assim, ali, onde a semente do deserto regada pelas águas do Jordão aflorou para toda a humanidade em frutos de perdão e de amor, mata-se em nome de "Deus", o que, no mínimo, é um contra-senso que transforma luz em trevas.

Numa região onde Moisés, Elias e Cristo fizeram-se presentes, cada qual a seu tempo e à sua maneira, atuando como mensageiros do Supremo Ser Celestial para trazer as mensagens transformadas em Leis e ditames que fundamentam a razão do ser e a elevação do espírito, o homem parece ter esquecido o verdadeiro motivo da vinda de seus Iluminados. Numa disputa lavada com sangue, ainda hoje, busca o que lhe parece ser de direito, usando, para isso, métodos tão primitivos como aqueles utilizados na Antigüidade, quando, através de sacrifício e sangue ofertados, buscava-se o perdão e a centelha da iluminação.

Tribo contra tribo. Irmão contra irmão. Tudo continua a andar na contramão dos ensinamentos germinados às margens do Mar da Galiléia, sob o teto iluminado do Oriente, que levaram o Príncipe da Paz ao martírio e à morte, para que fosse cumprida a profecia de aliviar o homem de seus pecados.

No firme objetivo de deixar para toda a humanidade um legado de Amor e Luz, como forma de condução do homem à purificação do corpo e à elevação do Espírito, Cristo foi humilhado, maltratado e, por fim, pregado na cruz, em Jerusalém, ao lado de ladrões. Dando, ali, o maior exemplo de Sua pregação de amor ao clamar ao Pai que perdoasse seus algozes, pois eles "não sabiam o que estavam fazendo". Assim, com o Seu exemplo, deixava como herança, para todo o povo de Deus, o entendimento de que a responsabilidade de cada ato pertence a quem o pratica, assim como a glória de seus efeitos, a qual é colhida como as mais raras flores nos jardins celestes pelo próprio Criador do Universo, perfumando o verdadeiro sentido da vida por toda a eternidade.

A história de Cristo havia chamado os peregrinos à Terra Santa. No entanto, apesar de toda a sua magia e beleza, enveredaram no deserto da Jordânia, na Cidade Rosada de Petra, construída há milhares de anos pelos edomitas e nabateus, povos de grande sensibilidade artística, que, para que fossem cumpridas as profecias, desapareceram. Lá, o Andarilho passaria a ser chamado Karm Álek pelo beduíno Yasha, o qual anunciou ser herdeiro de Arão. Na Cidade Rosada, puderam os peregrinos descobrir o que já foi dito por outros em outras épocas: que o acaso não existe.

A princípio, os peregrinos Antonio César Andrade, Eustáquio Palhares, Lucas Izoton e Karm Álek tinham como objetivo e planejamento, movidos pela vontade de captar as emanações do Solo Sagrado, caminhar na rota percorrida pelo Maravilhoso Conselheiro, peregrinando em favor da paz e da renovação do espírito.

Eles, que já haviam percorrido os Caminhos dos Passos de Anchieta (Espírito Santo - Brasil) e Santiago de Compostela (Espanha), ao escutarem o chamado vindo do Oriente para que revivessem os Passos do Príncipe da Paz nas terras de Israel e Palestina, atenderam ao mesmo.

Depois de desembarcarem em Tel Aviv, rumaram até o local onde o Anjo Gabriel anunciou a Maria, na cidade de Nazareth, a vinda de Jesus Cristo, o Príncipe da Paz, que, para sobreviver, teve que fugir com seus pais, quando ainda era um recém-nascido, para não ser assassinado, como aconteceu com muitas crianças na época, a mando do tirano Herodes, o rei que, ao tomar conhecimento do nascimento do "Rei dos reis", com medo de perder seu poder e reinado, determinou que todas as crianças fossem traspassadas pelo fio da espada. Um ato de profunda barbárie que marcou de forma trágica o início da vida do Cristo e a história da humanidade.

As correntes do mal faziam-se efervescentes no caldeirão do temor ao anúncio das novas Leis fundamentadas no perdão e no amor, que germinariam e floresceriam para toda a história da humanidade através da semeadura de Cristo e levariam à derrocada as da vingança e do ódio, princípios ativos das correntes do mal.

Turbulenta como nos velhos tempos, quando o Cristo morreu crucificado, a região vivia um clima de tensão durante a estada dos cavaleiros peregrinos naquela terra. As disputas pelos lugares sagrados prenunciavam a lavagem da terra com sangue.

A situação viria a explodir logo após a saída dos quatro da Terra Santa. E ali começaria um grande derramamento de sangue. Como havia sido anunciado na antigüidade, o local transformou-se em "choro e ranger de dentes".

Durante a estada nos territórios de Israel e da Palestina, os peregrinos não perceberam o tamanho do risco que corriam. A pureza de coração que os conduziu à peregrinação pela Terra Santa em busca da luz turvava-lhes a razão e, desta forma, não lhes permitia ver os prenúncios da guerra que se faziam efervescer no sangue daqueles povos que vivem em constante conflito, apesar de habitarem uma região onde Deus se fez presente e também Seu Filho Dileto, cravando nela um marco sublime para a história da humanidade.

Mensageiros da paz, os quatro traziam escrito em seus uniformes "Peace - Shalom - Slam - Paz" (paz nos idiomas inglês, hebraico, árabe e português), para que todos soubessem que peregrinavam em seu nome, em busca de absorverem nos lugares sagrados os ares filosóficos que dão vida, princípio e base aos ensinamentos cristãos que lá foram pregados pelo Príncipe da Paz, Aquele que deu Sua vida na cruz para salvar a humanidade.

Não imaginavam eles que, cada vez que entravam em território palestino, corriam sério risco de vida, pois, apesar de terem estampada em seus uniformes a divisa da paz, traziam nos mesmos o desenho da Estrela de Davi, o que poderia ter sido interpretado como uma

afronta àquele povo, pois tal estrela representa, para os palestinos, o símbolo do inimigo. Inocentemente, os quatro ostentavam-na com o elevado propósito de cortesia aos habitantes do território de Israel, o qual cortaram a pé de um extremo a outro durante a peregrinação de aproximadamente 260 quilômetros.

Do mesmo modo, traziam estampado em suas camisas um mapa da antiga Palestina, que representa para os judeus parte do território em litígio, o que poderia, desta feita, ser interpretado como uma manifestação contrária ao povo de Israel.

Após o retorno ao Brasil, analisando as situações vividas por eles, em certos momentos, enquanto percorreram aquela região, puderam entender o porquê de, em determinados lugares, terem sido tratados com indiferença, desconfiança, intimidação e, algumas vezes, até ameaçados com palavras e gestos que poderiam ter culminado em tragédia.

Mesmo não comungando com a idéia do conflito, os quatro respeitaram e compreenderam as vezes em que se viram ameaçados, visto que, ao se colocarem no lugar dos palestinos e dos judeus, entenderam que num momento tão delicado como o que vivia a região, onde o "barril de pólvora" estava prestes a explodir, os olhos, em ambos os lados, estavam atentos e voltados para tudo que representasse o inimigo. Estava instalado o estado de tensão. Os peregrinos, formados na escola filosófica de que "para cada semente nasce um fruto, sendo que cada qual planta a semente onde deseja e é o único responsável pela colheita", traziam em si a consciência de que ninguém está dentro do outro para saber a semente que ele traz e onde vai plantá-la.

Os quatro portavam como princípio o respeito pela crença, filosofia e ideologia de cada ser, tendo em vista que todos têm o direito de viver e agir da forma que melhor lhes convêm; afinal, ninguém será responsável pela ação do outro na hora em que este se sentar no Tribunal Divino, onde a balança suprema pesará, grama por grama, o peso do livre arbítrio que a cada um é dado.

Os peregrinos não pretenderam ofender nem tomar partido de judeus ou palestinos, pois a peregrinação à Terra Santa teve como princípio ser uma missão de amor e paz, na qual, em momento algum, houve a intenção de ofensa a quem quer que seja.

Pode ser que os quatro sejam, durante um longo tempo, os últimos peregrinos (principalmente estrangeiros) a percorrerem aquela via a pé de um extremo ao outro, cruzando territórios judeus e palestinos, pois o confronto que se instalaria após o término do estado de paz, em treze de setembro do ano dois mil, traria de volta uma antiga rixa que há muito se tornou guerra. Muitas mortes aconteceram, e tal fato acirrou os ânimos de ambos os lados, enquanto o mundo assistia, pasmo, ao derramamento de sangue daqueles povos.

É provável que, tão cedo, a paz não volte a reinar naquela região e que os descendentes dos assassinados guardem (a exemplo do que foi visto pelos peregrinos ao visitarem, no Al-Haram Al-Sharif, o Museu Islâmico, na velha Jerusalém, em território onde está situada a Esplanada das Mesquitas, no qual estão expostas roupas de palestinos mortos em confrontos) as marcas de seus mortos, para que estes continuem lembrados, como uma

forma de preservar a dor, a mágoa e até o ódio contra os inimigos. Por certo, o mesmo acontece com os judeus mortos pelos palestinos. Desta forma, o ar tende a continuar impregnado do enxofre exalado pelo clima de guerra, como é há milênios, sempre pronto a entrar em erupção ao menor deslize.

Sob um forte calor de até 50º C em determinados trechos da peregrinação, com escassez de água e pouca sombra, caminharam os quatro cavaleiros durante dez dias consecutivos, desde a saída de Nazareth até a chegada à Cidade Santa, na velha Jerusalém.

Como não estavam acostumados a uma temperatura tão elevada e não havia tempo para se adaptarem, a caminhada sob uma adversidade climática tão forte exigiu dos peregrinos princípios que são fundamentais para todos os que querem alcançar um objetivo na vida. O olhar direcionado para o alvo, traçando, daí, as diretrizes a serem adotadas para chegarem ao final da jornada, foi a célula *mater* que delineou o que pretendiam. A adaptação do que possuíam às condições da travessia proporcionou o esquema empregado na conquista do objetivo. A gratidão pelo que recebiam foi fundamental para que sempre encontrassem, no trecho seguinte, a provisão de suas necessidades. A paciência na cruzada dos sucessivos passos garantiu a travessia sem o desgaste excessivo da ânsia, sendo coroada com a persistência, que se fez e que se faz necessária e fundamental para todos aqueles que almejam atingir a bom termo as peregrinações na vida. Assim, os peregrinos atravessaram os territórios de Israel e da Palestina, cruzando os sucessivos portais onde se instalaram a base e os fundamentos cristãos pregados pelo Príncipe da Paz e difundidos por seus discípulos e seguidores para a perpetuação nos séculos e milênios.

Ao longo do caminho, antes de chegarem à Terra Santa, os peregrinos passaram por vários lugares onde o Príncipe da Paz fez Sua peregrinação, deixando impregnada a profundidade celestial de Seus ensinamentos.

Partindo de Nazareth (onde Maria ouviu o anúncio feito pelo Anjo Gabriel), os peregrinos, revivendo o trajeto do Mestre, passaram pelo Monte Tabor (onde foi anunciada a construção de três tabernáculos, um para Moisés, aquele que conduziu seu povo pelo deserto durante quarenta anos, esteve frente a frente com Deus e Dele recebeu a tábua com os mandamentos, outro para Elias, o Profeta que ascendeu ao céu, e outro para Jesus, o Príncipe da Paz, que veio pôr fim à Antiga Lei e redimir os pecados através da fé), Canaã (onde Jesus, entre outros feitos, transformou água em vinho), Tiberíades (onde realizou diversos milagres às margens do Mar da Galiléia e deu a Seus discípulos um exemplo da fé, andando sobre as águas e acalmando a tempestade) e Tabgha (onde, multiplicando pães e peixes, saciou a fome da multidão que O acompanhava e ouvia a Sua pregação), chegando ao Monte das Beatitudes, onde Jesus proferiu, sob o olhar atento da multidão que O ouvia, perplexa, o Sermão da Montanha, o mais célebre ensinamento dos fundamentos cristãos, iniciando pelas bem-aventuranças:

- Bem-aventurados os que têm coração de pobre, porque deles é o reino dos céus! Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados! Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra! Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão

saciados! Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia! Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus! Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus! Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus! Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo mal contra vós por minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós.

No alto daquele monte, Lucas Izoton, filho de Genoveva, leu para os outros peregrinos, à sombra de uma árvore, o sermão citado pelos evangelistas Mateus, Marcos e Lucas, no qual, ao concluí-lo, advertiu Jesus:

- Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa: ela, porém, não caiu, porque estava edificada na rocha. Mas aquele que ouve as minhas palavras e não as põe em prática é semelhante a um homem insensato, que construiu sua casa na areia. Caiu a chuva, vieram as enchentes, sopraram os ventos e investiram contra aquela casa, e ela caiu, e grande foi a sua ruína.

Prosseguindo a peregrinação, os quatro passaram por Cafarnaum (terra onde o Cristo viveu a maior parte de Sua vida, arrebanhou a maioria de Seus discípulos, ressuscitou a filha de Jairo e curou o servo do centurião e o paralítico descido do telhado), Bithsaida (onde realizou a cura de um cego e, próximo dali, alimentou mais de cinco mil pessoas) e, ao chegarem em Yardenid, onde João Batista batizava aqueles que desejavam converter-se, o peregrino Lucas Izoton batizou Karm Álek e foi batizado por este, que também batizou Antonio Cesar Andrade, evocando a Deus:

- Senhor, nosso Deus, que destes a João Batista o poder para nestas águas batizar Vosso Filho Dileto Jesus Cristo, rogamo-vos: permiti que, ao recebermos este batismo, lavemos nossos corpos, limpemos nossas mentes, elevemos nossos espíritos e, batizados em Vosso nome, manifestemos a plenitude do amor. Que nossos olhos enxerguem apenas as belezas da vida, nossas bocas somente promovam o amor e nossas mentes captem somente Vossa voz e Vossos ensinamentos, para que sejamos um instrumento de Vosso amor para tudo e para todos. Assim sendo, rogamos o perdão de nossos pecados. Que a Luz de Nosso Senhor Jesus Cristo seja a Luz do nosso caminho e Vós o poço de amor de nossos pensamentos, atos e ações agora e sempre.

A peregrinação continuou por Jericó (onde Jesus curou o cego Bartimeu e outro e foi tentado no Monte das Tentações após jejuar quarenta dias e quarenta noites), Betânia (onde ressuscitou Lázaro) e Belém, onde o Messias nasceu como Rei, mas em uma manjedoura num velho estábulo, numa demonstração de que para sermos grandes não é necessário que nasçamos em “berço de ouro”, mas que guardemos os princípios, cultuando-os e difundindo-os, a fim de elevar o nome do Pai que nos deu a vida para a elevação do espírito.

Ao longo do caminho, os peregrinos visitaram diversos templos e lugares sagrados onde o Cristo deixou Seus ensinamentos, os quais, ainda hoje, passados dois mil anos, permanecem a ecoar pelos quatro cantos da Terra, lembrando a proximidade que o homem deve ter com Deus.

A exemplo do Mestre, todos os Seus discípulos morreram martirizados, exceto João, o apóstolo do amor, que morreu de morte natural, e Judas Iscariotes, o traidor, que se suicidou.

Simão Pedro foi crucificado de cabeça para baixo; André foi crucificado em cruz de X; Tiago (Boanerges) foi decapitado; Tiago foi crucificado no Egito; Judas, martirizado na Pérsia; Filipe morreu na Frígia; Bartolomeu morreu esfolado; Mateus e Tomé, martirizados na Etiópia; e Simão foi crucificado.

Os apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João escreveram os quatro evangelhos sobre a vida e a mensagem de Jesus Cristo. E cada um deixou sua impressão sobre Ele. Para Mateus, é o Messias; para Marcos, é o Realizador de Maravilhas; para Lucas e João, é o Filho de Deus. Apesar de anunciá-Lo setecentos anos antes de chegar à Terra, o profeta Isaías deu-Lhe o nome mais apropriado: Príncipe da Paz.

No caminho, seguindo os passos de Jesus, os quatro peregrinos sentiram na pele o forte calor que transformava em miragens até mesmo as paisagens das colinas de Golan, de onde brotam as águas do Jordão.

Cada passo no caminho percorrido por Jesus da Galiléia enchia-os de emoção, mergulhando-os num dos mais significativos acontecimentos da história da humanidade: a vida e morte de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Apesar de tudo que viviam e sentiam, não eram capazes de prever que algo espetacular aguardava-os do outro lado da fronteira, no deserto da Jordânia, onde Moisés viu e falou com Deus, fincou o cajado fazendo jorrar água para saciar a sede de seu povo, recebeu a Tábua com os Mandamentos, caminhou com a Arca da Aliança e foi arrebatado por Deus.

Em Yardenit, após o batismo, Karm Álek conheceu Sérgio, um brasileiro que lhe falou sobre Petra, a Cidade Rosada do Deserto. Tal notícia fez com que seus olhos brilhassem como os de uma criança, enchendo o peregrino de satisfação e expectativa, pois sempre fora um sonho seu conhecer aquele magnífico lugar. No entanto, até então, aquilo era apenas um sonho, pois Petra estava fora da rota estabelecida pelos quatro ao embarcarem para o Oriente.

A princípio, constava na programação dos peregrinos em território jordaniano conhecerem Amã (cujo nome representa a concessão da vida a um inimigo vencido, nos países muçulmanos), a capital da Jordânia, e Jerash, uma cidade que, segundo interpretação do grupo, representava o mais expressivo exemplar preservado da arquitetura romana da época do grande império, mais até mesmo que Pompéia, a cidade destruída pelo Vesúvio, também visitada pelos peregrinos durante a viagem.

Amã, situada ao leste do Jordão, teria sido fundada pelos gregos ao norte da Peréia, a "terra de além", a qual ligava a Judéia à Galiléia através da estrada da margem oriental, de

forma que o povo de Jerusalém pudesse estar com seus correligionários do norte sem que fosse preciso trafegar pela Samaria. Filadélfia era o nome da cidade instalada em Raba dos Amonitas, atual Amã, e Jerash é a bíblica Gerasa, fundada no século II a.C., mas que já era ocupada há dois mil e quinhentos anos a.C.; ambas faziam parte da Decápole proveniente de dez cidades fundadas pelos gregos no século IV a.C. Entre todas, Amã e Jerash eram tidas como as mais importantes.

A representatividade das duas cidades do velho mundo para a história universal, por si só, já teria enriquecido a viagem dos peregrinos, que se maravilharam ao adentrar no grande pórtico em direção ao Foro de Jerash, cuja arquitetura extraordinária fascina os visitantes com suas dezenas de colunas de aproximadamente oito metros de altura que formam um círculo, do qual se estende uma rua de mais de seiscentos metros de comprimento, adornada com pórticos e belezas estruturais milenares que atraíam todos os que passavam pela rota comercial ali trafegada durante quinhentos anos (século II a.C. ao século III d.C.) e que, ainda hoje, apesar de se encontrar em ruínas, não perdeu a magnitude de seu esplendor.

Conheceram também, em território jordaniano, o Monte Nebo, a montanha de onde Moisés, depois de peregrinar durante quarenta anos com seu povo pelo deserto, pôde avistar a Terra Prometida.

A região da Terra Santa teve, através dos milênios, o maior número de mapas delineando territórios. Um deles foi descoberto nas ruínas da Basílica de Madaba, um mosaico representando a Terra Santa há dois mil e seiscentos anos, podendo-se nele localizar os lugares santos, inclusive o suposto local da ressurreição, mesmo estando parcialmente danificado. Tal mosaico foi visto pelos peregrinos por ocasião de sua visita à Jordânia, bem como o lugar onde Cristo fora batizado por João Batista às margens do rio Jordão. No entanto, nada se compara aos templos e monumentos de Petra, talhados em suas paredes rochosas. Lá os peregrinos viajariam no tempo e descobririam importantes histórias do lugar envolvendo Moisés, Abraão, Arão e também Paulo de Tarso, personagens da história bíblica que, de alguma forma, tiveram contato direto com Deus.

A Jordânia é um território que guarda em seu solo um dos maiores acervos da humanidade, rico em beleza, arte e história.

Jerash, Monte Nebo, Madaba e Petra são alguns dos lugares preservados pelos jordanianos e que contêm significativo tesouro histórico, guarnecido de forte energia impregnada em toda a sua atmosfera.

Coube ao jordaniano Faisal, cujos ancestrais viveram no deserto, conduzir Karm Álek e seus três companheiros peregrinos na visita à Jordânia, bem como os levar a Petra.

No segundo dia em território jordaniano, depois de viajarem por várias horas no deserto, em meio a uma paisagem árida que se perdia no infinito, provocando por vezes a aparição de miragens, eles chegaram a Petra.

Logo na entrada da cidade, Faisal começou a contar que aquele lugar tinha sido construído há mais de dois mil anos, que era um importante centro arqueológico, cultural,

arquitetônico, filosófico e religioso da humanidade e que há três mil anos vinha sendo habitado.

Karm Álek, que havia sugerido aos seus companheiros visitar Petra, era fascinado pelo lugar, mesmo conhecendo através de fotografia, apenas o templo Al-Khazneh Farun, a "Tumba do Faraó". No entanto, ele não imaginava o que os aguardava pela frente. E muito menos aquela era uma fantástica cidade, para a qual ainda não foram inventadas palavras que exprimam tamanha beleza e arte.

Os primeiros passos rumo à Cidade Rosada foram marcados por uma paisagem em tom bege, própria da aridez do deserto.

Faisal contou que ali próximo, ao norte, encontrava-se Al-Beidha, que, a exemplo de Jericó, cidade também visitada pelos peregrinos, constitui o mais antigo sítio arqueológico do Oriente Médio, com nove mil anos.

Al-Beidha foi descoberto pela arqueóloga Diana Kirkbride, que, entre 1.953 e 1.983, realizou uma série de escavações e comprovou que aquele lugar é um dos poucos lugares que conservam testemunhos do período de transição em que o homem deixou de ser nômade para se fixar em um habitat, criando animais e cultivando gêneros alimentícios.

O guia disse que as escavações comprovaram que a presença do homem naquele lugar atravessou sete períodos importantes da história desde o Mesolítico. E que cada elo descoberto é uma peça que dá origem ao mosaico de existência da raça humana. Através das construções e estilos distintos, da descoberta dos artesanatos e de outros artefatos foi possível desvendar muito sobre a história da vida no planeta Terra. O lugar também possui as mais antigas construções do período Neolítico, quando o homem vivia em tendas cobertas por palha e protegidas por uma camada de barro, as quais eram dispostas em círculo.

O relato de Faisal deixou os peregrinos encantados, pois sabiam que estavam pondo os pés num dos primeiros locais pisados pelo ser humano.

O descendente de beduíno explicou aos peregrinos que, durante as escavações naquele sítio arqueológico, foi encontrado um selo que provavelmente pertenceu a um rei edomita, contendo inscrições fenícias que devem datar de sete séculos antes de Cristo. O achado é muito importante, pois aquelas podem ser as primeiras inscrições de referências edomitas. No local, também foram encontrados restos de muralhas e moendas de pedra de incalculável valor histórico.

Nos arredores, encontram-se os restos de uma fortaleza dos Cruzados, a fortaleza de Al-Wu'eira, que hoje se resume apenas em alguns muros de pedra, pois a mesma foi violentada por várias vezes durante as batalhas ali travadas, principalmente pela de 1.144 a.C., ocasião da conquista pelos muçulmanos. Após aquela batalha, Baldovino III, rei de Jerusalém, na busca de restabelecer o domínio da região e de expulsar os muçulmanos que lá se estabeleceram, tomou uma atitude que contrariava as regras das guerras santas destruindo todas as árvores ao redor dos vales para vencer o inimigo.

A história contada por Faisal era um prenúncio para os peregrinos de que a região tratava-se de um profundo e importante poço de informação, cultura e fascínio que os faria mergulhar no cerne da história.

Ao iniciarem a jornada, passando pelo Centro de Visitação, foram avisados de que até o Al-Khazneh Farun teriam que andar cerca de trinta minutos a pé ou alugar um animal para conduzi-los, caso quisessem abreviar a chegada ao templo.

O sangue de peregrino fez com que eles optassem pela caminhada a pé, por mais que o lombo dos camelos atraísse-os. E não poderia ser de outro jeito, pois somente conhecemos verdadeiramente os lugares quando os palmilhamos passo a passo; caso contrário, temos uma visão parcial do lugar e da gente.

- Próximo daqui está a "pequena Petra", como é conhecida a Al-Barid, que, nos tempos áureos do reinado nabateu, encontrava-se no meio da principal rota que levava à Arábia e servia de depósito das mercadorias a serem comercializadas na cidade de Petra e com os mercadores que por ali trafegavam. Al-Barid, a exemplo de Petra, encontra-se no fundo de um desfiladeiro de pedra parecido com o Siq, tendo a entrada dotada de inúmeras cisternas que armazenavam água para abastecer o lugar e servir aos transeuntes. Do alto do desfiladeiro, seus habitantes montavam guarda para protegê-la. O lugar é dotado de diversas obras nabatéias, como tumbas, moradias, monumentos e templos. E, assim como Petra, é um lugar carregado de energias, mistérios e espiritualidade. Entre as obras mais conservadas do lugar, encontra-se a Casa Pintada, um templo cujas paredes são decoradas com pinturas de florais e pequenos querubins, o que vem confirmar que lá também habitavam os anjos. Em Al-Barid, ainda hoje, vivem inúmeros descendentes de beduínos. Aquele é um lugar de grande beleza arquitetônica, que exprime parte da história do enigmático povo nabateu – comentou Faisal enquanto começavam a percorrer a senda que conduz à Cidade Rosada, onde, logo na entrada, encontraram os blocos de pedra que, segundo o beduíno, são denominados Djin Blocks.

- Djin, em árabe, significa espírito. Diz-se que foram eles, os espíritos, quem fizeram as escavações nas pedras e que eram eles os guardiões da cidade e do povo Nabateu – explicou Faisal.

A forma, estrutura e inscrições incrustadas naqueles blocos de pedra eram um aviso de que Petra tratava-se de um lugar especial, guarnecido por seres especiais.

As primeiras explanações do guia produziram um tom de curiosidade nos peregrinos, que estavam prestes a desvendar as histórias que veriam e ouviriam sobre aquela antiga civilização e aquele instigante lugar.

Fascinado com a energia que emana das paredes rochosas do Siq, Karm Álek tratou de acelerar seus passos, pois se sentia como uma serpente encantada pronta para sair do cesto. O caminho chamava-o. Pressentiu que sozinho poderia ouvir melhor a voz que dele ecoava; assim, tratou de acelerar seu passo, distanciando-se do grupo e deixando para trás seu rastro na poeira do solo árido.

Quando menos esperava, ouviu claramente uma voz ecoar pelas paredes, dizendo:

- Tragam a Arca.

E pouco depois:

- Ele vai ler na Tábua o que foi escrito pelo Senhor.

Deu um giro imediato de trezentos e sessenta graus, buscando a fonte de onde vinha a voz, sem nada encontrar ao redor, a não ser seus companheiros acompanhados de Faisal a dezenas de metros atrás de si. Imediatamente, sua mente mergulhou em diversos questionamentos sobre o ocorrido. "O que está acontecendo comigo?", pensou. Estaria ouvindo a voz dos espíritos que, o guia assegurara serem guardiões do lugar? Ou tendo "miragem auditiva"? Achou por bem guardar aqueles dizeres que foram soprados pela atmosfera desértica e, sem pedir licença a seus ouvidos, aconchegaram-se em sua mente.

Enquanto Karm Álek caminhava à frente do grupo, estupefato com o que via e ouvia, Faisal discorria para Lucas Izoton sobre a história do lugar, enquanto Antonio Cesar e Eustáquio Palhares, acompanhando-os lado a lado, ouviam atentamente cada palavra do guia.

Na entrada do Siq, um penhasco de aproximadamente oitenta metros de altura que forma uma garganta e que conduz à Cidade Rosada do Deserto, Karm Álek ficou a contemplar os condutores de água construídos há séculos pelos nabateus em ambos os lados das paredes rochosas. Achou impressionantes as técnicas gravitacionais empregadas para empreender aquele projeto dos canais, os quais se estendem ao longo de todo o Siq e abasteciam de água a cidade. Tal constatação deixava claro para o peregrino que naquele lugar vivera um povo com profundos conhecimentos metafísicos.

Depois de uma longa caminhada por entre as paredes do penhasco sem perceber o tempo passar, o peregrino avistou, a aproximadamente cem metros, o Templo de Al-Khazneh Farun. Apesar da vontade de correr em sua direção para tocá-lo, resolveu esperar seus companheiros, que ali chegaram alguns minutos depois. Como uma criança quando recebe um presente muito especial, Karm Álek gritava efusivamente para os outros peregrinos, lembrando-lhes o que havia comentado sobre o templo:

- Eu não falei! Eu não falei! Olhem lá! Aquele é o templo!

E todos, maravilhados, miravam através da fenda do Siq o belo Al-Khazneh Farun, a Tumba do Faraó, com aproximadamente vinte metros de altura, resplandecendo em tom rosa, refletindo o radiante sol do deserto.

Olhares perdidos fundiam-se ao templo, como se custassem a crer no que viam. Assim estavam os quatro peregrinos quando o guia Faisal trouxe-os de volta ao ponto onde se encontravam:

– Isto é apenas uma pequena mostra do que verão. Este local só não está incluído entre as sete maravilhas do mundo porque os ocidentais somente tomaram conhecimento do fabuloso tesouro de Petra em 1.812, quando o explorador suíço Burckhadt descobriu-o. Diz-se que o explorador suíço Burckhadt tinha informações sobre a existência de uma misteriosa cidade localizada entre as montanhas rochosas do território árabe em um lugar secreto, onde se instalou um povo de talentos especiais e percepções extra-sensoriais. Um

povo de grande sensibilidade artística, cultural e científica que teria exercido no passado importante influência no Oriente Médio. O fato de falar diversos idiomas, entre eles o árabe, possibilitou ao explorador Burckhadt passar-se por muçulmano e, desta forma, trabalhar no território em seu projeto de descobrir a cidade perdida. Burckhadt, para poder desenvolver seu projeto de exploração, usava para os árabes o argumento de que desejava descobrir e fazer um sacrifício sobre a tumba do profeta Arão, que se encontrava perdida em algum ponto daquela região. Assim, obteve o consentimento do governo árabe para trabalhar no local sem levantar suspeitas sobre o seu real propósito: descobrir aquela que foi a capital dos nabateus e um importante centro comercial que dominou a região até que Roma ali se instalasse e ingerisse naquela terra e naquele povo os moldes do Império. Muitas histórias vêm sendo contadas através dos séculos sobre o povo que construiu Petra e sobre seus habitantes. Dizem que eles eram nômades e que se estabeleceram no território transjordaniano para instalar seu comércio de especiarias. Há também os que contam que eram salteadores que saqueavam as caravanas e que se instalaram aqui devido à abundância de água armazenada cuidadosamente nas várias cisternas espalhadas pelo território, além, é claro, da posição estratégica que lhes garantia a segurança necessária contra os ataques inimigos, tendo ao redor as montanhas que protegem a cidade, como o maciço de Umm Al-Biyara. Na verdade, todas as histórias têm uma razão de ser, pois os edomitas, os nabateus, os beduínos e também importantes figuras bíblicas tiveram suas vidas vinculadas a estas terras.

Os relatos de Faisal instigavam os peregrinos a acelerarem os passos a fim de desvendar os enigmas guarnecidos pelas montanhas rochosas há milhares de anos, tendo em vista que tudo era tão fascinante que os entorpecia, deixando-os tomados pelo desejo de mergulhar nos mistérios do lugar.

Na medida em que os peregrinos percorriam o desfiladeiro do Siq, beduínos de peles curtidas pelo sol do deserto passavam montados em seus camelos tão resistentes ao lugar e ao clima quanto eles próprios, numa demonstração de que em uma terra tão inóspita apenas os fortes sobrevivem.

A história narrada por Faisal de que os salteadores utilizavam aquela região como esconderijo mostrava-se provável devido à formação geológica do lugar, propício para tal fim. O desfiladeiro Siq representa na construção de Petra uma espécie de fortaleza natural para guarnecer a Cidade Rosada. Mesmo hoje, ainda podem ser vistos, em vários trechos ao longo do desfiladeiro, locais estratégicos em que os antigos habitantes do lugar observavam todo o movimento daqueles que penetravam na cidade. Da mesma forma, os abrigos serviam para que os guardiões pudessem atacar os invasores sem ficar expostos ao revide. Do alto do desfiladeiro, escondidos nas guaritas de vigília, cada homem valia por cem, o que proporcionava uma enorme vantagem para os guardiões de Petra.

Os peregrinos sentiam-se como se estivessem sendo vigiados, tamanha a carga energética impregnada no lugar, pois o desfiladeiro parecia ter olhos: os olhos dos

guardiões dos templos e tesouros de Petra, que tantas vezes surpreenderam e derrotaram os invasores.

A cada passo que dava pelo Siq, o peregrino sentia o coração bater mais forte, parecia estar tomado de uma premonição inconsciente. Era como se algo lhe avisasse o que estava para ocorrer, como cantar em línguas estranhas nos templos milenares e seu encontro com o beduíno Yasha, aquele que diria ser herdeiro de Arão e que lhe daria o nome de Karm Álek. Como uma esponja, o peregrino procurava absorver o máximo possível sobre aquela terra e seu povo, visto que sua estada naquele lugar era, do ponto de vista temporal, aparentemente insuficiente para desvendar tantos mistérios.

A primeira impressão que se tem ao atravessar as enormes paredes rochosas do desfiladeiro e deparar-se com "O Tesouro do Faraó", templo rosado esculpido na rocha, segundo Faisal, na época do rei Areta, por volta do ano 84/85 a.C., é de que artistas de fino trato ou "deuses Olimpo", inspirados na arquitetura celeste, haviam talhado aquela obra. A proclamação de Faisal de que foram os espíritos que construíram a Cidade Rosada já não representava nenhum absurdo, e muito menos parecia estar longe da realidade. Os detalhes e a posição estratégica do templo consagravam as afirmativas de que aquele lugar é especial e carregado de forte magnetismo. O esplendor das construções ímpares da cidade perdida é a garantia de que Petra é um lugar realmente mágico.

Grande foi a emoção do caminhante ao ver o Al-Khazneh Farun. Os mais de dois mil anos de existência sob o abrigo da rocha rosada na qual se encontra esculpido não conseguiram apagar as belezas do templo, nem deformar sua estrutura ornada por seis pilastras entalhadas na pedra, com desenhos e esculturas de raro esplendor e significativo dom artístico.

Os detalhes meticulosos ornando as bases e sustentos aéreos das colunas e o triângulo amparado por quatro delas parecem representar os quatro evangelistas, protegidos pela Trindade. A parte superior, guarnecida por entalhes de figuras de anjos carcomidas pelo tempo, proporciona o toque angelical dos sublimes construtores da Cidade Perdida do Deserto. Para se chegar à porta central, é necessário cruzar as colunas do templo por quatro degraus e, a seguir, subir outros oito; o que poderia ser interpretado como sendo os doze apóstolos que viriam difundir as mensagens do Príncipe da Paz por todo o planeta. Ou talvez, os quatro primeiros degraus poderiam simbolizar os quatro pontos cardeais, numa demonstração de que Petra encontra-se em um importante eixo de forças cósmicas, numa ligação magnética entre a terra e o céu, que asseguram sua existência através dos milênios. Quanto aos oito, número símbolo do infinito, caracterizariam a infinita força de princípios que se fez necessária para rebuscar a imortalidade de seus construtores na materialização da confecção do templo.

Ali, frente ao Al-Khazneh Farun, que tanto desejara conhecer, Karm Álek viu a materialização do seu sonho. Atirou-se em uma viagem no tempo, encantado com a sensibilidade artística daqueles que entalharam o templo incrustado na rocha. Durante a contemplação, pôde sentir que tal escultura somente poderia existir e ter resistido às

intempéries graças à paciência, à persistência, à determinação e, acima de tudo, à inspiração de seus construtores, através de uma força divina que, por certo, pretendera deixar cravado na história da humanidade o que mãos bem direcionadas podem fazer para embelezar a vida e marcar o tempo com singular expressão, cujo fim parece ser adornar o já tão encantado planeta criado por Deus com a magnificência da criação divina.

A paciência, esta importante ferramenta humana, representou para os artistas que entalharam o templo mais que qualquer instrumento que pudesse ter sido utilizado na sua confecção. Ali, sem cola e sem remendos, cada entalhe teria que ser feito com a precisão de um cirurgião, a fim de não ferir a pedra nem deformar a obra, visto que o erro seria inadmissível numa operação de tamanha delicadeza, assegurando à cidade e seus templos grande durabilidade. A paciência é o dom necessário que produz o equilíbrio para a realização das grandes obras.

Foi necessário àqueles que debruçaram suas mãos sobre a confecção do templo, antes de seu começo, entregá-las Àquele que as criou, para que elas, a mente e o espírito trabalhassem juntos num mesmo diapasão, de forma que a afinação fosse perfeita na condução da laboriosa expressão da arte universal. Somente assim seria possível que as obras de arte permanecessem ali a ecoar no tempo como uma sublime canção de elevação do espírito humano e da presença divina.

Bendita paciência que conduz a mão do artista e é inflexível na mão do arqueiro, que procura com a flecha certeira alvejar o centro do universo, onde busca aninhar com a força de sua sensibilidade a perfeição para a produção da irradiação da chamejante luz que completa e incandesce o interior do ser, marcando-o com o selo do mestre, mesmo na condição de discípulo, ao atingir o âmago de suas raízes.

Aquela reflexão preparava Karm Álek para a entrada na Cidade Rosada. Era necessário que ele aproveitasse cada segundo de sua estada naquele lugar, sem pressa nem ânsia. No entanto, era fundamental que, a cada vez que inspirasse, oxigenando o sangue que bombeia e dá ritmo ao coração do peregrino, absorvesse no mesmo ritmo toda a essência vital existente, de forma que seus fluidos pudessem acompanhá-lo ao longo de sua trajetória nas peregrinações pelos caminhos da vida. Assim deveria atuar a paciência nos passos a serem seguidos.

O peregrino deveria multiplicar o tempo sem, no entanto, deixar de cultuar a importância da paciência na observação complacente de tudo que seria visto e vivido. Somente assim, unir-se-ia ao todo, fundindo-se a ele.

Seus passos deveriam fluir com a mesma harmonia multicolorida que resplandece nas rochas ao longo daquela via e que lhes dá um aspecto de arco-íris nos tons do fluido vital, utilizado por vezes nos rituais de sacrifícios da antigüidade.

- O único acesso para aquele que quer visitar a cidade de Petra é o Siq. Houve uma época em que existia em sua entrada um Arco do Triunfo, erguido em homenagem a Adriano, imperador romano, por ocasião de sua visita àquelas paragens. Petra, que entre os séculos V a.C. e I d.C. foi a capital dos nabateus, foi transformada em província romana

numa conversão feita pelo imperador Trajano. Desde então, deu-se início à derrocada do povo e da nação que tinham em Petra sua capital. Cumpriam-se, assim, as profecias bíblicas - explicou Faisal na porta do Tesouro do Faraó.

Conta a história de Petra que o Siq poderia ter sido formado pelo uade Mousa, um rio que por ali passava desde o período do Plestoceno para o escoamento da água armazenada entre as montanhas, ou poderia ter sido aberto naquelas paredes calcárias rosadas por um movimento tectônico. Ao peregrino não cabia questionar a formação do Siq, que, por certo, faz parte do cronograma estabelecido pelo Criador para a criatura.

Indiferentemente da formação geológica do terreno, o importante era o peregrino estar ali, de forma que pudesse melhor compreender o motivo de sua presença naquele lugar e viesse a entender que o acaso é algo que não existe dentro da formação sintônica do universo, pois cada ação reverte-se numa reação e vice-versa. Embalado por esta informação, descobriria a razão de tudo se interligar.

A entrada dos quatro peregrinos do século XX no primeiro templo da cidade de Petra teve toda reverência que o mesmo merecia, visto que, em épocas passadas, ali fora venerada, por vezes, a deusa da fertilidade, da vida.

Ao deitar-se sobre a terra e penetrar em suas entranhas, a água, símbolo mais nobre da fertilidade, faz erigir de seu colo o fruto que abastece o homem na manutenção da vida para a reprodução da espécie. Em Petra, a água e a terra enamoraram-se no meio do deserto. Com as bênçãos do astro-rei, formaram a simbiose perfeita da vida. Talvez por isso, a deusa da fertilidade teve um acento tão especial na cultura dos nabateus, visto que ela representava o alfa e o ômega de sua existência.

Apesar de cultuada com tanto carinho, a deusa e seus querubins não conseguiram fazer perpetuar a raça e o povo predestinado ao desaparecimento. Dizem os que acumulam a poeira do deserto em suas vestes que na campanha conduzida por Amasias, rei de Judá, foram exterminados no Vale do Sol dez mil edomitas, os quais teriam sido conduzidos ao alto do rochedo, sendo precipitados no vazio, deixando de existir como povo e nação.

Em épocas remotas, a fertilidade deu início à materialização do fluir que proporcionou a multiplicação do encadeamento de Adão e Eva nos bilhões de habitantes que hoje estão espalhados ao redor de todo o planeta Terra. Se ela, por um lado, multiplicou a raça, por outro, a serpente que penetrou no paraíso estendeu-se por todos os continentes da Terra, provocando a deformação dos princípios com a geração e produção da ganância, da prepotência e do endeusamento do acúmulo materialista desmedido, que desde Adão e Eva afastaram o homem de Deus.

O caminhar pelo Siq despertava o mistério que envolve a Cidade Rosada. As informações e o templo instigavam o peregrino a prosseguir na jornada, consciente de que cada coisa, a seu tempo, constrói o edifício da vida no assentar persistente de tijolo por tijolo, do primeiro ao último andar, onde cada bloco é importante na construção do todo, para que se alcance o topo do edifício e, de seu cume, seja possível desfrutar as belezas do horizonte.

Sem perceber, o peregrino subiu o primeiro degrau que o conduziria ao portal mais alto da milenar Cidade Perdida do Deserto, de onde são avistados o maciço de pedra de Umm Al-Biyara e as cisternas que armazenavam parte da água utilizada pelos nabateus. O maciço, com mais de 1.150 metros de altura, guarda em suas paredes rochosas mistérios ainda não desvendados.

No meio do deserto, os nabateus, ou aqueles que construíram Petra, encontraram uma forma de erguer uma cidade singular em beleza, arte e segurança, guardada pelo desfiladeiro do Siq e pela intransponibilidade do maciço de Umm Al-Biyara e da grande massa rochosa do Al-Habis, que circunda toda a cidade, o que lhe garantiu, por muitos séculos, soberania na região.

A sabedoria dos construtores de Petra não se restringiu à paciência empregada nas construções e à visão estratégica de instalar no meio do deserto uma cidade resguardada dos invasores que sobreviveria através dos milênios a fim de mostrar a sensibilidade de seus feitores como também fortaleceu a cultura de uma filosofia de reverência à elevação de espírito de seus mortos.

Retirar da rocha o bruto e fazer ressaltar a expressão do sensível através do indizível, por certo, alimentou cada um daqueles que, desde o raiar da história daquele lugar até o entardecer no apagar das luzes, fizeram cintilar a razão de tanta beleza e esplendor.

A persistência foi outra importante ferramenta utilizada na criação e materialização da Cidade Rosada. E deve ser vista como uma forma de condução paulatina da construção do edifício da vida daquele que quer alcançar o píncaro da existência e fundir-se à luz do próprio universo, fazendo com que sua vida resplandeça como Petra e a luz do sol, que a tudo dá vida e brilho sobre a face da Terra.

O peregrino, que havia atravessado mares em busca de conhecer os lugares que o Príncipe da Paz percorrera na propagação da mensagem de amor e luz e onde deixara Suas marcas, fascinava-se com aquilo que lhe era oferecido desde os primeiros portais de Petra: a cidade que o atraíra com sua formação energética tão pulsante como o oceano estelar que, com seu manto, abriga o planeta Terra.

Se quisesse atingir o topo do Umm Al-Biyara, Karm Álek teria que seguir os passos dos construtores, empregando a persistência em cada um deles - de forma que ficasse impregnada em suas entranhas a essência do lugar; em suas botas, a terra do chão; em seu cajado, as energias existentes entre a terra e o seu portador. Persistência para percorrer os trilhos e atalhos que conduziriam ao alto do maciço de pedra, onde, num bailar de pernas, como borboletas a flutuarem nos jardins encantados, pudesse subir ao cume de cada templo e avistar cada tumba no desvendar dos mistérios ocultos nos caminhos de Petra.

As vertentes dos uades Mataha, al Nassara, Turkamaniya, Ma'alsarat al Wasta, Ma'alsarat al Gharbieh, al al Sasabanah, Qattar, al Deir, Hadhabat al Zeltun, Slyagh, Thughra e Farasa, que desembocavam e formavam o rio Mousa, que em épocas remotas, contribuía para o abastecimento da velha cidade, devem ser percorridas por quem quiser conhecer as tumbas, templos, monastério, anfiteatro e monumentos de Petra, visto que em

suas margens, hoje totalmente secas, foram incrustadas tais obras magníficas. A água sempre foi a principal fonte de vida do planeta, e os nabateus souberam armazená-la e tirar proveito em possuí-la.

Nas proximidades da água, tudo floresce e é transformado, pois, da mesma forma que nela o Filho de Deus foi batizado com sua pureza e força, ela abençoa a tudo no lugar em que brota, dando o necessário para o surgimento e a manutenção da vida.

Os longos caminhos formados por pedras soltas e as construções esculpidas nas paredes rochosas fazem com que o visitante de Petra maravilhe-se a cada passo, esquecendo-se do calor e até da água que necessita beber, face à perplexidade pela qual fica possuído.

Os beduínos que ainda habitam o lugar oferecem aos visitantes cópias de relíquias encontradas nas suas escavações e, muitas vezes, também originais subtraídos daquele sítio arqueológico sem que as autoridades tomem conhecimento. Petra tem dessas coisas!

O Al-Khazneh Farun é, entre todos, o templo mais preservado da velha cidade, visto que seus construtores tinham-no como uma espécie de cartão de visita daquele povo. Além do mais, o Tesouro do Faraó conta com uma peculiaridade que os outros monumentos não dispõem. É que ele foi escavado mais para dentro e sob a proteção da rocha e do Siq, o que diminui o desgaste natural da ação do tempo.

Os nabateus reuniram seus conhecimentos de forma a estabelecer uma estrutura habitacional, cultural e arquitetônica que sobrevive mesmo depois do desaparecimento do povo e da nação. E o Al-Khazneh Farun é apenas um dos exemplos que perduram através dos milênios com seus mistérios e beleza.

A fachada, com as colunas que protegem a porta central do templo e as duas portas laterais é ornada com belos adereços, como rendas enfeitando o vestido da noiva mais bela da face da Terra. Dizem que, em algum lugar daquele templo, encontra-se o tesouro nabateu. O tesouro, segundo a lenda, estaria escondido no alto do templo, na cúpula central adornada por quatro figuras que bem poderiam representar os deuses nabateus ou, quem sabe, o fogo, a água, o ar e a terra, os quatro elementos que representam a estrutura da vida no planeta. No entanto, para qualquer pessoa sensível, o templo é o próprio tesouro.

Naquele mesmo local, mercadores de especiarias, seda, incenso e inúmeros outros produtos originários da Arábia, China e Índia, os quais seriam comercializados no antigo Egito, paravam para descansar, pernoitar e abastecer-se de água antes de prosseguirem viagem.

Sem perceber que vinha sendo observado enquanto admirava as belezas do templo, Karm Álek estava prestes a dar o primeiro passo para o encontro com o herdeiro de Arão.

Refletindo sobre o templo, o peregrino compreenderia que, se por um lado este consome a carne, por outro amadurece a mente e o espírito. Assim pensando, via-se preparado para viver toda aquela beleza e magia, armazenando-a no profundo do ser, utilizando o tempo da melhor maneira possível.

Sentado na escadaria do templo, seu olhar perdeu-se no infinito. Naquela hora, Karm Álek pôde reavivar que, quando mergulhava em seu interior, no profundo do insólito, mais

se aproximava de Deus, reconhecendo a sua pequenez ante as obras do Criador e da própria criatura.

Pelo fato de estarem o bem e o mal fundidos um no outro, o fruto da imaginação pode deformar a beleza do templo da existência na medida do direcionamento tomado. O caminhante percebera que o medo de ser e estar limita o homem, não permitindo que ele se dê a chance necessária para espargir a plenitude de seu ser.

Resolvera caminhar, pois, apesar de todo encantamento pela única obra daquele acervo que já conhecia através de fotografias, muito tinha para ser visto. Dizia para si mesmo, enquanto caminhava, que compreendia que, por mais que buscasse, naquele ou em qualquer outro lugar, a luz da evolução, tudo o que precisava para o aprimoramento de seu espírito e o aperfeiçoamento de seu ser estava dentro e não fora de si. Karm Álek parecia ter entendido que todos os seres são uma minúscula parcela do universo interligada a Deus. Na medida em que todos tomarem consciência de tal fato, compreenderão que Deus é o corpo e cada ser é uma célula material do corpo de Deus.

Junto ao templo Al-Khazneh Farun, o peregrino entendeu a interligação existente entre ele e o seu semelhante e que somente o amando é que poderia afirmar que amava a Deus!

Ao contemplar a beleza do templo, Karm Álek compreendeu que o mesmo sempre existiu na pedra, tendo seus construtores apenas lapidado, sob a inspiração divina, a rocha bruta, para que o templo resplandecesse e reluzisse, a fim de exemplificar os dons dados por Deus aos escolhidos para realizarem a sua construção. Da mesma maneira, deveria agir o homem para sua evolução, retirando o casco bruto que deforma sua verdadeira personalidade para que, em seu lugar, aflore o ser divino, aquele que deve resplandecer como o sol, quando este rasga no céu a nuvem que o encobre momentaneamente.

O vento soprava suavemente entre as colinas rochosas e, sem pedir licença, adentrava no Al-Khazneh Farun. Karm Álek parecia ouvir no seu fluídico bailar o chamado para prosseguir a jornada. De repente, intuitivamente, levantou-se. Sem nada dizer para os seus companheiros, partiu como se hipnotizado estivesse, ao sabor do vento, em busca da descoberta das entranhas daquele lugar.

Logo que deixou o templo, enveredando-se por entre os altos paredões de pedra forjados a exemplo do Siq, o peregrino ficou extasiado com o que viu, compreendendo o que o guia Faisal, que acompanhava o grupo há três dias, falara sobre as incontáveis belezas de Petra.

A aproximadamente uns seiscentos metros de distância do Al-Khazneh Farun, encontraria um anfiteatro construído pelos nabateus no século I d.C, o único do planeta escavado na rocha. Uma obra de beleza ímpar!

O anfiteatro possui trinta e três degraus e capacidade para abrigar oito mil pessoas. No ano 106 d.C., os romanos anexaram-no ao patrimônio do Império e, sob o pretexto de melhorar sua acústica, demoliram inúmeras casas e profanaram diversas tumbas, num sinal de desrespeito dos construtores e habitantes de Petra.

- Penso ser inadmissível qualquer tipo de profanação, pois esta representa o aviltamento do espaço alheio, o rompimento da linha divisória que separa o eu do outro. O que levou os

invasores a destruírem e profanarem as tumbas não foi a busca da elevação do espírito humano através da apresentação das artes cênicas, mas a busca da satisfação de seus desejos deformados através da luta de gladiadores, onde o sangue humano derramado na arena era servido como oferenda para alimentar os prazeres bestiais de seus promotores - desabafou Karm Álek ao ouvir as histórias contadas sobre o anfiteatro e elevou seus pensamentos a Deus por entender que as preces iluminam o mundo, aliviam as dores dos homens, alimentam as almas e encontram eco nas paredes do Universo, onde Deus se faz presente para responder aos apelos dos que têm seus pensamentos dedicados a Ele.

O peregrino sentia que o povo daquele lugar mantinha uma proximidade acentuada com seus deuses. Tal pressentimento ficara caracterizado na observação dos templos, altares e de cada parte da Cidade Rosada, sendo fortemente sentido por todos os visitantes.

Petra chegou a possuir cerca de trinta mil habitantes em sua época áurea, entre os séculos I a.C. e I d.C. Dizem que os nabateus cobravam impostos dos mercadores que quisessem passar por suas terras, bem como para dar segurança aos viajantes.

O povo de Petra era amistoso e sempre cultivou um bom relacionamento com os povos vizinhos, o que garantia a paz e a prosperidade daquela gente.

- Sabiam que "mil amigos é pouco e que um inimigo é muito", pois nunca se sabe a hora em que ele vai agir ou atacar, e isso tira a tranqüilidade daquele que quer ter um sono sereno - disse Faisal.

Os peregrinos, após deixarem o templo do Tesouro, depararam-se na parte oriental da cidade com a Tumba dos Obeliscos, um dos lugares em que eram feitos os rituais fúnebres dos nabateus, como os banquetes em homenagem aos seus mortos.

Os mortos sempre foram reverenciados com respeito, conforme a tradição nabatéia. Talvez isso fosse uma forma de reconhecimento e gratidão por aqueles que deram suas vidas para a construção e a prosperidade de Petra.

Quem não reverencia os antepassados não será reverenciado pelos seus entes queridos, pois o fluxo da vida ensina que o fruto é colhido de acordo com a semente plantada e com o modo do plantio. Portanto, aquele que hoje rende o respeito, o carinho e o reconhecimento pelo desempenho dos antepassados, assim colherá, nos páramos da vida, o quinhão que lhe cabe. Isso está bem nítido na cultura e na história dos habitantes de Petra.

O Triclinium onde se situa a Tumba dos Obeliscos é uma bela estrutura ornada com colunas corroídas pelos séculos. Mas nem a ação destes conseguiu exterminar sua beleza, visto que elas continuam resplandecentes. Sobre as colunas, um arco enobrece a porta central e, por cima dele, quatro obeliscos em forma de pirâmides simbolizam a presença das divindades daquele povo. Aquilo fazia o peregrino crer que as divindades representavam o ar, a terra, a água e o fogo - os quatro elementos vitais do planeta Terra. Ali estava mais um mistério dos nabateus.

Os deuses sempre estiveram presentes na vida dos habitantes de Petra. A eles foram erguidos templos, monastérios e santuários. Cada um dos deuses, de alguma maneira, era

lembrado. Desta forma, o povo esperava que eles se lembrassem das suas necessidades e que derramassem a dádiva fluídica dos poderes celestes sobre a face de Petra.

Os nabateus sabiam da importância do cultivo da gratidão e, por possuírem tal consciência, retribuíam aos seus deuses o que deles recebiam. A gratidão, para o povo nabateu, tinha um significado todo especial, o que pode ser constatado nas obras erguidas ao longo da cidade. Se da pedra eles se utilizavam para as construções, a elas davam formas e contornos notáveis, aparando as arestas para que resplandecessem como o próprio sol do deserto. Aquela foi a maneira que encontraram de semear nos jardins do Universo as sementes prósperas da boa cultura, através da arte e do reconhecimento pelo que da natureza recebiam.

Frente aos obeliscos incrustados sobre o Triclinium, Karm Álek mostrou-se impressionado com o que via e ouvia, enquanto seus companheiros observavam a obra estupefatos. Os obeliscos exaltam as divindades nabatéias e exprimem a manifestação e a elevação dos quatro elementos tão presentes na vida do planeta e tão necessários para sua existência.

Sabiam que o ar, necessário para oxigenar e fazer bombear o sangue beduíno, era fundamental para lhes preencher o ser de vida.

A terra proporcionava-lhes o sustento para que seus pés sobre ela caminhassem e para que nela edificassem suas moradas.

A água, que representa o mais elevado sentido da fertilidade, dava-lhes a certeza da renovação dos seres.

O fogo, como princípio da purificação, era a garantia de que ressurgiria a fênix da nova vida.

- O respeito aos mortos deixava claro que os nabateus sabiam que, enquanto a matéria se deforma com o passar do tempo, interiormente, faz florescer a verdadeira beleza com o amadurecimento do ser e o crescimento do espírito. Por isso, muitos dos rituais praticados por eles eram em louvor aos espíritos de seus mortos. Afinal, como se guardaria uma história de tantos milênios, se ela não fosse passada de geração em geração da forma como nos foi contada? - interrogou Faisal.

O povo de Petra nutria um respeito muito especial pelos anciões de sua comunidade. Possuíam o entendimento de que é melhor chegar à velhice com uma vasta história para contar do que viver imerso na monotonia e ter, ao final da jornada, somente o que da vida reclamar.

Os anciões daquele oásis do deserto eram os senhores da cultura e mereciam toda a reverência e respeito possíveis. Com eles, encontravam-se armazenadas as bases dos princípios nabateus. Eram eles que transferiam à luz de cada novo dia, de geração em geração (desde a época do povo de Edon, quando Petra, depois do extermínio causado pelo rei de Judá, passou a chamar-se Sela e posteriormente Joteel), o que aquele território sagrado presenciara ao longo de sua existência. O contato de Abraão com Deus no altar de sacrifícios, o encontro de Moisés com o Senhor, a criação da Lei e o refletir no solo sagrado

de Paulo de Tarso, o qual mantivera contato com o Filho de Deus, foram passados de pai para filho no rompimento do invólucro do tempo, assim como tantas outras informações.

Muitos sacrifícios eram feitos em reverência a seus deuses, principalmente no elevado Monte do Sacrifício, onde o sacerdote cortava a garganta dos animais como forma de oferenda, haja vista que o sangue representava a purificação até as novas Leis ditadas pelo Príncipe da Paz.

No topo do altar, ainda hoje, vê-se intacto um obelisco em forma de uma pirâmide de quatro partes. Diz-se que os nabateus tinham naquele obelisco a representação de Dushara e sua esposa Al'Uzza, divindades veneradas pelos habitantes de Petra.

Ali contou Faisal:

- Deus disse: "Abraão!" Este lhe respondeu: "Eis-me aqui, Senhor!". E acrescentou Deus: "Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Muriá; oferece-o ali em holocausto sobre um dos montes que eu te mostrarei". Levantou-se, pois, Abraão de madrugada e, tendo preparado seu jumento, tomou consigo dois servos e a Isaque, seu filho; rachou lenha para o holocausto e foi para o lugar que Deus lhe havia indicado. Ao terceiro dia, erguendo Abraão os olhos, viu o lugar de longe. Então, disse a seus servos: "Esperai aqui, com o jumento; eu e o rapaz iremos até lá e, havendo adorado, voltaremos para junto de vós". Tomou Abraão a lenha do holocausto e a colocou sobre Isaque, seu filho; ele, porém, levava às mãos o fogo e o cutelo. Assim caminhavam ambos juntos. Devem conhecer esta história, pois ela é contada nas Escrituras Sagradas.

Na senda que conduz ao topo do Monte do Sacrifício, percorre-se um duro caminho para chegar ao local onde se encontra a Mesa Sacra, situada ao centro de uma grande plataforma, posta de forma a receber as oferendas, tendo ao redor assentos onde os edomitas e nabateus participavam dos rituais.

Do alto do altar de sacrifícios, pode-se ter uma visão das montanhas de Al-Habis que protegem a cidade. Karm Álek lá compareceria depois com o beduíno Yasha, que lhe contaria o resto da história iniciada por Faisal:

- Meu caro, quando Isaque perguntou a seu pai onde estava o cordeiro para o holocausto, Abraão falou para o filho que 'Deus proveria', e assim ambos continuaram subindo o monte até o lugar que Deus havia designado. Quando Abraão e seu filho chegaram diante da mesa de sacrifícios, no topo do monte, o pai edificou um altar, sobre ele dispôs lenha, amarrou Isaque, seu filho, deitou-o no altar, em cima da lenha, e, estendendo a mão, tomou o cutelo para imolar o filho. Foi naquela hora que um anjo bradou do céu para Abraão: "Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, portanto não negaste o filho, o teu único filho".

A fé de Abraão é a fé que salva e eleva. Ao reconhecer o tamanho daquela fé, Karm Álek rogou:

- Senhor, a obra da criação resplandece Vosso poder e glória e a prova que destes a Abraão mostra o tamanho da fé que quereis de Vossos filhos. Rogo-Vos, preenchei-me com

a fé do tamanho de um simples grão de areia, para que eu me agigante nela e, ao possuí-la, promova a minha salvação.

- Os árabes são oriundos do primeiro filho de Abraão, concebido através de Agar, serva da mãe de Isaque, Sara, que por ser estéril pediu a Agar que desse um filho a Abraão. E foi daquele relacionamento que nasceu Ismael, o qual deu origem ao povo árabe – comentou Yasha.

O peregrino estava impressionado com o conhecimento de Yasha, que, apesar de aparentar ser de descendência árabe, da outra linhagem de Abraão, conhecia tão bem as Escrituras.

Além da Tumba dos Obeliscos, diversas outras estão dispostas ao longo da Cidade de Pedra, numa reverência dos nabateus e do próprio tempo aos seus construtores.

De origem árabe, nômades por excelência e com ligações aramaicas, os nabateus representam uma mistura de várias tendências culturais e religiosas do período pré-cristão, sem contudo estarem definidos em uma específica. Daí, o porquê de cultuarem vários deuses.

Das religiões e culturas, os nabateus subtraíam o que consideravam melhor, estabelecendo sua própria cultura e religião, o que os diferenciava dos demais povos daquela região.

Em diversas inscrições encontradas em templos e tumbas de Petra está evidente que, no passado dos nabateus, a escrita e a língua dos arameus, originários do Aram, fizeram-se presentes. Assim, o arcano envolve toda a atmosfera da Cidade Rosada do Deserto!

- Acredita-se que a religião do povo de Petra deve-se à tendência árabe do período pré-islâmico e à aramaica, sendo que tanto os gregos como os romanos admitem que os nabateus praticavam cultos que também se afinavam às civilizações das margens do Golfo Pérsico e do Mar Mediterrâneo, pois destas, ao que tudo indica, chegaram os cultos ligados às divindades da fertilidade e da abundância. Imaginem a dificuldade de se construir no meio do deserto uma cidade, principalmente com as características de Petra! Para isso, seus construtores cultuaram os deuses da fertilidade e da abundância e fizeram sacrifícios aos da prosperidade, de forma que tais deuses mandassem água para que seus campos se tornassem produtivos e guiassem a difícil tarefa - explicou o guia Faisal aos peregrinos.

O guia falou-lhes sobre Dushara, o senhor da vida, importante deus dos nabateus, que também era conhecido como Dusare, Oratat, Dusares, Dushrat e também como Dusara-Ara, nome que, segundo Heródoto, significa "Senhor de Shara", provavelmente numa referência ao monte de Shara, localizado ao norte de Petra. Seu símbolo era uma pedra negra posta sobre uma rocha cúbica, sobre a qual era vertido o sangue sacrificial. Divindade masculina de virtudes propiciatórias, era o responsável pelo bem-estar do povo. Para os nabateus, o deus representava o momento de maior vigor do processo produtivo da natureza: a colheita das frutas. O deserto se tornava paraíso e as cores se avivavam na multiplicidade da colheita em um brilho todo especial. Era como se todo aquele local estivesse fundido a um enorme cristal líquido, onde o translúcido acentuava o brilho da

colheita como se esse fosse tocado pelo cajado mágico do Senhor de Shara, que a tudo abençoava como resposta aos clamores e cultos a ele prestados pelos habitantes da Cidade Rosada do Deserto.

O deus Dushara era cultuado através do sol, denotando uma semelhança dos cultos dos habitantes de Petra com os cultos dos incas de Machu Picchu, no Peru, dos habitantes da Grécia e de muitos outros povos do Oriente Médio, todos adoradores do Sol.

Enquanto o guia falava, Karm Álek recordou-se do ritual do que participou em Finisterre após a conclusão do Caminho de Santiago, onde tomou conhecimento de que há milênios os druidas haviam erguido próximo dali o Ara Solis, um templo dedicado ao sol, conforme citado em obra de Ptolomeu.

- O sol é o princípio ativo da vida na Terra. É ele que produz o calor para que o planeta não se torne uma enorme massa gelada, improdutiva e inabitada, por isso era venerado pelo povo de Petra - contou o guia.

Faisal disse que os deuses ligados aos nabateus eram especiais para aquele povo e que venerá-los representava a garantia da geração do bem estar, da prosperidade, da abundância e da saúde de todo o povo.

Karm Álek refletiu sobre a importância da prática positivista usada pelos nabateus, concluindo que o positivismo é a bússola pela qual se deve guiar todo aquele que almeja a conquista de um objetivo. É a crença na realização e concretização de obras e projetos. É a manifestação do que existe de mais nobre no indivíduo para a materialização dos sonhos.

- Os nabateus sabiam bem sobre a importância do positivismo em suas realizações. Caso contrário, não teriam conseguido construir a fascinante Petra no meio do deserto. Nela, o sonho somente se tornaria realidade através do culto positivista, pois muitos seriam os fragmentos retirados da rocha bruta para o surgimento da mais nobre expressão da arquitetura universal. Sem a prática constante do positivismo, a mente tornar-se-ia corroída entre a realização e o pessimismo, entre o querer e o não crer, fazendo com que as tarefas se projetassem um tanto mais difíceis, bem próximas ao impossível, o qual é gerado pela incerteza da mente quando esta canaliza sua força em direção oposta à concretização de seus objetivos - refletiu o peregrino.

Com esta análise, Karm Álek aprofundava-se na busca de traçar um trajeto que lhe permitisse absorver o máximo do que Petra tem a oferecer. De alguma forma, parecia estar preparando-se para o grande encontro que teria com o beduíno Yasha. Enquanto a hora não chegava, maravilhava-se com as narrações de Faisal, que também falou sobre Allat, a deusa, que ficara conhecida como Al'Uzza, a poderosa, e tinha como símbolo o planeta Vênus, sendo a ela consagrados a serpente, a vaca e a leoa. Al'Uzza, deusa da fertilidade e da água, era responsável pelo acalmar das tempestades e pelo despertar da natureza, sua irmã era Atargatis, a deusa da abundância, considerada pelos nabateus a dona do destino e da sorte.

É nesse forte clima de mistério, beleza e arte que Karm Álek mergulhara, diluindo-se no matiz das rochas cor de sangue e vida, não apenas como mero ouvinte, mas como participante ativo da vida e história daquele lugar.

Faltava pouco para o peregrino passar a ser chamado de Karm Álek pelo herdeiro de Arão, que parecia observá-lo desde a sua entrada no Siq e a sua perplexidade frente ao Al-Khazneh Farun.

Apesar de todas as maravilhas contadas por Faisal, Karm Álek sentiu vontade de deixar a parte de baixo da cidade, seus companheiros e o guia e caminhar por entre as pedras e construções em direção às paredes do monte Jabal Khubtha, onde se encontram as Tumbas Reais, cuja utilização na antigüidade é motivo de controvérsia entre os estudiosos; não se sabendo se as mesmas eram tumbas, palácio de reis ou moradias da nobreza.

O visual e os templos rosados da cidade - cujas obras parecem ter sido esculpidas por deuses de outros espaços galácticos que deixaram suas marcas nas terras áridas do deserto como uma prova da sensibilidade suprema - encantam e enfeitiçam os visitantes. Karm Álek não era diferente dos demais, mostrava-se perplexo com o que vira até ali.

No meio da trajetória no alto das paredes rochosas, Karm Álek ouviu claramente quando alguém, em um idioma diferente de tudo que já havia escutado, chamou-lhe pelo nome. Ao parar à beira de um precipício, notou que estava sendo observado por um beduíno de aproximadamente 60 anos de idade, vestido com roupa clara, tendo na cabeça um turbante adornado com uma enorme pedra esverdeada e embainhada na cintura uma adaga com o cabo trabalhado em prata e pedras.

Sem saber falar árabe ou nenhum outro idioma do Oriente Médio, questionou-se silenciosamente se teria sido aquele cidadão quem o chamara. Para sua surpresa, o beduíno respondeu-lhe:

- Estás vendo mais alguém aqui, meu caro peregrino do Ocidente?

Novamente, Karm Álek pensou que deveria estar tendo alucinação:

- Deve ser o sol. O forte calor...

O beduíno sorriu e convidou-o para se sentar à beira do precipício. Aceitando o convite, o peregrino sentou-se ao lado do beduíno, que sorriu e apontou para frente, onde se encontram os caminhos que levam ao centro da cidade baixa e ao topo do maciço Umm Al-Biyara, ao Al-Deir e à Tumba do Leão, um belo monastério que, a exemplo do Al-Khazneh Farun, é uma típica obra nabatéia.

- Noto que tu, a exemplo dos que vêm passando por aqui há milhares de anos, estás fascinado com a beleza arquitetônica e artística da velha Cidade Rosada. Mas Petra é muito mais do que isso. E se tu te prenderes apenas ao que teus olhos, que são fáceis de serem enganados, vêem, não conseguirás descobrir os verdadeiros tesouros que se escondem nestas terras. Não estou falando de tesouros de ouro empilhado! Estou falando do que aqui ocorreu no passado, marcou a história de Petra, encanta e faz parte da história universal. Aqui, meu caro peregrino, entre tantos encantos, já se abrigou aquele que recebeu do Criador a missão de apresentar e propagar as Leis que deveriam e devem nortear a vida e a

conduta do homem sobre a Terra - destacou o beduíno, fazendo referência a Moisés, que por ali passara com seu povo quando peregrinava pelo deserto em busca da Terra Prometida.

Perplexo com aquela situação, Karm Álek não compreendia bem como ouvia e entendia as palavras daquele nativo. Naquela hora, o beduíno, parecendo ler seus pensamentos, explicou-lhe que na interligação do fio mágico que une todos os seres ao Supremo Criador está o condutor de tradução de idéias, palavras e pensamentos que supera as línguas, fazendo desaparecer as fronteiras idiomáticas e manifestar-se a essência dos sentidos na definição das idéias, palavras e pensamentos, tornando possível a todos, indistintamente, captar o verdadeiro sentido do que é expressado, indiferentemente da língua na qual é pronunciado.

Aquela definição fugia às normas ou regras conhecidas pelo peregrino. Mas, ao mesmo tempo, não se afastava de tal crença, visto que vinha conseguindo comunicar-se, mesmo que precariamente, com todos aqueles que encontrava pelo caminho.

O beduíno apresentou-se ao peregrino como herdeiro de Arão, dizendo que há muito vivia naquelas paragens e que ali vira brotar não apenas água da terra fincada pelo cajado de Moisés, mas principalmente o fluir de idéias marcantes como regras de condução para a elevação da natureza humana e de seu espírito, bem como o cumprimento das profecias sobre aquela terra e aquele povo.

- É bem verdade que, ao longo dos tempos, inúmeros tesouros foram achados nestas terras por salteadores, exploradores e outros que aqui vieram em busca do brilho do ouro, esquecendo-se que, para o povo de Petra, o próprio lugar representa o maior de todos os tesouros, que resplandecia e ainda hoje resplandece mais que o ouro ou o diamante. Petra é como a estrela mais luminosa, formadora da junção perfeita da vida no planeta. É como um sol arquitetônico e misterioso que estende a tudo e a todos seu intenso calor e brilho. É como o astro rei que derrama sobre seus súditos o esplendor de sua luz. Por esta razão, o povo desta terra venerou e rendeu, através dos templos, constantes graças ao sol, por saber que sem ele a vida deixaria de existir - explicou Yasha.

Na medida em que ouvia Yasha falar, Karm Álek mais encantado ficava com tudo aquilo que lhe estava acontecendo na Cidade Rosada. Chegara a pensar que, mesmo que o beduíno fosse uma miragem, os deuses daquele povo derramavam sobre sua fronte o esplendor de uma cultura até então por ele desconhecida.

O peregrino recordou-se da variedade de cânticos do Livro dos Louvores, citado pelos judeus, quando Davi narra: “Deus falou no Seu santuário: ‘Triunfarei, e me apoderarei de Siquém. Medirei com o cordel o vale de Sucot. Minha é a terra de Galaad, minha a de Manassés: Efraim será o elmo de minha cabeça, Judá, o meu cetro. Moab, a bacia em que me lavo. Sobre Edom porei minhas sandálias. Cantarei vitória sobre a Filistéia.’ E, pergunta: - Quem me conduzirá à cidade fortificada? Quem me levará até Edom? Quem senão Vós, Senhor, que nos repelistes. E já não andais à frente dos nossos exércitos? Dai-

nos auxílio contra o inimigo, porque é vão qualquer socorro humano. Com Deus faremos proezas, Ele esmagará os nossos inimigos."

Como se estivesse lendo seu pensamento, Yasha explicou ao peregrino que, em Edon, Deus teria encontrado-se com Moisés, falado com Abraão, com o profeta Arão e até mesmo com Paulo de Tarso, por ocasião de sua estada em Petra, visto que os edomitas foram os primeiros a habitarem a Cidade Rosada do Deserto.

Sem saber se seria compreendido, o peregrino perguntou a Yasha quando e como a Cidade Rosada havia sido construída, ouvindo como resposta:

- Quando, é difícil precisar, pois, apesar das informações de que tudo teria ocorrido há três mil anos aproximadamente, somente o Sacerdote da Criação o sabe e somente o Seu olho de luz, que cinge o espaço como o sol mais brilhante de nossa galáxia, pôde assistir e pode afirmar com exatidão quando tudo ocorreu. Eu diria que foi através da sensibilidade de um povo de elevado espírito que, imbuído da luz mais latente, aportou no meio do deserto para exemplificar que a determinação, aliada ao amor e à arte, transforma o inimaginável em uma obra real, materializando o aparentemente impossível, de forma que possa resplandecer através dos milênios com o mesmo vigor e esplendor dos tempos de sua criação, para que a humanidade compreenda que possui um ilimitado poder de criação e infindável sensibilidade e dons artísticos e divinos.

Ao falar sobre a história daquele singular lugar, Yasha contou sobre o hebreu Moisés que, logo após ter completado três meses de nascimento, foi lançado ao rio Nilo em uma pequena embarcação de papiro, pois sua mãe viu-se obrigada a tal feito para salvá-lo de ser morto pelos asseclas do Faraó, que determinou a execução dos filhos varões dos hebreus, visto que a raça vinha superpovoando a região do Egito.

A irmã do pequenino, que observava entre lágrimas a embarcação descer rio abaixo, viu quando algumas jovens acompanhantes de uma nobre egípcia resgataram a criança. A jovem ficou vendo tudo à distância e constatou que a nobre tratava-se da filha do Faraó. Depois de assistir a tal cena, aproximou-se e ofereceu-se para ajudar a herdeira do Faraó no tratamento do menino. A herdeira, então, pediu-lhe que arrumasse uma mãe de leite hebréia para amamentar a criança, anunciando que pagaria a tal ama pelo serviço. Naquela hora, a jovem tomou seu irmão ao colo e levou-o para ser cuidado e amamentado por sua própria mãe.

Este foi o primeiro mistério da vida de Moisés, a primeira intercessão de Deus por ele. Foi ali, nas águas do Nilo, no cesto de papiro, que começou sua peregrinação.

Karm Álek, ao ouvir a história do resgate do menino Moisés, refletiu que, quando somos crianças, almejamos crescer para fazermos coisas que, como crianças, não nos são permitidas. Porém, quando crescemos, descobrimos que ser criança é que é verdadeiramente ser feliz. Talvez seja por isso que Jesus, o Grande Mestre, tenha dito com tanta veemência: "Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o reino do céu".

Quando nos tornamos adultos é que descobrimos o verdadeiro sentido da frase de Jesus, pois, até então, fomos ingerindo, ao longo de nossa existência, conceitos que nos impingem o egoísmo, a vaidade, a prepotência, a arrogância, a soberba e que deformam a nossa

personalidade. Quando sentimos que já avançam os anos, descobrimos que é preciso voltar a ser criança para que possamos ter um espaço no "Templo do Senhor", onde a pureza da manifestação das palavras, atos e pensamentos é a senha de acesso àquele lugar.

Voltar a ser criança é ter pureza no coração. É saber perdoar e não guardar ódio nem ressentimento. É ver beleza em tudo e em todos. É fechar os olhos para o mal e somente reverenciar o bem. É não discriminar. Não estipular conceitos. É viver de tal forma puro de coração que nos olhos, por maior que seja a dor, não se apague o brilho e a luz que emana Daquele que nos criou. É por isso que Jesus aponta um lugar especial para as crianças!

Bom será quando todos compreenderem que é preciso guardar os princípios da infância para que o adulto não cause tanta dor e tanto sofrimento a seu semelhante. Afinal, o Deus, Criador de todas as criaturas e de tudo, é único e em todos habita. Assim sendo, quando se pratica um mal ao outro, é a Deus que se está atingindo.

Bom será quando cada um compreender que uma semente lançada à terra produz frutos que adoçam ou amargam a vida daquele que semeia, em tempo que somente Deus determina.

Não foi por acaso que Jesus, até no derradeiro momento, ensinou a arte de amar ao dizer pregado na cruz: "Pai, perdoa-lhes, pois eles não sabem o que fazem", referindo-se aos seus algozes.

O amor é, sem dúvida, o maior de todos os ensinamentos, pois evita que o ódio cause câncer naqueles que o guardam. O amor é o conforto do corpo e a maturidade da alma. É uma semente que, plantada, gera ao longo da existência a certeza do fruto bendito do Senhor.

Quando todos espalharem pelos campos da vida a semente mágica do amor, todos os olhos brilharão e, nesta hora, despertarão as crianças que em si habitam e que o Pai está esperando de braços abertos para acolher e oferecer a vida eterna.

Que cada qual cumpra a sua parte no plantio da semente que conduz aos braços do Senhor, a fim de encontrar sua verdadeira evolução.

Após tal reflexão, a curiosidade de Karm Álek levou-o a perguntar sobre a vida do tal menino e o que ele tinha a ver com a história de Petra. Yasha limitou-se a responder:

- O menino foi o único da espécie humana a estabelecer um contato direto, face a face, com o Sacerdote Supremo, tendo recebido Dele a Lei. Durante quarenta anos peregrinou com seu povo pelo deserto, onde escreveu uma história com coragem e, acima de tudo, com um profundo amor pelo Criador. Sua vida e exemplo ecoam pelos quatro cantos da terra e estão impregnados nas areias e pedras desta parte do Oriente. Petra, meu caro, serviu de palco em sua estada no deserto.

O peregrino não sabia o porquê, mas lhe parecia que Yasha havia vivido naquele tempo, visto que narrava os fatos com a simplicidade e a convicção próprias dos que vivenciam a história.

- Somente posso crer que ele fez parte daquela época! - refletia Karm Álek.

Yasha explicou que o tempo e a distância são como o dia e a noite. Ora estão, ora se vão, mas sempre permanecem presentes a iluminarem a história da humanidade, num eterno intercalar de cobrir e fazer refletir o brilho das estrelas mais longínquas que habitam as singelas constelações do universo.

Ainda meio confuso com o que via e ouvia, Karm Álek procurava explicações para o que estava ocorrendo, para o encontro com o beduíno, sem, contudo, conseguí-las. Existem coisas que somente têm sentido quando sentidas - e que só assim são compreendidas!

- O menino sobrevivente do rio Nilo cresceu e, aproximando-se o término de sua peregrinação pelo deserto, veio para estas terras. Durante a condução de seu povo pelo deserto, Moisés foi alertado pelo Sacerdote Supremo para que fizesse duas trombetas de prata para chamar seu povo. Na ocasião, Deus falou-lhe: "Quando tocarem, toda a congregação se ajuntará a ti à porta da tenda da congregação. Mas, quando tocar uma só, a ti se ajuntarão os príncipes, os cabeças dos milhares de Israel. Quando as tocardes a rebate, partirão os arraias que se acham acampados na banda do Oriente. Quando, na vossa terra, sairdes a pelejar contra os opressores que vos apertam, também tocareis as trombetas a rebate, e perante o Senhor, vosso Deus, haverá lembrança de vós, e sereis salvos de vossos inimigos. Da mesma sorte, no dia da vossa alegria, e nas vossas solenidades, e nos princípios dos vossos males, também tocareis as vossas trombetas sobre os vossos holocaustos e sobre os vossos sacrifícios pacíficos, e vos serão por lembrança perante vosso Deus. Eu sou o Senhor, vosso Deus". Partiram, pois, do monte do Senhor, a arca da Aliança do Senhor ia adiante deles caminho de três dias, para lhes deparar lugar de descanso. A nuvem do Senhor pairava sobre eles de dia, quando deixavam os arraias por onde passavam e onde se abrigavam do manto da noite. Durante a partida, a arca era protegida e o Escolhido a ter com Deus dizia: "Levanta-te, Senhor, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os que te odeiam" - contou Yasha, recordando as Escrituras.

Ali, do alto do monte, ambos contemplavam a Cidade Rosada, palco de misteriosos acontecimentos, enquanto os companheiros de Karm Álek caminhavam ao lado de Faisal, na parte baixa. Sequer eles imaginavam o que estava acontecendo com Karm Álek e o beduíno.

De repente, Yasha sugeriu ao peregrino que fechasse os olhos e que lhe contasse o que conseguisse ver.

Karm Álek perguntou ao beduíno como poderia enxergar de olhos fechados. Ao que Yasha respondeu:

- Os olhos são, simplesmente, as portas para vermos aquilo que a mente enxerga, pois nem sempre os olhos conseguem ver verdadeiramente o que é visto pela mente. A realidade existe além dos olhos. E a mente desprovida de conceitos pré-estabelecidos consegue enxergar de forma cristalina o que, muitas vezes, encontra-se por trás das montanhas e além-mar, onde, por mais abertos que estejam os olhos, não nos é possível ver.

Face a colocação de Yasha, Karm Álek não hesitou em fechar os olhos mesmo não sabendo como poderia ver.

Durante alguns instantes, um silêncio profundo tomou conta de ambos e somente foi rompido quando Yasha perguntou ao peregrino o que estava vendo.

- Parece que este lugar está em formação. Creio que vejo o deslocamento das rochas no surgimento do desfiladeiro Siq. E agora um rio correndo ao longo do mesmo. Inúmeras pessoas trabalham na construção do Al-Khazneh Farun. Apesar de não conseguir definir o semblante dos que tecem nas pedras os moldes existenciais da cidade, noto que eles têm uma luminosidade própria, que de alguma forma torna-os seres especiais - respondeu Karm Álek.

- Eu diria que estás enxergando através do brilhante olho que ilumina o planeta. No entanto, tenho que te advertir que da mesma forma que a visão que tens pode ser realmente a do lapidar das rochas que dão forma à cidade, pode também se tratar de uma ilusão formada pela tua ânsia em querer descobrir o que habita no mistério desta terra - alertou Yasha.

As declarações do herdeiro de Arão trouxeram certa conturbação à visão de Karm Álek, que, no entanto, mantinha-se de olhos fechados e falou para o seu companheiro:

- Vi luzes descendo do céu numa noite em que as estrelas bailavam no universo. Parece que seres cintilantes resplandecem como as próprias luzes que vejo refletir no céu. Eles trazem em suas mãos delicados instrumentos, com os quais parecem operar nas rochas formas de um mundo tão próximo e tão distante. Não sei precisar, no entanto, se são reais ou abstratos os seres que vejo.

- Não sei por que questionas sobre a vida e a morte, se ambas são mera ilusão. A vida, com suas passagens difusas, troca de cores e matizes como as rochas de Petra, como os camaleões que nas pedras vivem. A morte é como o clarão do sol que se esconde no entardecer e que faz refletir na noite a lua tão brilhante como as luzes que dizes descer do alto e espelhar os escultores celestes. Assim sendo, prefiro falar sobre o que é eterno, como a vida além do corpo, que continuará pulsando no universo sob a forma do reflexo do espelho que ora vive, viveu e viverá. Todo aquele que nesta montanha vier ou em qualquer outra andar, na extensão desta bela e formosa nave azul que navega na constelação do infinito universo, à qual damos o nome de Terra, por certo sentirá, no profundo do seu ser, que é imortal. Talvez por isso Petra exista: Para reverenciar os seus mortos! - elucidou Yasha.

E continuou:

- Meu caro peregrino, tua viagem está apenas começando, como tantas outras que já aconteceram ao longo de tua vida e outras tantas que se sucederão após esta que ora inicia. Não tenhas dúvida de que somente os pássaros que acreditam no poder de suas asas conseguem alçar vôo nas montanhas mais altas, de forma a ampliar sua visão. Por mais dura que seja a empreitada, o sabor da vitória e da realização será tão doce quanto a quantidade de açúcar empregada no cozimento da conquista. Assim se materializa o prazer do doar: na prática do amor que garante a colheita do comer, do beber e do abrigar-se no dia-a-dia da existência, na conquista do espaço sideral. Ao longo do caminho, são construídos muitos abrigos, pois, casas, todos podem ter. Mas, lar, somente têm os que cultivam o amor, a compreensão e o respeito dentro do meio em que vivem e onde quer que

se encontrem. Talvez, por isso, apesar da distância que separa um peregrino dos seus entes queridos, ele se mantenha tão feliz ao empoeirar suas roupas pelo caminho árido do deserto, com a boca seca e longe dos poços cristalinos que, no seio de sua família, saciavam-lhe a sede nos momentos precisos. O sucesso da empreitada não se encontra no montante do ouro acumulado ao longo do trajeto empreendido, mas no caminhar compassado, na descoberta de cada trecho, na certeza de que o ser feliz está impregnado no quinhão diário adquirido no ardente sol desértico e refrigerado nas florestas tropicais, pois não adianta apenas ter sucesso, é preciso ser feliz com aquilo que se tem no momento que se pode. Não existe tempo nem distância para quem ama e quer bem, pois, como o mais nobre dos sentimentos, o amor habita o ilimitado espaço do coração, guardado de forma especial pela mente, pronto para em qualquer hora e em qualquer tempo desabrochar como a mais rara e bela flor, a perfumar e encantar as vidas que encontra pelo caminho. Assim, o peregrino absorve, no orvalho dos seus passos, o amor que tanto distribui ao longo da jornada da vida.

Yasha fazia suas explanações como quem recita um poema.

Àquela altura, Karm Álek deixara de enxergar com os olhos há muito vendados, para navegar pelos olhos da mente, onde o limite tem a extensão do universo; pois, por mais que o homem utilize o que a mente pode proporcionar-lhe para alcançar o topo da pirâmide universal, sua visão, ainda assim, continuará restrita à base, onde o sonhar é a única realidade que tem para desfrutar, sob o ilimitado, o poder que lhe é concedido e que habita acima de todo e qualquer sonho que possa ter ou imaginar, tal a vastidão infindável desta incógnita universal denominada mente, até hoje tão desconhecida como a própria formação do ser. E continuou ouvindo as palavras do beduíno:

- Quando adotamos um novo modelo de vida, seja ele qual for, mudamos práticas e, assim, amoldamo-nos ao novo ser que surge. Quando buscamos Deus, abandonamos os antigos vícios e passamos a ver o mundo com novos olhos. Quando despertamos para a luz, descobrimos que das trevas nada vemos, a não ser o mal que nela se esconde e que corrói a essência do espírito, como um câncer que consome a carne do homem até que a vida se esvaia. Quando descobrimos que somente Deus representa a vida eterna, abandonamos os desejos menores para exaltar o Criador na amplitude da vida. Quando acordamos certa manhã e descobrimos que o sol tem um novo brilho, que as plantas sorriem para nós, que todos nos olham e saúdam-nos, vemos o quão é importante a manifestação da vida de Deus. Nessa caminhada constante, descobrimos o verdadeiro sentido do ser e passamos a ver Deus em tudo e em todos e, assim, compreendemos melhor a vida que Dele recebemos. Que bom será quando todos descobrirem o para quê e o porquê de terem recebido a vida do Criador! Nesta hora, o sol vai brilhar diferente em tudo e em todos, o mundo ganhará um novo contorno de paz, de vida, de luz e o amor brotará em cada pensamento, palavra e ação, como fruto da descoberta de Deus pela Sua criação. É preciso que os sinos da eternidade repiquem em cada coração, fazendo do mundo um mundo melhor. Quando todos descobrirem a ligação que existe entre si, o outro e o Criador, será quando todos viverão como se fossem um em Deus. Desde que o mundo é mundo, o ser humano vive em uma

disputa constante. Sem perceber que a aparente vitória da matéria nada representa na conquista dos espaços eternos. Muito pelo contrário, na maioria das vezes, é um empecilho no Julgamento Sublime. Não é o brilho das pedras preciosas que asseguram a luz de que o espírito necessita para erradicar as trevas de sua evolução, mas as estrelas depositadas no firmamento com as preces e os feitos de amor enquanto vivemos na matéria.

O peregrino do Ocidente maravilhava-se com as palavras do mestre do deserto enquanto palmilhava as terras áridas do Oriente, por onde vinha carregando no cajado, recebido de Vítor Emanuel em terras brasileiras, as energias dos caminhos milenares das primeiras civilizações monoteístas. Sentia-se habitar acima daquela montanha, como se vivesse em castelos de cristais envoltos em hélio, num universo sem fim de fatos, histórias e incontáveis viagens, as quais Yasha discorria como frescor da manhã a despertar a mata adormecida.

- É possível que os habitantes desta parte da Arábia do Norte, conhecidos como nabateus, tenham sido descendentes dos nebaiotes, afinal, Petra teve importante participação na história do Oriente Médio, principalmente do século 4 a.C. em diante. Ela foi a capital dos nabateus, que estenderam seu reino além das gargantas rochosas de Edom, atingindo a parte sul do Negebe e, ainda para cima, passamos por Moabe, e também na região do Jordão. O rei Areta, dos edomitas, no período do ano 9 a.C. a 4 d.C. governou Damasco, disse Yasha ao mergulhar nas profundezas de sua memória, nas raízes de Petra.

O beduíno companheiro de Karm Álek entendia bem o ato de peregrinar nas terras áridas do deserto. Parecia ter a consciência da solidão universal de cada ser, o que deixara bem claro ao dirigir-se ao peregrino:

- É mera ilusão o homem achar que será completo através de um outro ser, pois cabe por herança ao homem a solidão. Apesar de viver o sonho da descoberta de sua outra metade, como fruto de seu egoísmo, só liberto da ilusão e do sonho é que conseguirá descobrir que sua outra metade é inteira, pois se encontra Naquele que o criou. O homem herdou a busca e Deus é o fim de sua busca. E Ele somente surge após o abandono do egoísmo, na manifestação do amor universal, que vibra e abriga-se na interpretação dos seres que estão unidos pelo fio mágico da vida e da existência, interligados ao próprio Criador. Portanto, é preciso deixar de buscar, para sentir e ouvir a voz que um dia fez-se presente no seio dessas montanhas e materializou-se para o único ser que esteve face a face com o Supremo Sacerdote. Desta forma, veremos Deus onde a luz parecia não existir. É incrível como se opera o milagre da vida do Criador onde um simples ponto de luz pode transformar-se em um grande sol. Assim é Deus!

Yasha fazia com que o peregrino, de olhos fechados, flutuasse nos jardins do universo, onde o tempo diluía-se como fumaça naquelas terras. A lembrança de fatos, pessoas e coisas que há muito ficaram para trás pareciam ser vividas ou revividas no topo daquela montanha, em que a linha divisória do real com o irreal, do concreto com o imaginário, desaparecia completamente, pois, na medida em que o beduíno narrava os fatos e histórias, tudo se fazia tão nítido que ficava impregnado no filme mental de forma clara como o sol

que ilumina e continuará a iluminar os caminhos por onde o peregrino andar. Desta forma, este compreendeu que a saudade não é salutar se embargar a voz, tirar o sono, criar lágrimas, causar dor... Mas é bem vinda quando renova as forças, acalenta a alma, refrigera o coração e fortalece a fé e a esperança do nascer de um novo dia.

Karm Álek compreendera que, quando a vontade é fixada, existe a manifestação do egoísmo e que somente quando permitimos a manifestação da vontade divina, no desprender de conceitos preconcebidos, é que vivemos na verdade a plenitude da vida, pois na medida em que doamos é que recebemos na hora em que precisamos. E ele, por certo, estava recebendo de acordo com a abertura do seu horizonte mental, completamente envolto pela chama divina que unia ambos.

O peregrino conseguia sentir a magia da vida em todo aquele ambiente, como se revivesse a época áurea da capital nabatéia, quando cerca de trinta mil pessoas ali residiam. Naquela época, o comércio era intenso e o camelo transitava pelas ruas e montanhas da Cidade Rosada, levando e trazendo mercadorias e gente, num fluxo constante.

Na época áurea, Petra tinha a cor do sol. Como ele, era a luz dos mercadores do Oriente, que nela encontravam o abrigo da vida, o alimento, a água e o descanso do corpo.

O beduíno suspirou e, com uma voz suave como o sopro do vento, lembrou-se das noites em que do alto daquela montanha captou e absorveu as luzes das estrelas, ressaltando:

- São elas que me guiam nas estradas da vida, onde ilumino o meu caminho e o dos meus semelhantes pela graça da Luz Divina. Caminhar rumo à harmonização com a Grande Energia do Universo deve ser o objetivo daqueles que pretendem atingir o crescimento infreável da evolução. Mesmo que não tenhamos consciência, caminhamos para a evolução a cada instante da vida, pois cada um de nós é um universo único, cuja rotação flutuante navega no vasto campo estelar da ascensão, que nunca estaciona ou estagna. Quando, no entanto, buscamos a melhoria consciente da qualidade de vida, passamos a manter uma maior vigília sobre os pensamentos, palavras, atos e ações, objetivando obter a harmonia da mente. Assim procedendo, alcançamos mais rapidamente a evolução e a ascensão celestial, pois evitamos que atitudes impensadas causem intranqüilidade e mal a nós mesmos e a outrem. O trabalho da vigília deve ser feito no dia-a-dia até que seja formada na mente a consciência, de maneira que as atitudes do cotidiano sejam sempre coerentes, justas, honestas e, acima de tudo, desprovidas de vaidade e desejos impuros. Se a ilusão alimenta o sonho do ser humano, as práticas do bem transformam sonhos em realidade, fazendo-os alcançarem um desenvolvimento afinado com o Sumo Sacerdote. Desta forma, o trabalho da vigília é o intermediário onde se estagia entre a luz e a sombra. É onde se dividem as águas da vida no reconhecer de que somos parte de um todo. E, como tal, somente adentraremos totalmente na luz quando fizermos com que esta sobreponha-se a sombra. O reflexo da luz sobressalta de nossas ações cotidianas, caso elas sejam mal direcionadas, serão ofuscadas e colocarão em risco a quebra do espelho da vida. O ser humano, ao adotar como princípio a arrogância, é uma minúscula partícula condensada de medo e pavor frente à manifestação do poder do Criador. Quando no céu roncam os trovões e os raios cortam-no

de um extremo ao outro, quando surgem os tufões, carregando e destruindo tudo que encontram e aparece pela frente, quando descem as chuvas torrenciais que causam enchentes e inundações, quando a terra estremece sua estrutura com os abalos sísmicos, quando os vulcões expelem seu furor, como fez o Vesúvio, que destruiu toda a cidade de Pompéia, quando o mar agita-se e forma enormes maremotos, quando os icebergs deslocam-se, agitando o mar, quando a natureza manifesta-se diferente de seu ritmo habitual, a fragilidade humana é exposta, mostrando o quanto o homem é indefeso. É nas horas de tormenta que os tidos como fortes, pela imposição de efêmeros poderes, mostram-se fracos. E é também nestas horas que os que são oprimidos agigantam-se, pois, afinados com as leis do universo, em paz com suas consciências e agindo dentro dos princípios divinos, confiam no julgamento do Criador, não tendo o que temer na hora de Sua ira. No julgamento celeste, a consciência tranqüila vale mais que o acúmulo de montanhas de ouro à custa da miséria alheia. As atitudes valem mais que o poder ilusório dos opressores. O medo das tormentas é provocado pela intranqüilidade mental. Quem tem princípios no agir e no julgar o semelhante, fazendo-o da mesma maneira como gostaria que fosse feito para si, não teme o julgamento do Criador.

Antes de convidar Karm Álek a prosseguir montanha acima até o topo do Umm Al-Biyara, Yasha comentou que nos rituais nabateus os deuses simbolizando as forças da natureza eram venerados e a eles eram rendidos cultos e sacrifícios pela sua importância na vida do povo. Os cultos praticados há milhares de anos tinham um profundo sentimento de gratidão, pois aquele povo reconhecia a importância de tal sentimento no fluir da constância da manutenção do suprimento de suas necessidades.

E continuou o beduíno:

- A verdade é a vida e a vida é a realidade, e somente ela fala ao coração e à alma. A verdade é a transparência das águas que permite à luz atravessar a grande massa e atingir a profundeza do oceano. Quando a mente está turva pela mentira e pela ignorância, não consegue captar a luz que está a seu redor, aguardando para iluminar a ela e à vida. Quando, no entanto, a mente assenta o barro da ignorância, purifica-se como um cristal através da elevação dos princípios, e funde-se à Grande Mente Universal, tornando-se uma antena que capta o fluir das emanações divinas.

O herdeiro de Arão anunciava, naquela hora, ao corpo, ao coração, à mente e à alma do peregrino, logo no primeiro encontro no Monte Jabal Khubtha, que o Deus que o homem espera um dia descobrir habita dentro dele e somente se manifestará na plenitude quando ele conseguir ver este Deus que procura naqueles que estão a seu lado. O amadurecimento de tal consciência robustece a mente, o coração e os sentimentos, derrubando as fronteiras materialistas do ser, fazendo manifestar a sublimidade do Criador que habita no interior de cada um através da chama divina do amor.

Dito isso, Yasha chamou Karm Álek para visitar na parte oriental da cidade, a Tumba Urna, cuja escultura adorna o monte Jabal Khubtha.

Como se despertasse de um sono profundo, Karm Álek abriu os olhos e toda a cidade parecia refletir numa única luminosidade, onde os tons sobressaltavam às vistas, destacando de forma singular cada detalhe. Parecia que Petra estava dentro de um enorme cristal líquido, incrustada na essência de seus fluidos esmeradamente entalhada pelo Sumo Criador do Universo, tamanha a nitidez com que o peregrino via. Era uma verdadeira simbiose harmônica que fez com que os olhos e a mente passassem a enxergar a sagrada Cidade Rosada com o fértil olhar de seus criadores.

De pé, Karm Álek olhou para Yasha e sorriu como uma criança. Não era para menos, pois todo discípulo, diante do mestre, demonstra amor, carinho e admiração, pois é este quem desvenda o véu da ignorância, fazendo nascer, como a luz da manhã, o sol da sabedoria.

O discípulo é a extensão do mestre! É a materialização de seus ensinamentos. É a certeza da continuidade do aprendizado. É o transportar através do tempo os mistérios que produzem a evolução do homem em sua existência.

Para que o peregrino pudesse absorver a cada passo os ensinamentos e conhecimentos vindos daquele habitante das terras áridas do deserto, era necessário desprendimento e manter abertos os olhos e os ouvidos da mente, de forma que aflorasse a plenitude da sensibilidade e fossem derrubados os conceitos impostos pela vaidade e pela prepotência do falso saber. No silêncio dos passos percorridos, era possível ouvir os tons harmônicos provocados pela música sublime emanada da sabedoria do velho beduíno, a que habita na individualidade do orquestrador e materializa-se na capacidade de absorção do aprendiz atento.

Enquanto subiam o monte Jabal Khubtha, como se fossem os dois únicos seres a estar e viver naquela época e lugar, o silêncio entre eles fazia com que Karm Álek armazenasse no cofre da existência as preciosidades cintilantes da sabedoria de Yasha. O silêncio somente foi cortado quando ambos depararam com a Tumba Urna. Naquela hora, Karm Álek não resistiu e seus olhos giraram 360º, como um relâmpago, à procura de seus companheiros peregrinos e do guia Faisal. Por um instante, esqueceu-se da presença de Yasha e, ao avistar seus companheiros, gritava incessantemente:

- Venham, venham ver que maravilha!

Seus companheiros pareciam dar-se por satisfeitos em contemplar o belo acervo arquitetônico da parte de baixo. Karm Álek, porém, insistia em chamar-lhes para avistar de perto aquela beleza que muitos chamam de Muro dos Reis, que pode ter sido um templo ou uma rica habitação, a Tumba Urna, a mais bela e fascinante do povo do deserto.

Situada no monte Jabal Khubtha, a Tumba Urna tem em sua fachada esculpidas três colunas arredondadas, adornadas, em seu alto, com ricos detalhes, tendo ao centro um grande pórtico de cerca de cinco metros de altura, ornado por dois pilares embelezados com detalhes que demonstram a sublimidade da capacidade criativa e artística de seus construtores. Nas laterais, de ambos os lados, seis colunas, com cerca de cinco metros de altura, enriquecem o conjunto arquitetônico, onde, no ano 70 d.C., com a presença dos

romanos, foi instalado na parte baixa do templo um novo conjunto arquitetônico, um aglomerado de arcos, onde, segundo os habitantes da região, eram encarcerados os presos.

As celas, onde os romanos prendiam os que transgrediam as leis ou contrariavam o Império, incomodaram o peregrino, que reconhece ser a liberdade um dos principais tesouros que o Criador deu à criatura. Foi ela que permitiu ao peregrino estar ali naquele lugar a mais de dez mil quilômetros de seu habitat. A liberdade é o infinito do caminhar, do enxergar e do próprio viver. É o que as aves necessitam para cindir o espaço e atravessar os oceanos. É o que o homem possui para manifestar a plenitude da vida.

A insistência de Karm Álek em chamar seus companheiros fez com que eles subissem até o alto do monte. Ao chegarem naquele local, ficaram extasiados com o arrojo e a beleza escultural do templo.

O fascínio do peregrino obstruiu-lhe por algum tempo a mente, fazendo com que se desgarrasse das narrações de Yasha. Quando deu por si, descobriu que o beduíno havia sumido no eco dos gritos de chamado aos seus companheiros.

Por uns instantes, procurou desesperadamente o beduíno que transportava a luz a respeito daquele lugar e de seus habitantes através dos séculos e milênios.

Enquanto caminhava com os outros peregrinos em direção ao salão central da Tumba Urna, Karm Álek parecia carregar sobre os ombros o peso do desaparecimento de Yasha. Sabia, no entanto, que era preciso dividir aquelas belezas e vibrações com os amigos que atravessaram com ele milhares de quilômetros para estarem ali.

De repente, seu coração acalmou. Da mesma forma que o sol incide no espaço e rompe a escuridão da noite, a luz de Petra rasgava os céus, abrindo-lhe na mente a clareira, mostrando-lhe que tudo tem um tempo e que cada tempo tem sua razão de ser na conjuntura universal. Aquela luz agiu como um bálsamo a refrigerar a essência do seu ser!

No pátio, todos admiravam, fascinados, os belos contornos arquitetônicos que compõem aquele conjunto, enquanto Karm Álek era atraído para dentro da tumba, como a um ímã, por uma fonte energética misteriosa.

Logo que entrou no lugar, foi tomado de forte energia e, sem que ele mesmo percebesse, começou a cantar, em línguas estranhas, mantras ou músicas de conotações orientais. O canto harmonioso percorria pelas paredes multicolores da tumba e saía pelo portal principal, atraindo não somente seus companheiros de jornada, mas alguns turistas e nativos que ali se encontravam.

Mergulhado nas profundezas da tumba e do tempo, transportando-se a um estado de êxtase que o atirara à manifestação do subconsciente, Karm Álek somente descobriu o que estava acontecendo nos últimos cinco a dez segundos anteriores ao término do cântico, quando, de forma lúcida, ouvia o cantar e a beleza da melodia. Aquele fragmento temporal representou para ele a dádiva sublime do momento com toda sua magia e encanto.

Ao ser questionado sobre o que ocorrera, não soube explicar como tudo aconteceu, nem o porquê. A única coisa que conseguiu dizer foi que os segundos finais por ele assistidos

pareciam ter sido concedidos para que ele também, sob a luz da consciência, pudesse desfrutar das emanações daquele cântico harmonioso.

Para o peregrino do deserto, a satisfação e o prazer eram tamanhos que somente podia compará-los ao instante do seu nascimento ou ao desabrochar de uma flor nos primeiros raios de sol dos dias da primavera.

Os quatro companheiros permaneceram dentro do templo durante alguns minutos, em profundo silêncio, após aquela manifestação de Karm Álek. Como uma esponja, pareciam procurar captar e absorver as vibrações harmônicas que emanavam das paredes matizadas como o arco-íris formado no céu após o cessar da chuva e o ressurgimento do sol.

O sol, companheiro do peregrino ao longo do deserto, tinha naquela hora um novo significado. O significado do renascimento, da descoberta de um novo caminho. Retirava o véu do conceito pré- estabelecido para que, em seu lugar, brotasse o respeito e a reverência ao momento, de forma que ele se manifestasse livremente e captasse o desvendar dos mistérios ocultos, armazenados há milênios nas paredes rosadas do templo.

O profundo estado de reflexão que tomou conta de todos mostrava que cada qual, à sua maneira, procurava traduzir o intraduzível, aquilo que está além da língua, além da voz, além dos sons, no profundo dos sonhos de todos que estão abertos aos sons e aos sonhos do próprio universo, imersos no êxtase de sua existência. Estavam mergulhados num mar de questionamentos.

Que artistas esculpiram tão belos templos?

Que deuses inspiraram as suas construções?

Onde estariam os originais dos projetos que resultaram naquelas construções?

Por que Moisés foi atraído para aquele lugar e lá conseguiu matar a sede de seu povo ao fincar o cajado na terra e também recebeu como castigo não pisar na Terra Prometida?

Por que Deus teria escolhido aquele local para que fosse enterrado o profeta Arão, porta-voz de Moisés?

Por que Paulo de Tarso ali passou alguns dias de sua peregrinação como evangelizador?

Perguntas e mais perguntas surgiam na mente de Karm Álek e dos outros peregrinos, que viviam, a cada instante, uma nova revelação, como o virar do caleidoscópio.

Petra é um lugar muito especial. E isso era sentido por todos a cada vez que respiravam.

Muitas das respostas os peregrinos acabariam por obter durante a estada na terra dos nabateus. Outras, no entanto, permanecem guardadas como uma incógnita viva nos templos, rochas e nas terras daquele deserto, para que assim glorifiquem, através dos milênios, seus construtores. A vida é uma caixa de surpresas que a cada instante revela uma nova face até então desconhecida.

A vontade do peregrino era desvendar o máximo possível sobre a história daquele povo e daquela terra. E ele acreditava que, na sinceridade de seu desejo despojado, encontraria a realização de seus sonhos.

Assim como fora atraído como por um ímã para o interior da tumba, onde desprendeu o cântico melodioso que levou todos os presentes a mergulhar com ele na sublimidade de

seus abissais, Karm Álek viu-se compelido a prosseguir a jornada, pois sentia fortemente o desejo de absorver, naquele único dia que lá permaneceria, o máximo possível dos três mil anos de história daquele lugar. Até aquele dia, o peregrino tinha os antigos textos bíblicos como lendas, histórias de ficção. Mas, então, mudaria seu pensamento sobre tais textos, pois conheceria os fatos e os lugares onde eles ocorreram.

Sem que os seus companheiros e os outros que lá estavam percebessem, Karm Álek deixou a Tumba Urna, encaminhando-se para a Tumba Seda. Durante a caminhada, sentia que os olhos das montanhas observavam-no.

O medo manifestado comumente no poço do desconhecido, do novo, servia como a principal arma para que o cavaleiro solitário do deserto combatesse seus fantasmas e adversários e, assim, prosseguisse a viagem.

Karm Álek descobriria naquele trajeto que, enquanto a boca fala aos homens e Deus escuta, a mente fala a Deus e os homens não ouvem. Assim sendo, ao abrir os ouvidos da alma, o homem passa a ser o porta-voz de Deus.

Enquanto caminhava, o peregrino lembrou-se de que Faisal contara-lhe que a Tumba Urna teria sido moradia de ricos nabateus que escolheram aquele estratégico local para residir, sendo que lá existia um pináculo de onde eles observavam os acontecimentos da parte baixa da cidade e os espetáculos apresentados no anfiteatro. Lá teriam habitado príncipes nabateus que contemplavam o maciço do Al Umm Biyara, bem como o transitar de seus súditos, acompanhando tudo que ocorria em seu domínio. A parte superior da tumba, na época em que o cristianismo chegou a Petra (que foi sede de um arcebispado naquele período), foi transformada em igreja, o que pode ser constatado através das cruzes encontradas incrustadas em algumas paredes daquele lugar.

Ao avistar a Tumba Seda, Karm Álek ficou impressionado com o arco-íris formado pelos matizes das cores impressas naturalmente na parede frontal da tumba pela própria formação rochosa do templo. As rochas de Petra são assim: refletem como o nascer ou o cair do sol. Mas sempre refletem!

Por alguma falha do povo daquele lugar, o Sumo Sacerdote amaldiçoou-o, mas permitiu que Petra subsistisse para exaltar a sublimidade e a potencialidade de seus construtores. Afinal, Deus criou o dia e a noite - e se num momento Ele cobre de luz a metade da terra, naquele mesmo instante, na outra, faz florescer o brilho das estrelas, e em ambas a magnificência de Sua criação. Petra parece o reflexo da imagem do universo.

O peregrino constatava que o tempo não conseguiu diluir a nobreza da tumba. Sua fachada, ainda hoje, guarda as marcas das colunas e de vários detalhes da estrutura inicial.

Teria sido ali, naquelas terras, que Moisés aproximou-se de Deus o mais que pôde um homem, e diante Dele escutou os detalhes finais sobre como proceder para encontrar a Terra Prometida para seu povo.

Das palavras de Deus, Moisés escreveu os cinco livros mais importantes do Antigo Testamento, os quais compõem a Torá, que desde aquela época serve de guia para a conduta dos judeus.

Os que visitam a Cidade Rosada do Deserto encantam-se com a arte nabatéia, pois ela permanece viva em cada fragmento e pulsante em toda a atmosfera de Petra. A arte ali empregada continua falando ao coração dos homens a língua dos deuses.

O peregrino via-se diante do mais fantástico abstrato realista. O sonho daquele povo permanecia vivo após séculos e séculos para ensinar ao homem que os dons divinos são inerentes a ele desde os seus primórdios.

Ao narrar sobre a viagem àquele lugar, o peregrino cultua a esperança de que as palavras, muitas vezes brutas como a pedra, possam, na lapidação do tempo, dar um novo contorno à vida na formação da Petra interior de cada ser. Assim, acredita que o crescimento do ser humano dentro do universo dá-se no desabrochar da centelha sublime da mente, e que esta pode amoldar o tempo e o momento com o florir do amor, da paz e da evolução humana na medida em que é exposta à luz divina.

A sensibilidade do homem mostra-se de forma mais nítida ao ser materializada através da arte, pois expressa o que vem do fundo da alma. Nem mesmo o tempo, com todas as suas intempéries e nuanças, consegue apagar o dom divino do ser, mesmo quando consome o próprio ser. Petra deixava isso bem claro para o peregrino. Ao constatar a realidade da manifestação intrínseca do ser, exteriorizada nas construções nabatéias no meio do deserto jordaniano, Karm Álek vivenciava o quão valiosa é tal manifestação, a que sobreviveu para deixar impregnado no ar seu mistério e fascínio, resistindo ao tempo e atravessando milênios com a expressão da beleza e da arte.

Quanto tempo seus construtores levaram para esculpir tão belos edifícios?

Que ferramenta usaram?

Como conseguiram desenhar os templos e esculpir as estruturas com tamanha perfeição e delineamento sem mapas topográficos ou plantas milimetradas?

Karm Álek voltava aos questionamentos sobre a origem dos nabateus e os conhecimentos que empregaram para a realização das obras que tanto encantam os que visitam a Cidade Rosada.

A intuição, algum deus, entidade celeste ou premonição guiou o povo para aquele recanto no meio do deserto, fazendo com que, durante séculos, ele fosse uma importante referência do mundo antigo para os que cruzavam o deserto na rota real rumo ao Egito, à Pérsia, ao Oriente, à Índia...

Ali ficara claro para o peregrino que o sonho é o princípio da materialização daquilo que se deseja construir, obter, fazer, empreender.

A exteriorização da intimidade do ser, exposta em suas obras, mantém-no interligado à vida universal. Desta forma, sem rótulos ou programas, frutifica a realização de seus ideais no amadurecimento de seus sonhos, deixando como herança para a raça humana o sonho como realidade.

Deus reserva ao homem aquilo que está além dos seus sonhos. Quando o homem adquire tal consciência, sabe que o desejar e o querer tornam-se pequenos ante a colheita das flores que florescem no âmago da terra divina, onde somente o Sumo Sacerdote possui a semente

e a terra adequada, bem como a água e o adubo próprio para a realização da colheita sublime.

A sensibilidade do estado de ser do peregrino parecia ouvir o chamado de Yasha ecoar por entre as paredes rochosas da antiga capital de Edom.

Percebera, ao contemplar a cidade do deserto, que ninguém é tão pequeno que deva sentir-se inferior, pois Petra somente representava o que era graças a todos os seus construtores sem distinção. Afinal, o universo é composto de todos os seus fragmentos e nenhum deles é prescindível. No entanto, é na individualidade que habita o porquê do momento e a definição da ação, e isso é que diferencia os seres.

Karm Álek lembrou que Yasha contara-lhe que, poucos anos atrás, o biólogo Michael Hammer, da Universidade do Arizona – EUA, com a colaboração de cientistas europeus, israelitas e de outras nacionalidades, desenvolveu uma pesquisa onde, comparando o cromossomo Y de mais de mil homens de dezenas de localidades, comprovou que os cromossomos pesquisados seriam originários de um único homem, que teria vivido há cerca de cento e quarenta mil anos, e que árabes e judeus teriam surgido realmente do patriarca Abraão, o que confirma os relatos contidos nas Escrituras Sagradas.

Por todos serem irmãos, conforme a corrente descoberta no cromossomo Y, o peregrino lamentou pelos oprimidos que deram suas vidas para a construção da cidade, e mais ainda pela responsabilidade dos opressores.

O fruto dos que, como as abelhas, sobrevivem das flores, de onde retiram sua fonte de vida com amor e carinho, é doce como o mel pelas abelhas produzido. No entanto, aqueles que atiram sementes do mal amargarão o gosto do fel que não tem dia nem hora para se apresentar em forma de doenças, flagelos, perdas e males dos mais diversificados. O fim dos edomitas como povo e nação teve uma razão de ser, pois eles quebraram as regras e fizeram desmoronar os templos dos princípios que dão base aos fundamentos da Leis Divinas, apesar de Petra subsistir.

A liberdade no plantio é do tamanho da responsabilidade da colheita.

A boa semente, ao ser atirada à terra, não importa quando ou onde, certamente frutificará abundantemente e servirá para saciar a sede e a fome de amor e luz do agricultor que a semeia. Mais vale ter o que haver com Deus do que ter o que pagar, pois, tendo a haver, as probabilidades são infinitas, e aí o ouro é o que menos valor tem para a obtenção do suprimento do ser.

O peregrino parecia ouvir o vento soprar dizendo: “O Senhor, teu Deus, sempre supre as necessidades de Seus filhos, como sempre fez quando estes fizeram por merecer”.

Desnecessárias tornam-se as palavras quando as ações exemplificam-nas.

Com passos acelerados, como se quisesse voar por entre a histórica cidade nabatéia, Karm Álek caminhava de forma que seus pés pareciam não tocar o chão. Quando menos esperava, um assobio chamou-lhe a atenção. Era Yasha sentado em uma pedra com o olhar perdido no infinito, como se estivesse buscando rememorar os mistérios daquela terra.

- Pensei que tivesse me abandonado, pois enquanto chamava meus companheiros à porta da Tumba Urna a fim de apresentá-los a você e mostrar-lhes a tumba, você desapareceu, ou melhor, diluiu-se como a fumaça no ar – disse Karm Álek, aproximando-se de Yasha.

- Não queria interferir na corrente energética que te liga aos teus companheiros de viagem. Afinal, foram eles que te proporcionaram estar aqui e agora. Além do mais, não sei como eles me receberiam, pois contigo me sinto um elo de uma corrente que compõe o universo e que há muito estava perdido no tempo. Aliás, que sublime foi o cântico por ti entoado em aramaico antigo - comentou Yasha.

Karm Álek, surpreso, indagou a Yasha como foi possível a ele cantar em uma língua estranha, há muito esquecida nos anais da humanidade, da qual ele jamais havia ouvido uma palavra sequer.

Então, Yasha respondeu:

- Não sabes que existe muito mais entre o mar e a terra, o céu e as estrelas, a vida e a morte do que nossa mente possa supor? É por isso que não devemos surpreender-nos ante ao inusitado. Está tudo escrito na imensidão de nebulosas, por onde nossos pensamentos mais íntimos, às vezes, conseguem flutuar e penetrar, subtraindo de lá um pedaço para nos lembrar da existência de um mundo tão longe e tão perto. Tão irreal quanto real. Isso é um importante elo de ligação do Criador com a criatura e a quebra da monotonia universal, fazendo com que, mesmo estacionado em um único lugar, o homem cresça e aprenda a cada instante. Assim sendo, se sonho, existo. Se não, apodreço. Aí está uma ínfima demonstração da sublime manifestação da vida de Deus. Meu caro peregrino, na surpresa dos momentos e na sua diversidade, Deus mostra-nos a cada instante que não basta falar, difundir e anunciar sobre o amor. É preciso vivê-lo! Somente assim, descobrimos a beleza em tudo e em todos e espargimos a radiosidade emanada do profundo de nosso interior. É na nossa exteriorização que se manifesta a plenitude de nossa realização e de nossa felicidade.

Yasha surpreendia o peregrino com seus relatos a cada passo, enquanto caminhavam em direção à Tumba Corinthiana.

- A falta de certeza de quem é, do que é, e de por que nasce e morre, aliada à incógnita de que se existe ou não uma vida após a morte, tem afastado a humanidade do centro de sua energia vital, de sua força infinita, pois a incerteza provoca o temor, e este transforma a realidade em miragens. Sem reconhecer sua verdadeira força e energia, a humanidade, em sua grande parte, desconhece seu verdadeiro poder e assim se atira a uma busca constante de efemeridades que somente lhe acrescenta um parco crescimento material, que em nada contribui para a evolução efetiva do ser, meu caro Karm Álek.

O peregrino ouvia, surpreso, a cada palavra, pois não esperava que um homem formado pela rudez do deserto, com a pele enegrecida e curada pelo sol, pudesse fornecer-lhe tantas informações sobre a existência da humanidade. No entanto, descobria nas entrelinhas ditas pelo beduíno que, se atingisse o centro de suas energias, o homem poderia gerar uma grande e infinita força, de forma a transformar-se em um ser capaz de criar, produzir e

evoluir equilibradamente, fundido ao universo. Descobria, ali, que as dúvidas e incertezas em que vive a maioria da humanidade têm provocado um estado constante de defesa, o qual transforma, muitas vezes, o defensor em agressor, levando-o a cometer desatinos dos mais variados matizes e conseqüências. Mas, na medida em que atinge a segurança de seus atos, adquire a harmonia, passando a vibrar numa única sintonia com a orquestração cósmica, diminuindo, desta forma, os riscos de deterioração individual e coletiva.

Yasha explicou-lhe que, dentro da família terrena, a dúvida do ser provoca o desmoronamento da estrutura conjugal e, fora dela, o aniquilamento da estrutura pessoal e coletiva.

- Os caminhos construídos com amor fazem com que a tocha celeste mantenha-se acesa a aquecer os corações em busca do crescimento e da vitória coletiva do espírito. Ao longo do caminho, devem ser guardadas as lembranças que emolduram de beleza a trajetória do viajor. Assim, nem a ferrugem nem as traças conseguem corroer-lhes as entranhas. O amor no desempenho da caminhada aquece as noites de inverno, de forma a não permitir o congelamento do coração com mágoa, rancor, ressentimento e ódio. A mágoa endurece o coração, cria torturas mentais e destrói a vida, a paz e a evolução de quem a guarda no baú da existência como um troféu. O rancor não é diferente da mágoa, provoca a centelha que produz a ardente labareda que consome o equilíbrio, transformando-o em raiva. O ressentimento, aparentemente menos ofensivo e mais ameno, envenena o sangue e contamina o coração com a nódoa de seu teor. O ódio, por sua vez, é a expressão da animosidade humana, que, revestida de sentimentos espúrios, caracteriza o estágio de involução e de retrocesso, provocando a maior de todas as doenças, aquela que é capaz de gerar, com a avalanche da irradiação maléfica que provoca, a destruição de quem o exprime e, conseqüentemente, de outras vidas ao seu redor.

O peregrino sentia que Yasha era como os matizes de Petra, que se multiplicavam, na medida do avançar dos passos, em cores e belezas indescritíveis. Com ele, aprendia a caminhar com os pé no chão e os olhos voltados para as belezas da caminhada, na certeza de que os tropeços não são provocados pelas pedras que saltam ocasionalmente para o meio do caminho, mas que eles fazem parte do trajeto traçado pelo viajante.

Quando percebeu, o peregrino estava na porta central da Tumba Corinthiana, construção corroída pelo tempo como as demais estruturas daquele lugar, cuja fachada assemelha-se com a do Al Khazneh Farun. Na porta da tumba, outro beduíno saudou Yasha como se o herdeiro de Arão fosse um rei ou um sacerdote que servira naquele local em épocas remotas.

A reverência do beduíno a Yasha era uma demonstração de que o companheiro de Karm Álek tratava-se de uma pessoa muito especial. Os olhos do beduíno refletiam como duas ardentes tochas de fogo, como se estivessem vendo um ser celeste, como os deuses nabateus que ali viveram e eram cultuados pelo povo daquele lugar.

O entrelaçar dos olhos brilhantes é capaz de dizer o que as palavras não possuem força para exprimir ou traduzir. E isso ficou claro no encontro do beduíno com Yasha.

O peregrino entendeu que o brilho nos olhos espelha um sentimento profundo, abre a imensidão da alma, descompassa o coração e desabrocha a essência do verdadeiro amor, refletindo o que as palavras, muitas vezes, não têm como exprimir.

Enquanto o brilho nos olhos enaltece o amor, a palavra, por vezes, pode deformá-lo. Os olhos são janelas que se abrem nos jardins da alma e do coração e expressam a magnitude do sentimento interior.

Karm Álek ficou a admirar a Tumba Corinthiana e soube por Yasha que durante o período bizantino ela teria servido de tribunal, sendo transformada posteriormente em igreja cristã, conforme algumas inscrições e cruzes que adornam suas paredes. Sua fachada, constituída de sete partes ornadas por oito colunas, mostra, na parte superior, uma semelhança com a tumba do Faraó. Aquela tumba teria sido dedicada ao rei Malkus II e é composta de inúmeros elementos comuns a uma outra, o Triclinium da Tumba dos Obeliscos.

O peregrino sentia-se fundido ao universo ao presenciar tudo aquilo, pois as fronteiras já não existiam. Era como se ele sempre tivesse vivido naquele local.

Karm Álek descobriu que todos somos elos perdidos de uma imensa constelação, vagando pelos campos da vida sem rumo e sem direção, carregados do que trazemos na formação de nossa constituição, em busca da descoberta de nossa própria formação e destino dentro das raízes do universo. Achou-se parecido com sua mãe, que há muito partira e que, na formação de sua constituição, dera-lhe como herança a bondade, o carinho, a determinação, a fé, a perseverança e a crença em Deus, em tudo e em todos. Mas também sentiu que, na transfusão ardente, recebera de seu pai a solidariedade, a coragem, o senso de justiça, a rigidez, a força. Face a isso, descobriu que, se queria flutuar nos jardins cósmicos da evolução, deveria conciliar ambas as partes de sua formação, de maneira que aflorasse daquela fusão o molde de um ser direcionado para a luz . Afinal, somente se constrói um bom prédio quando se aplicam na construção apenas bons materiais.

O peso do saber impunha ao peregrino um confronto constante para o amadurecimento de sua consciência.

- O homem vive em um deserto a caminhar sem que possua o mapa do seu destino. No percurso, encontra areia, sol, vento e dificuldades, mas também muitos oásis. Quando bebe da água como se ela fosse a única e a última, é quando descobre que o importante ao longo do caminho é ter gratidão por cada poço, pois cada um tem sua própria razão de existir. Não importa se ele produz uma água salobra ou doce, o importante é que ela mata a sede no momento preciso. Por este motivo, ele é o mais importante de todos os poços, não importando o teor da água que produz – explicou Yasha.

De repente, os olhos de Yasha umedeceram-se e falou sobre o planeta que abriga as vidas para a caminhada evolutiva do ser:

- Vista do alto, ela é uma nave azul cintilante flutuando no vasto campo estelar, a adornar o céu do universo com sua beleza e formosura. Vista de perto, é o símbolo do descaso, da inconseqüência e da irresponsabilidade humana. A Terra, como tudo que existe

no universo, tem vida própria e um destino a cumprir nos anais do Criador. O ser inteligente que dela retira seu sustento é também o que lhe vem causando dor e aflição e contribuindo de forma acelerada para sua destruição, sem se importar com as gerações futuras que dela dependerão para sua subsistência. A terra que gera o fruto para o alimento dos seres vem sendo envenenada por aqueles a quem ela alimenta. O ar que produz a vida através da oxigenação do corpo no pulsar do sangue, através do bombear do coração, é o mesmo que vem recebendo gases e poluentes para sua morte gradativa. A água, que representa a maior parte do planeta e sem a qual a vida torna-se inexistente, vem sendo poluída, a cada instante, como se fosse uma condenada à morte cruel e lenta - uma inocente que não sabe o motivo da condenação! O sol, símbolo do fogo, elemento vital de tudo e de todos que habitam a Terra, a tudo assiste constatando que os gases e o efeito estufa podem evitar que seus raios continuem a jorrar a luz benéfica que dá a vida ao planeta. Que animal é esse que destrói a sua própria espécie e arrasta para o abismo da morte outras vidas que somente bem lhe transmitem? Que animal é esse que é dotado de inteligência, mas que age de forma mais primitiva que os mais irracionais ? Que tipo de animal extermina de forma fria e consciente a terra que lhe dá o sustento, a água que lhe mata a sede, o ar que lhe garante a vida? Que tipo de animal não observa que, ao envenenar a terra, destruir o solo e poluí-lo, está acabando com o recurso de produção de seu próprio alimento e vida? Que tipo de animal não se preocupa ao poluir os rios e mares com lixo, entulhos, agrotóxicos e óleos combustíveis, apesar de necessitar da água para viver? Que tipo de animal atira diariamente milhões de partículas poluentes no ar que respira, mesmo sabendo que sem o mesmo não conseguiria sobreviver? Quem responder que é o burro, aquele animal que puxa carroças, está errado! Quem responder que é o porco, que vive na lama com dejetos, está errado! Quem responder que são os abutres, que comem a podridão dos corpos em decomposição, está errado! Quem responder que são os vermes, tidos como repugnantes, ou os peçonhentos, também está errado! Apesar de ser burro quem age contra a natureza, não são aqueles animais os causadores de tais danos. Apesar de ser porco quem polui a natureza, não são aqueles bichinhos que assim agem. Apesar de tudo parecer obra de irracionais, na verdade, quem destrói sua própria espécie, o meio em que vive e tudo o que necessita para sua sobrevivência é consciente de tudo. Sabe tudo. E, mesmo assim, continua achando que são muitas vidas a vida do único planeta que lhe garante a sua própria vida.

Após tal lamento, Karm Álek e seu companheiro seguiram para a Tumba do Palácio, ao lado da Corinthiana. O Palácio é uma obra monumental que, segundo Yasha, parecia-se com o Palácio Dourado do imperador romano Nero.

Apesar de toda beleza de Petra, o peregrino não sabia explicar o que mais o atraía naquela hora, se eram as construções nabatéias ou as palavras de Yasha. O velho monge do deserto era um poço de surpresas que fazia brotar por todos os poros encantos que fascinavam pela profundidade. Seu espírito era parte da essência edomita e nabatéia. Sua vida, a manifestação do deserto e seus mistérios.

O peregrino tinha consciência de que, se quisesse conhecer realmente aquele magnífico recanto de encantos, deveria vê-lo sob o olhar de Yasha. Não poderia ver somente com os olhos, mas também com os ouvidos, a mente e a alma. Afinal, somente consegue ver o mundo real aquele que o vê com os olhos da neutralidade e da imparcialidade. Sem paixões, emoções ou determinações, mas com os olhos da lucidez fluídica universal. Os olhos do sentir.

De certa forma, o peregrino estava aprendendo que Petra era somente um motivo para sua visita ao deserto do Oriente Médio, o mais importante era o encontro que mantinha com o beduíno. Petra está espalhada por todos os cantos da Terra onde existir um Yasha a armazenar a essência da cultura humana, pronto para doar o que recebeu da vida, a fim de proporcionar o surgimento de novos Yashas.

Em frente ao Palácio Dourado, construído em três pavimentos, Karm Álek admirava aquela estrutura que, apesar de corroída, ainda apresenta no andar superior as dezenas de colunas esculpidas na pedra e os adornos dos pórticos no andar térreo. Uma fachada de grande esplendor, talhada com arte e beleza pelos nabateus, que, por sua pujança, merece o título de réplica da morada do imperador.

Logo que deixaram o Palácio Dourado, Karm Álek e Yasha dirigiram-se para a Tumba *Sextus Florentinus*, onde o beduíno contou que aquela era uma tumba que teria sido construída no século I d.C, para que ali fosse enterrada uma autoridade do império romano que desejara descansar nas terras dos nabateus após sua morte.

Yasha contou que o representante do império ficara maravilhado com as construções e que, tão logo que chegou à Petra, disse:

- Esta terra é cercada de grandes energias e enigmas. Sua história confunde-se com a própria criação do mundo. Sinto nesses ares desérticos o frescor que embala as almas adormecidas. Quero, em minha partida para a sublime morada, encontrar o descanso nestas terras e repousar com os deuses que aqui residem através dos milênios.

O representante de Roma deitou seu corpo na Tumba *Sextus Florentinus* para o descanso eterno. Nela, ainda hoje, pode-se ler uma inscrição em latim, cuja tradução é a seguinte:

"A Sexto Fiorentino, ao filho Lúcio, ao triúnviro para o cunho da moeda. Ao Tribuno militar da primeira região de Minervium, ao cuestor da província de Acaia, ao Tribuno do povo, ao comandante da VIII legião hispana, ao responsável pela província árabe, ao queridíssimo pai, segundo seu próprio testamento, Papiria construiu esta tumba."

A tumba, apesar de deteriorada pelo tempo, guarda em seu perfil uma combinação da arquitetura nabatéia e clássica romana, o que é notado pelo visitante logo na fachada. Por estar voltada para o norte, raramente se encontra iluminada, o que faz com que não resplandeça tanto quanto as outras construções nabatéias.

- Petra guarda tantos mistérios quantas estrelas existem no céu. Há momentos em que pressinto que estou ouvindo o talhar das paredes dos templos da Cidade Rosada, como o tilintar dos sinos dos ventos, num repique paulatino de fina sonoridade, a tirar as arestas da rocha com o objetivo de mostrar a beleza das construções que ora contemplamos. O som soa em meus ouvidos como uma música serena e celeste, que parece embalar meu corpo no

solo desértico. Percebo que, à medida em que caminho e conheço os trilhos e atalhos desta terra, fortaleço as entranhas de meu ser com o absorver dos instantes. É incrível o que cada momento pode oferecer-nos no decorrer da vida, quando nos permitimos viver intensamente a individualidade de cada um deles - disse o peregrino a Yasha

No interior da tumba, Karm Álek viveu o sonho do romano que escolheu descansar na *Sextus Florentinus*.

- Como é boa a realização de um sonho! Que bom é sonhar! Quão fantástico é descansar o corpo nesta terra onde Deus se fez e se faz tão presente! - constatou o peregrino.

O sonho daquele romano fazia Karm Álek entender um pouco mais a respeito do ser humano, pois, por maior e mais bravo que seja o guerreiro, por mais cruel que possa ser com seus adversários, sempre permanece dentro dele a centelha divina, pronta para despertar sob o raio da lucidez, para difundir-se à luz na medida em que esta desabrocha. Por certo, foi aquela chispa divina que orientou-o a escolher Petra como a morada de seu corpo entregue à morte. De alguma forma, o romano sabia que em Petra sobreviveria ao tempo, mesmo depois de seu corpo ter sido devorado pelos vermes na transmutação da vida.

Yasha contou ao peregrino que o ciclo da vida humana é como o das árvores que, no verão, com a chuva e o sol, ganham força e energia para o crescimento; no inverno, quando perdem as folhas, refrigeram o corpo para o repouso merecido; na primavera, quando florescem exalando beleza e perfume, fecundam na polinização para a produção da semente da vida; no outono, frutificam para a multiplicação e a continuidade da espécie, perfazendo um ciclo de vida constante que, a cada estação se e molda para a concretização do todo.

- Há muito, o homem tenta compreender a razão de sua existência. Na profusão da multiplicação dos instantes, subtrai para si os fragmentos da formação do mosaico da vida. Se, no verão, ganha força e energia para caminhar sobre a terra, no inverno, hiberna na contemplação a buscar novas energias para a construção de novos projetos, fazendo florescer, na primavera existencial, as sementes embrionárias das realizações que atingem seu ápice no desabrochar do outono, quando frutifica a materialização de seus projetos e sonhos. Quando segue este fluxo, compreende a importância de cada estação. Quando reverencia a cada instante com a mesma profundidade, consegue realmente crescer e evoluir como um ser divino nos moldes do Sublime Mestre. Pois o dia e a noite fazem parte do ciclo interior do ser e do universo - lembrou Yasha a Karm Álek.

A viagem de ambos prosseguia e Yasha falava sobre a passagem de Paulo de Tarso pela Cidade Rosada do Deserto.

Assim que o beduíno iniciou seu comentário, o peregrino lembrou que Saulo, o cobrador de impostos de Roma, foi um ferrenho perseguidor dos cristãos. Segundo as Escrituras, “só respirava ameaças e morte” contra os discípulos de Cristo. No entanto, próximo a Damasco, Saulo subitamente viu uma luz que brilhou ao seu redor, e, caindo por terra, ouviu uma voz que lhe dizia:

- Saulo, Saulo, por que me persegues?

E Saulo perguntou:

- Quem és tu, Senhor?

A resposta foi:

- “Eu sou Jesus, a quem tu persegues; mas levanta-te e entra na cidade, onde te dirão o que convém fazer”.

Os companheiros de Saulo, que com ele viajavam, pararam emudecidos, ouvindo a voz, não vendo, contudo, ninguém.

Após o episódio, Saulo perdeu a visão. Por três dias não comeu nem bebeu. A interferência do Filho de Deus, falando-lhe na estrada para Damasco, fez com que Saulo despertasse daquele estado de crueldade e passasse, dali para frente, a ser um dos mais fervorosos discípulos de Cristo, difundindo os ensinamentos do Mestre por muitos lugares. Desde então, foi chamado de Paulo de Tarso e passou a ser perseguido por aqueles que a seu lado perseguiam aos cristãos.

Homem de grande conhecimento e cultura, Paulo de Tarso tornar-se-ia ainda maior depois de ter aceitado Cristo como seu salvador. Nas cartas por ele escritas aos romanos, coríntios, galátas, efésios, filipenses, colossenses, tessalonissenses, Timóteo, Tito, Filemom e, possivelmente, aos os hebreus, contidas nas Escrituras Sagradas, constatamos que suas palavras continuam atuais nos dias de hoje, dois mil anos após terem sido escritas.

Yasha contou que Paulo meditou naquelas terras sobre o amor, o perdão, a caridade, a fé e a vida em Cristo. Assim como Moisés peregrinou no deserto em busca da Terra Prometida e Cristo peregrinou com seus pais em fuga para o Egito, a fim de não ser assassinado por Herodes (que determinou o genocídio das criancinhas nascidas naquela época, com medo de perder o reinado para o “Rei dos Judeus” que os reis magos disseram que havia nascido), Paulo também expôs sua fronte ao calor do deserto, onde muitas vezes refrigerou sua mente ao receber os ensinamentos sagrados, que distribuía ao longo de sua vida para todos aqueles que encontrava pelo caminho.

- A meditação, o debruçar sobre o nada, o parar de pensar, faz com que atinjamos um estado de sintonia perfeita com a orquestração sublime do universo. É nesta hora que melhor escutamos a voz de Deus e de seus Anjos de Luz. É neste estado que ouvimos a voz dos Mestres e deles absorvemos a essência de seus ensinamentos. Creio que Paulo, tão logo se desvencilhou da casca embrutecida pelo meio em que vivia, após ouvir a voz de seu Mestre interior, compreendeu que o amor é o refrigerador do fogo abrasador que consome, na combustão do ódio, o coração e as entranhas do homem. O amor é o antídoto para todos os males, é o bálsamo que alivia dores e regenera a essência humana, é a mais bela de todas as flores, a mais fresca de todas as brisas, o mais brilhante de todos os sóis, o mais nobre dos sentimentos. O amor é alfa e ômega, é carne e espírito, é noite e dia, é a manifestação de Deus através do ser. O amor é a fórmula mágica de fazer resplandecer a verdadeira sublimidade do homem e o meio único pelo qual o homem aproxima-se de Deus. Paulo também mergulharia, em suas meditações, no mar profundo do perdão, pois sabia que muitos males espalhara ao longo dos caminhos da vida com sua prepotência, arrogância,

poder e submissão ao mal. O perdão deveria encontrar seu verdadeiro sentido quando ele, ao sofrer na carne as agruras da dor, dos martírios e prisões, derramasse sobre seus algozes o fluido divino da compreensão, como fruto da conscientização de que cada qual é o único responsável por seus atos na hora do juízo, onde somente os atos são os advogados de defesa e acusação de cada um perante o tribunal divino - explicou Yasha.

Karm Álek sabia que o beduíno alertava-o sobre os efeitos da conduta humana. Também compreendia que a prepotência é fruto da imaturidade, da insegurança, do medo e da fuga da realidade da vida; que a arrogância é o mesmo que é a prepotência.Que o poder ostentado é o meio de vetar o fluxo da igualdade da criação estabelecido pelo Criador.

O peregrino refletiu mais sobre o que Yasha falou sobre a submissão ao mal e lembrou-se de quantas vidas um ser cheio de amor como Paulo tirara por curvar-se frente ao mal. O mal é o revés do espelho e da luz. Não tem brilho! É uma lava incandescente que incinera corações, destrói famílias, despedaça sonhos, devasta a natureza, elimina vidas, ofusca a parte divina do ser.

Na profusão de suas reflexões, Karm Álek lembrou que, ao longo da história da humanidade, o mal destruiu milhões de pessoas nas guerras e demandas, desde a história de Caim e Abel.

Somente quando o mal for eliminado de vez, o homem poderá dar um importante passo nos jardins do universo, rumo ao encontro com a Luz maior: Deus!

Yasha prosseguia:

- Paulo debruçou naquelas terras seus pensamentos sobre a caridade porque ela aproxima o homem de Deus, visto que é o ato de reconhecer Deus dentro do outro. É dividir o pão, o teto e o agasalho. É amparar no momento da dor, é confortar no momento da aflição, é compreender no momento do erro, é estender as mãos em direção ao abismo da existência para resgatar os náufragos da vida. É acolher com carinho a tudo e a todos sem distinção. A caridade aproxima o homem de Deus, pois quem a pratica compreende o quão importante ela é para a construção de um mundo mais justo e solidário, onde as desigualdades sociais desaparecem para dar lugar a uma nova terra e uma nova gente. Quem divide, na verdade, multiplica, pois, nas leis divinas que regem o universo, o dividir é como lançar semente em terra produtiva: os frutos abundam com o feitio do plantio. Se, de alguma forma, antes de conhecer o Mestre, Paulo era o oposto da caridade, após o encontro na estrada de Damasco, resgatou sua formação divina, reencontrando o caminho da Luz, sem se afastar em nenhum instante dos ensinamentos sagrados do Grande Mestre. Com o martírio que o conduziu à morte em Roma, purificou seu espírito e elevou-se aos céus. Quem ampara o outro no momento da dor, angaria no teto do universo um espaço para se abrigar nas épocas de tempestade. Aninha-se ao Pai. Creio que a compreensão do erro alheio é fruto da constatação de que todos somos filhos de um mesmo Criador e de que cada um é responsável pelos seus atos, conhecendo o porquê da ação e o efeito dela irradiado.

De repente, o peregrino viu seus companheiros descendo para a cidade baixa. No entanto, desta vez, não os chamou, pois temia que Yasha desaparecesse de vez e que não pudesse mais desfrutar de sua companhia e ouvir seus relatos sempre recheados de sabedoria, poesia, magia e história.

Enquanto caminhavam em direção à Tumba Carmínea, assim denominada devido a seus matizes rochosos nas cores roxo, carmim, azul e branco, que dão à sua estrutura uma beleza muito especial, Yasha comentou que, por mais que se conheça Petra, é difícil entender os seus mistérios, pois uma terra que foi pisada pelos principais homens que tiveram contato com Deus faz-se especial somente por este fato. Mas Petra é muito mais do que isso: é uma cidade de estrutura arquitetônica ímpar, entalhada em rochas multicolores que dão um toque quase surrealista às suas construções. É um oásis no meio do deserto! É uma pérola reluzente no meio da terra árida!

- Quanta determinação, arte e magia foram empregadas na construção de Petra! - maravilhava-se o peregrino, contemplando a Cidade Rosada do Deserto.

Yasha, interferiu nos questionamentos interiores de Karm Álek:

- Tudo é uma questão de fé! A fé é o caminho que leva aquele que está perdido ao encontro da saída do labirinto desértico. É o alento que dá a esperança ao moribundo, o sol que faz brilharem os olhos do cego, a forma de encontrar a salvação pregada por Jesus e seus discípulos, a luz no fundo do túnel. A fé é a referência para os que já haviam perdido a esperança! Isso, meu caro peregrino, é uma ínfima parcela desse poderoso antídoto capaz de provocar verdadeiras transformações na vida da raça humana. A fé levou Moisés, Cristo e Francisco de Assis a jejuarem por quarenta dias e quarenta noites, atravessando os desertos da mente, suportando os desejos da carne, vencendo os demônios das sombras, resistindo às tentações, estabelecendo um contato mais íntimo e profundo da criatura com o Criador. A fé remove montanhas!

Karm Álek, ao ouvir aquelas palavras, recordou-se de inúmeras passagens em que a fé foi a estrela guia a transformar sonhos em realidade. Lembrou-se de uma mulher que resistiu a um câncer por mais de quinze anos, após ter sido condenada pelos médicos, que disseram que ela não teria mais que um ano de vida. Outra pessoa sofreu uma queda de mais de quinze metros de altura, caindo em cima das pedras, mas, com fé e determinação, venceu as agruras do corpo. Também se recordou de uma outra que sofreu um derrame e voltou a andar praticamente normal, após muitos dizerem que ela ficaria paralisada pelo resto de sua vida. Outra, ainda, esteve em estado de coma, vítima de um acidente automobilístico, por dez dias, tendo ficado internada em um hospital por mais de três meses e que se recuperou e hoje desempenha suas atividades normalmente, como qualquer outra pessoa que jamais sofreu acidentes.

Continuaram caminhando, desta feita, em direção ao imponente anfiteatro entalhado nas rochas, na parte baixa da cidade, na direção frontal da Tumba Urna.

Enquanto caminhavam, pareciam envoltos em uma camada energética, cujo ritmo fazia com que ambos os batimentos cardíacos estivessem afinados em um único diapasão e os

passos fossem sincronizados, a exemplo do bailar dos pirilampos com suas luzes esverdeadas nas noites escuras das florestas tropicais.

O tempo parecia ter parado, enquanto ambos caminhavam na direção do anfiteatro. Era como se eles descobrissem que o silêncio é a mais importante expressão da interiorização, que faculta atingir o ápice da concentração e da meditação.

No silêncio, a contemplação ganha um brilho todo especial: o da penetração profunda no âmago do que é contemplado.

O silêncio é um bálsamo para a mente serena e equilibrada, porém é um veneno para a que é inquieta, doentia e culposa.

O silêncio foi cortado logo que eles chegaram à base do anfiteatro. Ali, Yasha convidou o peregrino a subir arquibancada acima até atingirem o décimo sétimo degrau daquela nababesca construção. Sentados no degrau, o beduíno passou a contar:

- A exemplo de Babilônia, Assur e Teotihuacán, Petra foi uma das principais capitais da antigüidade. Naquela ocasião, ouvia-se ecoar pelos paredões rochosos o murmurinho da platéia que via daqui o trafegar dos habitantes, o movimento do comércio e dos vendedores montados em seus camelos, passando pelas ruas e estradas hoje tomadas pelo silêncio. Mesmo aparentemente morta, Petra continua brilhando como uma formosa estrela na constelação do Universo, sendo reverenciada pelos visitantes, que não se cansam de exaltar sua beleza, construtores e habitantes. Como questionar sua história e mistérios? Antes de ser transformada nesta rara cidade, Petra foi a capital dos edomitas, que profeticamente desapareceram como povo e como nação, conforme previra Isaías em 732 a.C. Edon foi chamada por este nome pelo fato de Esaú, ao chegar dos campos cheio de fome, ter pedido a Jacó que o deixasse comer um pouco de um cozinhado vermelho. Por isso se chamou Edon. Foi naquela hora que Jacó disse que somente daria o alimento ao irmão depois que este lhe vendesse o direito da primogenitura. Por estar faminto, à beira da morte, assim fez Esaú. A cidade de Edon, que teria sido uma grande fortaleza, foi destruída pelo rei Amazias, governante de Judá de 858 a 829 a.C., que enviou um contingente de trezentos mil homens de Judá e de Benjamim para o cumprimento da tarefa. Dizem, meu caro peregrino, que aqui Amazias derrotou vinte mil edomitas e atirou-os no precipício. Foi Deus quem concedeu a esmagadora vitória ao rei e também a possibilidade de capturar Sela (Petra), que passou a ser chamada pelo nome de Jocteel. Na captura, Amazias levou consigo os deuses adorados pelos edomitas e passou a adorá-los. Na época, o profeta de Deus perguntou ao rei por que ele buscava refúgio nos deuses do povo, que não livraram o próprio povo de ser massacrado pelas suas mãos. Então o rei, para não ter que responder àquela pergunta, resolveu silenciar o profeta. A atitude do rei provocou a ira de Deus contra ele. Assim, na segunda campanha empreendida, Amazias foi capturado, sendo obrigado a fugir para Laquis, onde os conspiradores assassinaram-no. Ali, ficou claro que Deus é um forte aliado para promover a vitória ao estender Suas mãos sobre os exércitos, mas é também um julgador coerente na hora de punir os mesmos a quem ajudara a vencer o inimigo, pois a lei é a lei, tanto servindo para um quanto para o outro. Todos,

indiferentemente de cor, credo ou nacionalidade, são filhos do mesmo Criador e, por isso, merecem o mesmo julgamento. Durante muitos anos, Petra controlou o fluxo de ricas cargas e viajantes, fazendo parte das principais rotas comerciais terrestres entre o leste e o oeste. Assim, a capital de Edom tornou-se um império. Cercada de montanhas inacessíveis, a cidade representava uma fortaleza montanhosa, que, com um único homem, poderia resistir contra a investida de um exército, o que dava aos edomitas um poder especial, até que Amazias derrotou-os, atirando-os no precipício. Apesar de desfrutar de uma posição estratégica aparentemente invencível, os profetas bíblicos predisseram: "Ó tu que resides nos retiros do rochedo, ainda que construas alto o teu ninho, igual à águia, de lá te farei descer". Os profetas acertaram na pronunciação de Deus, prevendo que Edom tornar-se-ia um assombro e que, de geração em geração, aqui seria 'um lugar ermo, desolado'. As previsões foram cumpridas. Apesar da cidade possuir uma das melhores defesas naturais do mundo daquela época, Petra foi capturada e os edomitas expulsos daqui. Sem a capital e sem o ponto estratégico que possuíam, o passar do tempo levou os edomitas ao desaparecimento na história. Com a partida e derrocada dos edomitas, os nabateus vieram habitar estas terras, sendo eles que elevaram Petra à sua potência máxima. Para isso, introduziram a cobrança de pedágio das ricas caravanas. Graças à posição estratégica que possuíam, fazendo parte de uma das principais rotas terrestres entre o leste e o oeste, geraram grande riqueza, que transformaram em um patrimônio que ainda hoje desfrutamos após milhares de anos. Com o dinheiro arrecadado, construíram estes prédios esculpidos na rocha. Assim, a cidade de Petra tornou-se uma das maravilhas do mundo antigo. Posteriormente, porém, a criação da rota marítima fez com que as rotas terrestres mudassem de rumo, fazendo com que o comércio e o trânsito de caravanas por Petra fossem regredindo, até que ninguém mais cruzou esta terra e a cidade morreu para aquele fim. No entanto, hoje, Petra é um importante centro turístico internacional, sendo considerada uma das mais belas e conservadas obras arquitetônicas do mundo. Certa vez, meu caro Karm Álek, alguém que visitou esta magnífica cidade declarou: "Gostaria que o cético se posicionasse como eu, entre as ruínas desta cidade situada entre as montanhas rochosas, e aqui abrisse o Livro Sagrado e lesse as palavras do escritor inspirado, o Profeta, escritas quando este lugar desolado era uma das maiores cidades do mundo. Com certeza, o cético sentir-se-ia como me sinto neste instante, uma parte da história. Uma história que permanece viva, latente, tão atual e tão original como quando foi ditada para o Profeta pelo próprio Floricultor do Universo".

Após aquele relato, sentados na arquibancada do anfiteatro, os dois permaneceram em silêncio e o peregrino viu em sua mente, como num filme, muitos dos relatos de Yasha. Ao abrir os olhos, eles brilhavam como os de uma criança.

Karm Álek estava impressionado com os relatos de Yasha, pois, a medida em que os narrava, os olhos do beduíno demonstravam viver ou reviver as histórias e fatos contados.

Depois de deixar Karm Álek contemplar por um longo período as belezas do lugar, Yasha pediu que, a exemplo do que fizera no alto do Jabal Khubtha, o peregrino fechasse

os olhos e tentasse desligar-se de todo e qualquer pensamento que pudesse sugestioná-lo, para que lhe fosse possível penetrar nas entranhas daquela terra e respirar sua essência, de forma que ele pudesse melhor sentir, viver ou reviver o que ali ocorrera em tempos remotos, que atingisse o píncaro metafísico de Petra.

De olhos fechados, Karm Álek deixou de ouvir tudo que se passava. Sua última lembrança, antes de adentrar no ilimitado portal da mente, foi a de ouvir o batimento cardíaco pausado e suave do beduíno Yasha, que foi desaparecendo lentamente. Depois de certo tempo mergulhado nas profundezas de seu ser, o herdeiro de Arão perguntou-lhe o que via, sendo preciso indagar mais de uma vez, tal o estado de desligamento alcançado pelo peregrino.

Após a insistência de Yasha, Karm Álek falou sobre um homem esguio e de olhos brilhantes que, no centro do átrio, declamava sobre o amor:

- O amor deve ser suave como a brisa que sopra na manhã a acariciar a flor que se abre com os primeiros raios de sol. Deve conter o perfume das mais raras flores que, com sua beleza e esplendor, diferenciam-se entre todas da floresta. Deve emanar o singelo canto que anuncia o raiar de um novo dia na complementação do ser. Expressado, não deve ser dito, pois que, dito, não pode ser sentido. Como o mais nobre dos sentimentos, o amor é capaz de preencher todo o universo, fazendo com que, como um grande único sol, ele brilhe e dê vida a tudo que se vê, que se ouve e que se toca.

Apesar de Karm Álek manter os olhos fechados, Yasha contou-lhe, posteriormente, que conseguia ver o brilho neles estampado no decorrer da narrativa, brilho que trocava de cor como o prisma, que se desprende do solo árido do deserto, à medida em que o peregrino ia falando sobre outras visões que teve.

O peregrino parecia suar frio e, com a voz embargada, começou a falar sobre os gladiadores ensandecidos que, em uma luta brutal, agrediam-se mutuamente, sendo que a platéia presente àquele espetáculo gritava desesperadamente a fim de que a luta se tornasse ainda mais violenta, até que uma das cabeças rolou pelo chão do tablado, enquanto o oponente estendia a espada, da qual o sangue que escorria pelo fio percorria suas mãos e braços, demonstrando a animosidade daquele combate primitivo.

- Ao assistirem à digladiação animalesca na arena sangrenta, os espectadores manifestavam seu lado bestial que os impedia de perceber que, somente buscando nos mistérios do espírito os prazeres que elevam o ser, seriam capazes de receber o batismo divino da purificação de suas essências. Pareciam desconhecer os ingredientes indispensáveis à mistura que liga, através do fio mágico da luz, o ser aos mensageiros dos Mestres Celestiais, que somente mantêm contato com aqueles que aspiram à elevação através do desvendar do amor, da gratidão e do perdão. Naquele estágio de prazeres menores, os espectadores deixavam de sentir a produção do sol da existência, que fermenta a vida para o crescimento do corpo e do espírito, possibilitando o abrigo no forno divino do Sublime Mestre - lembrou o beduíno.

Karm Álek suspirou fundo após aquela primitiva visão, sabedor de que o passar dos milênios pouco diminuiu a animosidade humana, que ainda hoje se faz presente no seio da sociedade moderna, a qual se enveredou pelos caminhos do aperfeiçoamento da tecnologia, esquecendo-se do aperfeiçoamento dos princípios determinados por Deus já no tempo de Moisés, há cerca de trinta e cinco séculos.

Se, na época dos gladiadores, o homem matava pelo prazer, hoje, os gladiadores modernos matam pela ganância, pela prepotência, pela vaidade, pelo despeito, pelo egoísmo e por inúmeros outros motivos tão bárbaros e fúteis quanto os dos gladiadores primitivos.

- O tempo passou e, ao invés de planar e aninhar-se nos céus com a elevação do seu ser, como fazem os pássaros das cordilheiras mais elevadas, o homem entranha-se como verme à terra ou gruda-se como limo à pedra, na espera de uma evolução casual, não utilizando o privilégio mental que lhe foi outorgado para a evolução do corpo e do espírito - explicou Yasha, enquanto Karm Álek refazia-se do mal-estar de suas visões.

De repente, o peregrino começou a cantar em línguas estranhas, como fez na Tumba Urna. Durante aquele canto, sentiu dissolver todo e qualquer resquício da inesperada visão dos gladiadores, pois um vazio e uma paz profunda invadiram o seu ser. Como um presente dos céus, viu brotar ao redor dele e do beduíno um suave perfume típico das flores tropicais, que costumam desprendê-lo para enfeitiçar os visitantes das florestas atlânticas logo nos primeiros raios solares.

Yasha reluzia como um espelho virado para o sol. Com sua voz serena, passou a falar sobre a estada de Moisés em Petra, quando ali ainda viviam os edomitas, e sobre a importância do Pentateuco, nome dado aos cinco primeiros livros sagrados da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, que são conhecidos pelos judeus como Torá, a Lei:

- No quadragésimo ano de peregrinação do povo hebreu pelo deserto, povo pelo qual Moisés tinha responsabilidade como enviado de Deus, mediador e líder para conduzi-lo à Terra Prometida, o Profeta esteve em Petra, onde iniciou a preparação de Josué, seu sucessor, aquele que recebeu a missão de concluir a tarefa de Moisés, conduzindo o povo até a consumação do anúncio do Criador. Moisés foi conhecido como "Homem do Verdadeiro Deus", líder da nação de Israel, mediador do pacto da Lei, profeta, juiz, comandante, historiador e escritor. Nasceu em 1.593 a.C., no Egito. Era filho de Anrão, neto de Coate e bisneto de Levi. Sua mãe foi Joquebede. O Profeta era três anos mais moço que seu irmão Arão, sendo que Miriã, sua irmã, era alguns anos mais velha que ambos. Miriã foi a responsável pela sobrevivência de Moisés ao genocídio imposto pelo Faraó aos meninos hebreus recém-nascidos. O menino era divinamente belo e somente conseguiu ser poupado do decreto genocida do Faraó depois de ser escondido pela mãe por três meses. Foi salvo por um milagre, para cumprir a missão a ele reservada por Deus. A salvação representava o início de uma nova vida para Moisés, um renascimento. Como a filha do Faraó não podia ter filho e não tinha como amamentar o menino, ao avistar Miriã,

perguntou-lhe se conhecia alguém entre as hebréias que pudesse amamentá-lo. Assim, a nobre contratou a própria Joquebede para amamentar e treinar Moisés. Desta forma, a mãe passou a ser empregada da filha do Faraó, a qual adotou o menino como seu filho. Como membro da casa do Faraó, Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios, tornando-se poderoso nas suas palavras e ações. Sem dúvida, poderoso em capacidade tanto mental como física. O Faraó Akenaton, também conhecido como Amenofis IV, foi quem, pela primeira vez, reconheceu a existência de um Deus único, dando origem ao monoteísmo. Foi nesse clima de mistério e adoração, repleto de magia e encanto, que Moisés foi criado antes de receber a missão de Deus para difundir a Lei. Apesar da sua posição privilegiada e das oportunidades que tinha no Egito, o coração do profeta estava voltado para o povo de Deus escravizado naquelas terras, ansiando libertá-lo do jugo egípcio. Moisés não sabia, no entanto, que seria usado por Deus para libertá-lo. Ao completar quarenta anos de vida, enquanto observava seus irmãos hebreus trabalhando, viu quando um egípcio golpeou um hebreu e, naquele instante, saiu em defesa dele, matando e enterrando o egípcio na areia do deserto. Naquele momento, Moisés tomou a decisão mais importante da sua vida, pois se viu obrigado a fugir, pois fora descoberto o seu ato e os egípcios pediram sua cabeça ao Faraó. Pela fé, Moisés, quando cresceu, negou-se a ser chamado filho da filha do Faraó, escolhendo ser maltratado com o povo de Deus a ter o usufruto temporário do pecado. Assim, o profeta de Deus renunciou à honra e ao materialismo que poderia ter usufruído sendo membro da casa do poderoso Faraó, substituindo as riquezas da matéria pela elevação do espírito. Durante a fuga, Moisés encontrou refúgio em Midiã, após uma longa viagem através de território ermo. Ali, junto a um poço, novamente se revelaram a coragem e a prontidão de Moisés em agir vigorosamente para ajudar os que sofriam injustiça. O espírito de justiça falava mais alto e guiava-o pelos caminhos que o conduziriam aos braços de Deus, para Dele receber a missão maior: ser o condutor de Seu povo, o primeiro ser humano a realizar milagres e o único a ver Deus face a face, segundo as Escrituras. O profeta, ao ver alguns pastores enxotarem as sete filhas de Jetro e seus rebanhos, tomou as devidas providências, livrando as moças daquele embaraço, e deu de beber ao seu rebanho. Face ao feito, foi convidado a ir à casa de Jetro, onde passou a trabalhar para ele como pastor do seu rebanho. Com o tempo, casou-se com uma das filhas de Jetro, Zípora, que deu à luz dois filhos: Gerson e Eliézer. Conto-te isto, meu caro companheiro, para que compreendas um pouco mais a este lugar que sempre teve um forte e profundo significado na história da humanidade. A vida de Moisés está diretamente ligada a estas terras por motivos muito especiais, conforme você tomará conhecimento.

Karm Álek, que sempre tivera o Velho Testamento como uma espécie de livro de contos, aprendia ali, sentado nas escadarias do anfiteatro, a importância de tais livros para a história da humanidade, pois o beduíno quebrou sua incredulidade ao falar-lhe:

- Tudo que aconteceu e acontecerá no planeta Terra, e mesmo fora dele, está codificado nos cinco livros escritos por Moisés de forma tão clara como o sol. Isto pode ser confirmado cientificamente por doutores em criptologia, como o grande mestre Isaac

Newton, que chegou a dizer que todo o universo é um criptograma, um código criado por Deus. Apesar de ser reconhecido por ter desenvolvido significantes projetos em Matemática e Astronomia, Newton deixou um acervo manuscrito ainda maior sobre teologia esotérica, o qual foi encontrado por ocasião do estudo de sua vida e obra, ficando caracterizado que o pesquisador teria passado talvez a maior parte de sua vida dedicando-se à descoberta do Código da Bíblia. Também Elias Salomão, um dos maiores filósofos do século XVIII, afirmou que tudo que foi, é e será, até o fim dos tempos, está incluído no Torá. Elias Salomão não estava errado, pois criptólogos e cientistas modernos como Harold Gans, Michael Dosnin (autor de *The Bible Code*) e Churck Missler (autor de *Cosmic Codes: Hidden Messager from Eternity*), entre outros, confirmam que os principais e mais marcantes fatos já ocorridos no mundo estão codificados na Bíblia. Acontecimentos como o holocausto, a segunda guerra mundial, o caso Watergate, a colisão do cometa Shoemaker-Levy com Júpiter em 1994 e muitos outros foram previstos há mais de três mil e quinhentos anos, sendo encontrados no Torá por criptólogos da atualidade, o que não deixa dúvidas de que, apesar de ter sido Moisés quem escreveu os cinco livros sagrados, eles foram ditados por Deus, pois somente o Criador conhece o passado, o presente e o futuro e poderia codificá-los em livros de tamanho significado para a evolução do homem como espírito eterno e imortal. Em 1994, a revista *Statistical Science*, a mais importante publicação mundial sobre matemática, publicou uma reportagem abordando a freqüência de letras eqüidistantes no livro de Gênesis. A publicação chegou até a Agência Nacional de Segurança e Criptologia dos EUA, onde Harold Gans, criptólogo do Pentágono, confirmou a veracidade da reportagem e fez outras descobertas de acontecimentos inseridos na história universal que estão impressos no livro mais lido no mundo, o que transformou o incrédulo pesquisador em um defensor da tese de que tudo está escrito no Torá. A era da informática está acelerando o processo de decifração do código da Bíblia, assim, em breve, o homem terá informações tão surpreendentes que sequer sua mente pode imaginar.

Tais informações de Yasha colocaram por terra as dúvidas de Karm Álek sobre os cinco livros do Velho Testamento escritos por Moisés.

Certo de que seu companheiro passaria a ouví-lo ainda com maior atenção e respeito, o beduíno continuou sua narrativa, pois sabia o quanto aquilo era importante para que o peregrino compreendesse o que lhe seria contado sobre Petra e a passagem de Moisés por aquelas terras.

- Embora fosse o propósito de Deus libertar os hebreus pela mão de Moisés, o profeta teria que passar por quarenta anos de treinamento, qualificando-se para desempenhar o serviço a ele reservado pelo Criador. Precisava desenvolver as qualidades da paciência, mansidão, humildade, longanimidade, brandura de temperamento, autodomínio e aprender a esperar no Senhor, a fim de se tornar apto para guiar o povo de Deus. Como quem procura uma agulha no palheiro, deveria cultuar a paciência, pois, sem ela, dificilmente o profeta conseguiria encontrar a agulha de sua busca, vencendo as agruras do caminho, visto que o deserto é constituído de um infinito de terra árida em que a paciência determina a

descoberta dos oásis. Guiar a si próprio já é difícil em uma terra inóspita, guiar a outros é muito mais. Assim sendo, a mansidão seria uma importante ferramenta para que o construtor da nova terra conseguisse conduzir seu povo até ela, pois a mansidão, por vezes, acalmaria a turba nas chamas dos conflitos com o sopro da razão e do equilíbrio. Apesar de todo o poder que lhe foi dado por Deus, Moisés necessitava exercitar a humildade para que fosse visto pelo povo como um deles, sem distinção. Assim, evitaria constranger e também ser constrangido, e melhor entenderia e seria entendido. Precisava ser bondoso, corajoso, benigno, complacente, generoso e indulgente. Todas estas qualidades, aliadas a outras, deveriam amadurecer naquele que tinha tão importante missão confiada por Deus, pois não se dá o que não se tem, nem se recebe o que não se merece. Assim é a lei exemplar de Deus. A bondade faria com que ele compreendesse melhor seus irmãos, somente assim, conseguiria guiá-los na imensidão do deserto, pois, sem bondade, não existe obra magnânima. A bondade é o fruto do respeito e a semente da eterna paz, é o dom divino dado como herança ao homem para que ele se aproxime de Deus. Moisés precisava consolidar a coragem, que seria fundamental para a ruptura das estruturas tenebrosas e assustadoras arquitetadas pelos inimigos e opressores do povo hebreu. A maior coragem, porém, era ser justo. Ao profeta era imprescindível ver sempre o lado bom das coisas, abandonando todo e qualquer pessimismo, pois a benignidade fazia-se fundamental para que fosse alcançado o fim do túnel do tempo e desvendado um novo horizonte na Terra Prometida, pois o povo de Deus tinha que crer em Deus. Suas mãos, pensamentos e atos deveriam estar voltados para a generosidade, visto que, sem ela, torna-se difícil a propagação do amor, e sem amor não se vence verdadeiramente os entraves da caminhada. A generosidade é uma poderosa ‘água benta’ para exorcizar os males do agressor. Moisés, da mesma maneira que um bom vinho, deveria ser amadurecido no barril do tempo, recebendo o treinamento e preparo para suportar o desânimo, os desapontamentos e as dificuldades que certamente encontram todos aqueles que empreendem longas jornadas. Amadurecido, deveria cuidar com benevolência, calma e garra dos problemas que surgiriam na grande nação durante as quatro décadas da travessia pelo deserto. O caminho no deserto é penoso e tu, meu caro Karm Álek, pôde sentí-lo na pele por alguns dias, enquanto peregrinavas por estas terras. Imagina uma grande massa humana sendo conduzida pelo deserto sem os provimentos e suprimentos necessários durante anos e anos. É difícil até imaginar! O Enviado teria que estar pronto para dirimir qualquer conflito provocado pelos sucessivos passos sob o forte calor e, ao mesmo tempo, não permitir que de todos se apoderasse o desânimo. Teria que enfrentar os desapontamentos e as dificuldades próprias daqueles que desejam conquistar e vencer os seus propósitos, pois somente os fortes alcançam o cume da montanha. Somente os fortes tornam-se vencedores, e Moisés tinha que unir forças para transformar cada um em um vencedor, de forma que todos chegassem à Terra Prometida. A cultura e os treinamentos adquiridos como membro da casa do Faraó, sem dúvida, favoreciam-lhe, reforçando a dignidade, a confiança, o equilíbrio e as condições para acentuar sua capacidade de organizar e de comandar.

Somente um bom timoneiro é capaz de conduzir a nau ao porto seguro na vastidão do horizonte. A dignidade seria de suma importância no desenrolar da tarefa de conduzir o povo com responsabilidade na travessia do objetivo. A dignidade não deturpa o poder, não discrimina os seres, não avilta os ensinamentos sagrados, não danifica o espaço alheio, não se insurge contra a lei, mas age com justiça e prudência na construção de um mundo melhor. Sem confiança e equilíbrio não se consegue atingir o alvo desejado, pois estas qualidades são irmãs siamesas, sendo ambas necessárias para o desempenho das funções de liderança. Quem lidera tem que estar acima dos conflitos para, com bom senso, discernir o trajeto a ser percorrido. Por certo, todo contingente, toda nau e todo rebanho necessitam de um bom condutor. É ele quem designa o destino dos demais, atua como uma bússola de orientação, encontra abrigo na hora precisa, consegue alimento no instante da fome, abastece de água o corpo sedento. O comandante é o leme, é o norte, é o guia, é o pai, é o condutor em cujas mãos todos depositam suas vidas. Ele deve ser guiado por Deus. A ocupação humilde de pastor em Midiã foi o principal treinamento e o mais necessário para que Moisés desenvolvesse aquelas e outras qualidades que seriam importantes para a tarefa que Deus lhe preparara. Parece que Deus sempre agiu assim com os predestinados, pois similar foi o que aconteceu com Davi, que teve que passar por um treinamento rigoroso, mesmo depois de ter sido ungido por Samuel. Com Jesus Cristo não foi diferente, visto que Ele foi provado, testado e experimentado, a fim de ser aperfeiçoado como Rei e Sumo Sacerdote para sempre. Cristo aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu; depois de ter sido aperfeiçoado, tornou-se responsável pela salvação eterna de todos os que lhe obedecem. Não foi diferente do que aconteceu com João Batista, que peregrinou no deserto preparando o caminho para Cristo e terminou tendo sua cabeça decepada e posta em uma bandeja para satisfazer os desejos de uma infiel. Após seu treinamento, dedicação e aperfeiçoamento, já perto do fim da sua estada de quarenta anos em Midiã, Moisés teria seu encontro com Deus. Tal episódio ocorreu quando ele estava pastoreando o rebanho de Jetro perto do monte Horebe, quando ficou surpreso ao ver um espinheiro em chamas sem ser consumido. A sarça ardente era o sinal que faltava para que Moisés iniciasse sua mais importante tarefa em oitenta anos de vida. Quando se aproximou para inspecionar o grande fenômeno, o anjo de Deus falou de dentro da chama, revelando que era tempo para Deus libertar Israel da servidão e comissionar Moisés a ir em Seu nome memorável desempenhar a tarefa. Deus designou Moisés como Seu profeta e representante. Moisés podia então, corretamente, ser chamado de ungido, messias ou “Cristo”, pois o Senhor dotou-o de requisitos para que isso se tornasse uma realidade. Deus, por meio do anjo, forneceu as credenciais que Moisés poderia apresentar aos anciãos de Israel. Estas se deram na forma de três milagres, como sinais do Divino Criador. Pela primeira vez nas Escrituras, apareceria inserido que um ser humano foi habilitado a realizar milagres. Assim, Moisés tornou-se o primeiro a realizar prodígios em nome de Deus. De repente, aquele que desejava ardentemente libertar seu povo, sentiu-se pequeno ante Deus e mostrou acanhamento na hora da revelação, argumentando que não sabia falar fluentemente e que,

por aquela razão, não poderia aceitar a missão. Aquele era um Moisés mudado, bastante diferente daquele que, por iniciativa própria, oferecera-se como libertador de Israel quarenta anos antes. Moisés continuou insistindo com Deus, pedindo que o dispensasse da tarefa de libertador e propagador das leis e das palavras do Senhor. Embora isso suscitasse a ira de Deus, Ele não rejeitou Moisés, mas lhe forneceu uma alternativa: que seu irmão Arão atuasse como seu porta-voz frente ao povo de Israel. Na subseqüente reunião com os anciãos de Israel e no encontro com o Faraó, Deus dava a Moisés as instruções e ordens e este, por sua vez, transmitia as mesmas a Arão, de modo que Arão era quem realmente falava perante o então Faraó, sucessor do Faraó daquele de quem Moisés fugira quarenta anos antes. Mais tarde, Deus chamou Arão de "profeta" de Moisés, querendo dizer que, assim como Moisés era o profeta de Deus, dirigido por Ele, da mesma forma Arão deveria ser dirigido por Moisés. Também anunciou a Moisés que ele estava sendo constituído em "deus para Faraó", quer dizer, com poder e autoridade divinas sobre o Faraó, de modo que não precisava ter medo do rei do Egito. Começavam a ser aplicados, ali, os ensinamentos obtidos no retiro de quarenta anos em Midiã. O pastor de ovelhas, que cultuara durante quatro décadas a simplicidade, a humildade e a bondade, achava-se cada vez menor perante o Senhor e, assim, tornava-se o maior perante os homens como enviado de Deus. Apesar de repreendê-lo por seu esquivamento, Deus não cancelou a designação de Moisés por causa de sua relutância em empreender a tarefa de libertador de Israel a ele destinada. Embora tivesse oitenta anos, o profeta não objetara em virtude de sua idade avançada. Quarenta anos mais tarde, já na idade de cento e vinte anos, Moisés mostrava-se ainda cheio de vigor e vitalidade. A terra não conseguiu consumir a essência divina do ser. Naqueles quarenta anos que passou em Midiã, Moisés teve muito tempo para meditar e compreendeu o erro que cometeu ao tentar libertar os hebreus por iniciativa própria, dando conta da sua própria incapacidade para tal tarefa. Por certo, depois do longo tempo dedicado ao pastoreio e afastado de todos os assuntos públicos, a nova proposta que lhe foi feita representou para ele um choque bastante grande, pois, ao longo da meditação, despojou-se da vaidade e do sentimento de superioridade de querer libertar o povo pela força irracional. Moisés compreendeu que somente o Senhor dos Exércitos possuía o poder de colocar sobre Suas sandálias os inimigos de Israel. O velho Moisés, que havia chegado a matar um egípcio que maltratava um irmão israelita, havia morrido, tornou-se uno com a terra, encontrou uma forma pacífica e simples de vida. A camada bruta do ser sumiu, em seu lugar nascendo uma camada quase fluídica que, de tão purificada pelo tempo, lembrava um translúcido cristal lapidado por Deus. Desta forma é que, mais tarde, o Escolhido ficaria conhecido como "o homem que era em muito o mais manso de todos os homens na superfície do solo". Seu preparo dava-lhe a consciência da pessoa humilde que era, apenas um ser humano com imperfeições e fraquezas, apesar de todo poder e glória que lhe foram dados por Deus. Assim, não se impôs como líder invencível de Israel, mas como missionário do Senhor na luta pacífica pela libertação de Seu povo. Não expressou temor ao Faraó, mas manteve uma

viva percepção das suas próprias limitações, o que o tornava apto para a tarefa instituída por Deus.

O peregrino ficava impressionado com os relatos de Yasha a respeito de Moisés. Tais relatos enchiam-lhe de esperança em relação à construção de um mundo melhor, pois Moisés, que era um bravo e chegou a matar um semelhante, era um exemplo de que é possível ao ser humano recuperar-se e redimir-se. Para isso, é necessário que se dedique à labuta do dia-a-dia para a formação de um novo ser, trabalhando pela integração com Deus e o universo. Posto na senda, o homem poderá um dia alcançar a plenitude do saber e do amor, bastando, para isso, arrependimento, dedicação, perseverança, fé, bondade, humildade: valores que enobrecem e elevam o espírito humano, aproximando-o de Deus.

Yasha levantou-se, convidando Karm Álek a continuar a visita à cidade de Petra. Apesar de nada falar, a vontade do peregrino era pedir ao beduíno que prosseguisse sua narrativa. Porém entendeu que cada coisa a seu tempo faz do tempo uma realidade, preenchendo seus espaços, enaltecendo seus instantes. Assim, desceu com ele as escadarias do anfiteatro rumo à cidade baixa, onde se encontra uma arquitetura diferente, construída pelos romanos após sua chegada na Cidade Rosada no século I d.C.

Desceram em silêncio, como se estivessem saindo do anfiteatro antes do término do espetáculo. Seus passos quase não provocavam ruídos, pois o vento incumbia-se de dissipá-los, assim como dissipou do peregrino qualquer dúvida sobre as histórias que ouvia de Yasha.

Encaminhando-se para o "bairro" romano, antes das colunas que dão acesso à grande rua central, pararam próximo a uma árvore e ali aproveitaram para beber água e descansar a cabeça do sol.

Karm Álek encostou-se na pedra e deixou ao seu lado o cajado, medindo cerca de um metro e setenta centímetros de altura, que carregava durante a peregrinação. Sem que esperasse, ao fechar os olhos por uns instantes, alguém lhe perguntou se poderia pegá-lo. Quando abriu os olhos, o cajado já não estava mais ao seu lado. Imediatamente, olhou para o beduíno e perguntou-lhe se foi o mesmo quem o havia pegado, ao que este respondeu que não e que também não vira ninguém o pegar, apesar de ter mantido os olhos abertos.

- Tudo que é nosso por direito divino vem a nós sem que seja necessário nenhum esforço. Por esta razão, não deves preocupar-te com o destino do teu cajado. Além do mais, se o cajado não aparecer, toda vez que te lembrares dele, saberás que ele ficou nas terras dos monges do deserto – garantiu-lhe Yasha.

Apesar das explicações de seu companheiro, o peregrino ficou incomodado com o ocorrido, pois o cajado era o seu principal companheiro de viagem. No entanto, o beduíno inspirava-lhe confiança e fez com que visse que o melhor era deixar tudo correr em seu próprio ritmo, visto que o rio corre para o mar e, assim sendo, é inevitável o seu destino.

O beduíno Yasha aproveitou para contar-lhe um pouco sobre a cidade baixa com suas colunas estupendas ornadas de belos florais, formando o conjunto arquitetônico uma simbiose perfeita, fundindo a arquitetura romana e a nabatéia.

Ali ainda são encontrados os destroços de um templo, provavelmente do soberano Qsar al-Bint, que viveu no início do primeiro milênio d.C.

Também é naquele local que se encontram os restos do Nymphaeum, um templo circular erguido exatamente entre os uades al Mataha e Mousa, dedicado às ninfas das águas, divindades femininas mitológicas que, diz a lenda, residiam naquelas imediações, pois a água é a maior riqueza do deserto, visto ser ela a bênção de Deus para assegurar a vida.

- Dizem que as ninfas de Petra enfeitiçavam os beduínos com sua beleza e poesia. Ainda nos dias atuais, em certas épocas e lugares, é possível ouvir seus cantos e sentir seus encantos, sendo que poucos privilegiados dizem vê-las. Porém, isso é, para a maioria, apenas mais uma lenda deste místico lugar. Nestas imediações, foram construídos pelos romanos três mercados, cujo conjunto recebeu o nome de Trajano. Nos mercados eram comercializados produtos de vários países do Oriente e da Europa. O império deixou em Petra parte da cultura greco-romana, que é formada por uma mistura de raças, com intenso contexto na história mundial - disse Yasha.

Os dois companheiros dirigiram-se para o templo dos Leões Alados, na parte romana. De lá, tiveram uma visão ampla da arquitetura das duas raças. Sentaram-se próximo ao local onde eram praticados os cultos a Atargatis, deusa da abundância. Naquele refúgio laureado de mistérios e lendas, Yasha falou um pouco mais a respeito de Moisés:

- Ele foi o mediador do pacto da Lei. Já no terceiro mês depois do êxodo do Egito, o povo de Israel tomou ciência da grande autoridade e responsabilidade que Deus havia colocado sobre seu servo Moisés e também da intimidade que o Escolhido tinha com Deus. Isso se deu quando todo o povo de Israel estava reunido ao sopé do Monte Horebe, ocasião em que Deus chamou Moisés e, por intermédio de um anjo, falou com ele sobre como proceder ao longo do trajeto. Moisés foi o único entre os homens que, em certo instante de sua vida, teve o privilégio de ter o que provavelmente foi a mais fantástica experiência que qualquer ser humano vivenciou antes da vinda do Filho de Deus, Jesus Cristo. Tal feito aconteceu no alto do monte, quando Moisés, sob inspiração divina, ali se encontrava sozinho a meditar sobre sua missão e seu compromisso. De repente, Moisés rogou a Deus a Sua presença e Deus deu-lhe uma visão da Sua glória, colocando a "palma" da Sua mão sobre ele, como anteparo. Ademais, Moisés costumava falar com Deus dentro de sua tenda. Dizem que, tão logo o Profeta encontrava-se dentro da tenda, descia uma nuvem que se punha à sua porta e ali, como qualquer um fala a seu amigo, o Senhor falava a Moisés. Numa dessas vezes, o Senhor alertou a ele: "Não podes ver a minha face, porque homem algum pode ver-me e continuar vivo". Séculos depois, o apóstolo João escreveu: "Nenhum homem jamais viu a Deus". O mártir cristão Estêvão disse aos judeus: "Este, Moisés, é aquele que veio a estar entre a congregação no ermo, com o anjo que falou com ele no Monte Sinai". O povo maravilhava-se com o Enviado, pois a face de Moisés emitia raios coloridos de luz toda vez que ele mantinha contato com o Senhor. Aquilo fascinava a todos. Os raios eram tão fortes que os filhos de Israel não podiam suportar olhar para o Profeta.

Karm Álek ouvia, atento, cada palavra do beduíno. Era como se estivesse assistindo a um filme mental. Vendo cada cena, cada passagem e cada relato da forma como lhe eram contados, tamanha a convicção e firmeza com que Yasha narrava.

- Ser o mediador do pacto da Lei com Israel mostrava que o Profeta mantinha uma posição íntima com Deus, o que nenhum outro homem teve, exceto, é claro, Seu Filho, Jesus Cristo, séculos mais tarde. Quando Moisés aspergiu o livro com o sangue dos sacrifícios de animais, representando Deus como uma "parte" e o povo como a outra "parte", e leu o livro do pacto para o povo, disse-lhes: "Tudo o que Deus falou estamos dispostos a fazer e a ser obedientes, pois Ele é o Senhor Eterno e o Criador". Investido no cargo de mediador, Moisés teve o privilégio de supervisionar a construção do tabernáculo e a fabricação dos seus utensílios, cujos modelos foram-lhe outorgados por Deus. Foi ele também quem empossou o sacerdócio, ungindo o tabernáculo e Arão, o sumo sacerdote, com o óleo de composição especial. Coube ao Mediador supervisionar os primeiros serviços oficiais do recém consagrado sacerdócio. A idade avançada de Moisés não o impedia de cumprir as determinações de Deus. Assim, ele subiu várias vezes ao Monte Horebe, sendo que, em duas delas, permaneceu ali por quarenta dias e noites. A estada no monte, na primeira ocasião em que ficou quarenta dias e noites naquele alto, foi magnífica, pois lá recebeu duas tábuas de pedra, "inscritas pelo dedo de Deus", contendo as Dez Palavras, ou Dez Mandamentos, as leis básicas do pacto da Lei. Estava inscrito na Tábua: "Não terás outros deuses diante de Mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão. Lembra-te do dia de Sábado, para o santificar. Honra a teu pai e a tua mãe. Não matarás. Não adulterarás. Não furtarás. Não dirás falso testemunho. Não cobiçarás". A profundidade e a simplicidade das palavras contidas nas duas tábuas deram origem à instituição de inúmeras leis que regulamentam a vida dos homens através dos tempos, indiferentemente de suas religiões e culturas, servindo tais mandamentos de guia e base filosófica para inúmeras seitas e ordens religiosas, pois são de tal modo sublimes que, vistas pelos olhos imparciais do observador, não deixam dúvidas de que são a via que conduz à paz, à igualdade social, ao respeito humano, à evolução do homem e do espírito, sem discriminação da época, da raça, da nacionalidade e do credo de cada um. Tal texto somente pode ter sido escrito por Deus! Quando Moisés recebeu e apresentou as tábuas, mostrou estar qualificado como mediador entre Deus e o povo de Israel, na época, cerca de três milhões de pessoas, ou mais. Era esse o tamanho do contingente do qual ele era líder. No entanto, enquanto Moisés estava no monte, aconteciam, em sua base, coisas que contrariavam Deus, pois o povo voltou-se para a idolatria, ferindo um dos mandamentos que Moisés trazia na tábua. Vendo o que o povo fazia, Deus disse ao Escolhido: "Deixa-Me agora, para que a Minha ira se acenda contra eles e Eu os extermine, e faça Eu de ti uma grande nação". Moisés tinha na santificação do nome de Deus um quesito importantíssimo em sua vida. E nada desejava para si, mas somente para Deus, que o enaltecera pelo milagre no Mar Vermelho, onde o Senhor

mostrou Sua consideração pela promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó. O Mediador ficou preocupado com as palavras de Deus anunciando a punição do povo e pediu ao Senhor que a este poupasse, sendo atendido por Deus, pois Moisés desempenhava satisfatoriamente seu papel de mediador. Assim, Deus começou a deplorar o mal que anunciou que faria ao Seu povo. Depois de ter ouvido de Deus sobre os idólatras e de ter rogado que o povo fosse poupado, Moisés, que tinha adoração verdadeira ao serviço a favor do Senhor, quando viu os festejadores idólatras, lançou as tábuas ao chão, quebrando-as. Convocou todos aqueles que estavam do lado de Deus para se juntarem a ele e ordenou-lhes que matassem os que se empenhavam na adoração falsa. Aquilo resultou na matança de aproximadamente três mil homens. Após o feito, Moisés voltou ao monte para falar com Deus e admitiu o grande pecado do povo, rogando que Ele perdoasse tal pecado ou que, se não o fizesse, que riscasse seu nome do livro escrito pelo Senhor. Deus não se desagradou dos rogos do mediador, mas advertiu: "Aquele que pecar contra Mim, a este riscarei do Meu livro". Com a quebra das tábuas, as leis foram estilhaçadas. Assim, Moisés teve que novamente estar com Deus com o objetivo de pedir-lhe uma nova tábua. Então o Senhor disse a Moisés: "Talha duas tábuas de pedra, semelhantes às primeiras e, amanhã pela manhã, subas ao monte Sinai. Eu escreverei nelas as palavras que se encontravam nas primeiras que quebraste". E assim foi feito. No dia seguinte, no alto do monte com as tábuas, sozinho sem que estivesse com ele nenhum homem ou animal, o Senhor desceu na nuvem e esteve perto dele, pronunciando o nome de Javé. O Senhor passou diante dele exclamando: "Javé, Javé, Deus compassivo e misericordioso, lento para cólera, rico em bondade e em fidelidade, que conserva sua graça até mil gerações, que perdoa a iniqüidade, a rebeldia e o pecado, mas não tem por inocente o culpado, porque castiga o pecado dos pais nos filhos e nos filhos de seu filhos até a terceira e a quarta geração". Naquela hora, Moisés rogou ao Senhor que perdoasse o povo e marchasse junto a ele. Então o Senhor disse: "Vou fazer uma aliança contigo. Diante de todo o teu povo farei prodígios como nunca se viu em nenhum outro estado, em nenhuma outra nação, a fim de que todo o povo que te cerca veja quão terríveis são as obras do Senhor, que faço por meio de ti. Sê atento ao que vou te ordenar hoje". Assim, o Senhor fez-lhe várias revelações. Moisés ficou novamente junto a Deus por mais quarenta dias e quarenta noites, sem comer pão, nem beber água. Após esse tempo, o Senhor entregou-lhe as novas Tábuas. Moisés brilhava como o sol, devido ao tempo em que ficou com o Senhor. Após a entrega das novas Tábuas escritas e as advertências feitas, o profeta desceu o monte e anunciou o ocorrido para o povo. Todos ouviam, perplexos, os relatos do Escolhido.

Karm Álek sentia-se uma criança deitada em sua cama a escutar as histórias contadas por sua mãe. Sabia, no entanto, que aquelas não eram histórias de ficção, mas histórias reais que se arrastam através dos milênios como uma bússola, orientando os navegadores da vida. E Yasha era um contador especial. O beduíno explicou que, desde o tempo de Moisés, os escribas vem reescrevendo o Torá sem que seja acrescentada ou tirada uma só letra, para

que a história da humanidade não seja modificada, pois no Torá está escrita a história de ontem, de hoje e de amanhã, da Terra e de seu povo, conforme Deus narrou.

Conhecer a história onde parte dela se desenrolou é um privilégio especial, o qual foi proporcionado ao peregrino por seu amigo Lucas Izoton, que lhe custeou a viagem, e pelos demais companheiros Antonio César Andrade e Eustáquio Palhares, que concordaram em conhecer Petra, onde Karm Álek encontrou Yasha.

Após descerem do templo dos Leões Alados, Karm Álek e Yasha entraram na área das construções romanas, as quais, por mais belas e significativas que se mostrassem, não se comparavam às estruturas esculturais e artísticas dos nabateus.

Enquanto visitavam o "bairro" romano, apareceram os companheiros do peregrino acompanhados pelo guia Faisal, que lhes apresentava cada templo.

Ao avistar Karm Álek, Faisal perguntou-lhe o que estava achando da Cidade Rosada do Deserto. Fascinado com tudo que via e vivia desde que chegou em Petra, o peregrino disse:

- Tão bela como um jardim florido com as mais belas flores criadas por Deus. Tão profunda como as entranhas do oceano. Tão significativa quanto a história da vida. Tão elevada quanto o céu que cobre nossas cabeças. Além disso, Yasha tem-me contado coisas que ligam esta terra a Deus e à história da humanidade desde seus primórdios.

- Quem? - perguntou Faisal.

- Yasha! - respondeu o peregrino, apontando para seu companheiro que se encontrava a cerca de cinqüenta metros, sentado em uma pedra.

Faisal e seus companheiros disseram ao peregrino que naquele local não havia mais ninguém além deles, o que foi constatado pelo peregrino quando olhou para a pedra. Yasha havia desaparecido.

Seus companheiros e o guia olharam-se como se exprimissem: "O sol e o calor do deserto estão amolecendo os miolos dele".

Vendo-se como motivo de suspeita e indagações, Karm Álek resolveu continuar sua peregrinação pela parte romana, dirigindo-se para onde tinha avistado Yasha. Para sua surpresa, ao chegar àquele local, não encontrou sinal do beduíno, o que fez com que ele mesmo questionasse seu estado.

Sentou-se, então, na mesma pedra em que havia visto seu companheiro e ficou a contemplar aquela parte de Petra, cuja rua feita de pedras adornadas por colunas conduzia ao edifício que Yasha havia dito tratar-se de uma réplica de um dos palácios do imperador Nero. Apesar da ostentação arrojada da arquitetura romana, esta se mostrava um patinho feio no meio de tantos belos cisnes, delicados e artisticamente esculpidos ao longo das paredes rochosas pelo povo nabateu. O peregrino permaneceu ali durante certo tempo, mergulhado em estado de profunda meditação, recordando os relatos do beduíno.

Depois da contemplação e meditação, Karm Álek decidiu continuar sua jornada em direção ao topo da montanha de Umm Al-Biyara. Antes, porém, passaria na encosta do monte onde o "bairro romano" faz-se protegido, sendo habitado, atualmente, por beduínos que vivem, como seus antepassados, nas cavernas esculpidas na pedra.

Admirado e envolvido pelo modo como os beduínos vivem e cultuam seus antepassados, Karm Álek não percebeu a chegada de Yasha.

O beduíno pediu-lhe desculpas por não estar presente ao encontro com seus amigos e disse-lhe que, caso tivesse sido apresentado a eles, teria que lhes contar muito do que já havia falado para ele e que, se assim agisse, não haveria tempo de visitar outros locais da Cidade Rosada nem de concluir os relatos que vinha fazendo.

De onde estavam, era possível avistar o guia e os companheiros do peregrino e estes também os viam.

O beduíno continuou sua narrativa sobre a figura mais importante da história do Antigo Testamento, o único ser que estabeleceu contato direto com Deus:

- Moisés sempre teve como principais interesses, desde que foi nomeado por Deus, a difusão do nome do Senhor e a condução de seu povo à Terra Prometida. Não procurava glória nem posição para si. Seu objetivo era um só: servir ao Senhor. Através de Moisés, o espírito de Deus veio sobre certos homens no acampamento e eles passaram a proceder como profetas. Josué, ajudante de Moisés, queria reprimí-los, porque achava que eles detraíam a glória e a autoridade de Moisés. No entanto, Moisés respondeu: "Tens ciúmes em meu lugar? Não; quisera eu que todo o povo de Deus fosse profeta, porque o Senhor poria seu espírito sobre ele! Se todos os homens fossem dotados do dom divinatório, por certo, não haveria guerras, desigualdades e, muito menos, discriminação. Todos se respeitariam e o mundo seria um mundo de paz e prosperidade, de luz e amor constantes". Mesmo Moisés sendo o líder da nação de Israel por designação de Deus, ele sempre se mostrava disposto a aceitar conselhos de outros, principalmente quando era importante para a nação, pois cultuara a humildade e o respeito durante os quarenta anos em que foi pastor de ovelhas. Sua ação era uma clara demonstração de que ninguém sabe tanto que não tenha o que aprender com o outro, nem tão ignorante que não tenha o que oferecer, pois cada vida é individual e, como tal, cada um guarda o segredo do seu instante e é ele o seu verdadeiro tesouro. Moisés mostrava que grande não era o homem que se tornava grande no conceito de outro homem, mas aquele que se tornava grande no conceito de Deus. Algum tempo após os israelitas terem partido do Egito, Jetro, o sogro de Moisés, visitou-o, levando consigo a esposa e os filhos do Profeta. Na ocasião, Jetro constatou quão arduamente Moisés trabalhava, esgotando-se ao cuidar dos problemas de todo o povo que a ele procurava. Face àquela constatação, Jetro sugeriu sabiamente a Moisés que programasse um arranjo ordeiro, delegando certos graus de responsabilidade a outros membros da nação, a fim de aliviar sua carga de afazeres. Depois de escutar o conselho de Jetro, Moisés optou por acatá-lo. Organizou o povo em grupos de mil, de cem, de cinqüenta e de dez, nomeando um chefe para atuar como juiz dentro de cada grupo. Após aquela instituição, apenas os casos difíceis eram, então, levados a ele. Naquele momento, parecia ter nascido um modo "empresarial" de interação, pois a forma organizacional de condução estipulada possibilitaria a travessia do deserto e o encontro da Terra Prometida. Dentro das normas estabelecidas, Moisés instituiu que, caso entre o povo surgisse uma causa, uma polêmica,

ela teria de ser apresentada a ele, que julgaria entre um litigante e outro, tendo de tornar conhecidas as decisões do verdadeiro Deus e suas leis. Com isso, Moisés indicava seu dever de não julgar segundo as suas próprias idéias e também que somente é possível um julgamento justo segundo as decisões de Deus. Assim, reconhecia que ele tinha a responsabilidade de ajudar o povo a conhecer e a acatar as leis de Deus. Acima de todas as demandas, deveria prevalecer a justiça divina, instituída pelo próprio Deus. O profeta, repetidas vezes, apontava para Deus, e não para si mesmo, como sendo o verdadeiro líder do povo. Desta forma, quando o povo começou a se queixar da comida, Moisés alertou: "Vossos resmungos não são contra mim nem contra Arão, mas, sim, contra Deus, que nos conduziu até aqui desde a travessia do Mar Vermelho". Ele se referia Àquele Deus que lhes deu as Tábuas da Lei, que transformou o Nilo em um rio de sangue e que abriu colunas nas águas do Mar Vermelho para o povo passar, alagando e destruindo depois os exércitos egípcios que perseguiam os israelitas durante a fuga do Egito. Moisés sempre soube colocar-se devidamente diante do povo. Para ele, o Senhor era o que existia de mais importante, visto que reconhecia Seu poder e Sua soberania como Criador das criaturas. Certa vez, Miriã sentiu que a presença da esposa de Moisés poderia tirar o brilho de sua posição como irmã do Profeta e juntou-se a Arão para, por ciúme e desrespeitosamente, falarem contra Moisés e sua autoridade. No entanto, o homem Moisés era, em muito, o mais manso de todos os homens na superfície do solo. Assim, hesitava em fazer valer sua autoridade e mansamente suportava o abuso cometido, confiante no julgamento e na observância do Senhor. O desrespeito de Miriã custou-lhe adoecer face a ira de Deus, que caiu sobre ela devido ao que começou a disseminar entre o povo, pois aquilo, além de atingir o irmão, era uma afronta a Deus. Mas o amor de Moisés por sua irmã induziu-o a interceder por ela junto ao Senhor, clamando: "Ó Deus, por favor! Sara-a, por favor!". Miriã parecia não entender que a vida é, foi e sempre será a soma da luta de nossos esforços, pois eles é que determinam a conquista de nossos objetivos. Não foi por acaso que Deus deixou Moisés amadurecer os princípios necessários por quarenta anos e somente iniciar a peregrinação da travessia do deserto, conduzindo o povo de Israel ao encontro da Terra Prometida, quando já tinha oitenta anos. O tempo fez com que Moisés sempre se rendesse a Deus. Embora fosse chamado de Legislador de Israel, sabia que as leis não se originavam dele, portanto, ele não era o Supremo Juiz. Não era arbitrário, jamais decidindo as questões por conta própria. Desta forma, nas causas jurídicas para as quais não havia precedente, ou nas que não conseguia discernir exatamente como aplicar a lei, ele sempre apresentava a questão a Deus com o objetivo de obter Dele uma decisão e, quando esta lhe era posta, seguia rigorosamente as instruções, sem tirar nem pôr um centil sequer no veredito. A obediência fiel a Deus sempre foi uma constante na vida de Moisés desde que fora designado pelo Senhor para ser Seu porta-voz.

Junto às grutas onde os descendentes daquele povo do deserto viviam, Karm Álek ouvia atentamente a cada palavra, apesar de não saber ainda como o Escolhido por Deus teria

parado na Cidade Rosada, nem o porquê de sua presença ter ficado marcada como pegadas eternas na história de Petra. Yasha, então, respondeu a seus questionamentos:

- Quando o povo de Israel, no quadragésimo ano de peregrinação pelo deserto, acampou na região do vale de Edon, deu-se mais uma significativa prova da magnífica aproximação de Moisés com Deus. A exemplo do que ocorreu logo no início da fuga do Egito, quando o Senhor disse para Moisés mudar de rumo com o povo e acampar diante de Fiairot, entre Magdalum e o mar, defronte de Beelsefon, próximo ao Mar Vermelho, ocasião em que fez o mar abrir-se para que o povo passasse em chão seco e fechar-se quando o Faraó e suas tropas estavam passando, engolindo a todos, aconteceu o desvio de Moisés para Petra. Em Edon, o incidente ocorrido mostrou que Moisés não apenas se encontrava numa posição grandemente privilegiada perante o Senhor, mas que também tinha uma grande responsabilidade perante Ele, como líder e mediador da nação. Na ocasião, havia escassez de água, o que fez com que o povo começasse a criticar duramente Moisés, esquecendo-se de tudo que ele já havia feito por todos e de sua importância como mediador de Deus. Assim, culpavam-no por tê-los conduzido para fora do Egito a um ermo árido. No entanto, o Profeta permanecia fiel aos seus princípios e deveres diante de Deus e, com sua mansidão, agüentava tudo, suportando a perversidade e a insubordinação dos israelitas, compartilhando das dificuldades deles, sempre intercedendo por eles junto a Deus quando pecavam. Porém, em certo momento, Moisés perdeu sua mansidão e seu temperamento brando. Ele e Arão, já exasperados e amargurados em espírito, postaram-se diante do povo como Deus ordenara, mas, em vez de chamarem a atenção dos hebreus para o Senhor como o Provisor, os dois falaram duramente e chamaram atenção para si mesmos.

Tudo isso, meu caro, pode ser constatado nos livros escritos por Moisés. Como escritor, o Profeta tem sido reconhecido pelos judeus durante toda a história destes, pois seus escritos são um guia e uma radiografia de todos os acontecimentos da Terra desde os seus primórdios até o Armagedom. Jesus, o Príncipe da Paz, e os escritores cristãos freqüentemente falam sobre Moisés como aquele que trouxe a Lei. Também é atribuída ao Profeta a escrita do livro de Jó, do Salmo 90 e, possivelmente, do 91.

Karm Álek, após ouvir atentamente a cada palavra, desceu com Yasha do alto da morada dos beduínos. Rumaram na direção de um lugar muito especial: a tumba do profeta Arão, de cujas raízes Yasha disse pertencer.

Na porta da tumba, o beduíno disse:

- Petra guarda outras marcas da passagem de Moisés pela região. Foi aqui que, quando o povo de Israel estava acampado junto ao monte Hor, na fronteira de Edom, no quinto mês do quadragésimo ano da peregrinação, aos 123 anos de idade, morreu seu irmão Arão. Foi o próprio Moisés quem levou Arão ao monte, despiu-o das vestes sacerdotais, vestindo com elas Eleazar, o mais velho filho vivo de seu irmão, seu sucessor. Arão foi enterrado no monte Al-Barra, aqui onde estamos. Este lugar, meu caro, é considerado sagrado pelos muçulmanos. Foi aqui no Jabal Harun que, até o século XIII, a tumba esteve aos cuidados dos monges greco-cristãos. Quando passou a ser considerado um lugar sagrado

muçulmano, a tumba foi restaurada pelo sultão Qalawun. A tumba é repleta de energias. Talvez por isso, até hoje, todos os anos, pratica-se aqui um culto de reverência a um outro crente em Deus, cuja fé foi a maior de todas. No culto, é feito o sacrifício de uma cabra em comemoração ao sacrifício de Isaque por parte de Abraão. Este é um lugar sagrado, impregnado de espiritualidade. Aqueles que crêem conseguem sentir o espírito do profeta, isso tem sido passado de peregrino a peregrino através dos séculos. Quem aqui reza sente o poder da oração, pois renova o espírito ao aninhar-se em Deus. Dizem que aqui as preces estão mais próximas Dele. Este é um lugar muito especial, pois guarda o corpo de um ser especial para o Senhor. É por isso que sentimos aqui a força vital e a energia regeneradora que contêm as virtudes e o espírito do profeta.

Sentindo a forte energia impregnada no lugar, Karm Álek orou ao Senhor, como uma forma de gratidão por estar ali e desfrutar de todos aqueles privilégios. A primeira oração que lhe veio à mente foi a de São Francisco de Assis, o santo que mais amou os homens e os animais, aquele que, a exemplo de Moisés e de Cristo, jejuou durante quarenta dias e quarenta noites no Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, no século XIV (onde também Karm Álek peregrinara no último ano santo do século e do milênio passado). E orou assim:

"Senhor, fazei-me instrumento de Vossa paz
Onde houver ódio, que eu leve o amor
Onde houver ofensas, que eu leve o perdão
Onde houver discórdia, que eu leve a união
Onde houver dúvidas, que eu leve a fé
Onde houver erros, que eu leve a verdade
Onde houver desespero, que eu leve a esperança
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria
Onde houver trevas, que eu leve a luz
Oh Mestre, fazei que eu procure mais
Consolar que ser consolado
Compreender que ser compreendido
Amar que ser amado
Pois é dando que se recebe
É perdoando que se é perdoado
E é morrendo que se vive para a vida eterna.
Amém!"

O peregrino sentiu que, após a oração, tornou-se mais leve. Parecia que seu corpo e seu espírito fundiram-se ao lugar. Era como se estivesse possuído um brilho intenso.

- Depois da morte de Arão, cerca de seis meses mais tarde, o povo de Israel chegou às planícies de Moabe, de onde avistou a terra que foi prometida a Abrão, Isaque e Jacó. Lá o missionário de Deus proferiu uma série de discursos, onde explicou a Lei à nação toda reunida. Às Leis, Moisés fez inúmeras adaptações, ampliando-as com os ajustes que seriam

necessários ao povo de Israel no momento em que deixasse de ser um povo nômade, vivendo em acampamentos, para se fixar na sua própria terra - contou Yasha.

O peregrino estivera com seus companheiros e o guia Faisal no Monte Nebo, também conhecido como a Montanha de Moisés, e mais uma vez Karm Álek via-se perto da história, fundindo-se a ela.

Yasha explicou ao peregrino:

- Na Montanha de Nebo, o Profeta, já no décimo segundo mês do quadragésimo ano, na primavera setentrional de 1.473 a.C., anunciou ao povo de Israel que, em cumprimento à designação de Deus, Josué, filho de Nun, seria seu sucessor como líder do povo. Naquele lugar, Josué foi cheio de Espírito de Sabedoria, porque Moisés tinha-lhe imposto as mãos. Os israelitas obedeceram-lhe, assim como o Senhor tinha ordenado. Após tal anúncio, Josué foi comissionado e exortado a ser corajoso. Foram-lhe lembrados os princípios cultuados por Moisés, durante quarenta anos, para serem colocados em prática nos quarenta anos seguintes em que juntos fizeram a peregrinação pelas terras do deserto. A Lei foi colocada junto à Arca. Moisés cantou o cântico, abençoou o povo e subiu ao Monte Nebo, cumprindo a ordem de Deus. De lá, da terra de Moabe, defronte de Jericó, contemplou Canaã, a Terra Prometida, para, então, "morrer". O sucesso de Josué em estabelecer o povo de Israel na Terra Prometida foi grandemente influenciado pelo que aprendeu com Moisés, através de seus exemplos e treinamento em razão das excelentes qualidades inculcadas nele, no treinamento. Afinal, Josué foi ministro do Profeta desde a sua idade viril. Ao que parece, era comandante militar sob a orientação de Moisés e era dedicado a ele como seu ajudante direto em muitos acontecimentos. Depois da morte de Moisés, o Senhor disse a Josué: "Passa o Jordão, tu e todo o povo, e entra na terra que dou aos filhos de Israel". E assim foi feito.

Ao final daquela história, que Yasha começou a narrar ainda no anfiteatro de Petra, o peregrino estava fascinado. Passados três mil, quatrocentos e setenta e três anos, ele estava ali, no centro em que tudo teria acontecido, como recompensa por sua peregrinação no solo árido do deserto, sentado na pedra onde se encontra a tumba em que fora enterrado o profeta Arão, aquele que Deus usou para falar por Moisés.

As vibrações do lugar sagrado pulsavam dentro de Karm Álek, faziam bombear seu coração. Afinal, Petra era muito mais do que ele imaginava. Não era apenas um sítio arqueológico descoberto em 22 de agosto de 1.812 pelo jovem explorador suíço Johann Ludwig Burckhardt, mas um lugar mágico e encantador, que enfeitiça seus visitantes com sua arquitetura e beleza e que eleva o espírito de todos aqueles que conhecem parte de sua história, tão próxima de Deus quanto a terra é próxima dos pés do peregrino.

Para quem pensava somente em conhecer o Al-Khazneh Farun, o único templo que acreditava existir na Cidade Rosada, estar caminhando por entre as montanhas rochosas de Petra e conhecendo sua história era tão gratificante que atirava o peregrino em um mar de sonhos sem fim. Por vezes, após deixar a tumba de Arão e dirigir-se para o Al-Deir, o peregrino perguntava-se se não estava sonhando, se Yasha não era apenas fruto de sua

imaginação. Mas quando olhava para o lado e via seu companheiro, com um sorriso meigo como o de uma criança e um olhar profundo como as águas do oceano, compreendia que estava tendo o privilégio de conhecer e viver a história a um só tempo, através da elevação do espírito de um monge do deserto.

Enquanto caminhavam para o alto do Al-Deir, em direção ao Monastério da Tumba do Leão, Karm Álek refletia sobre a missão de Moisés e de seu irmão Arão no deserto do Oriente Médio, compreendendo que Deus, muitas vezes, usa meios complexos aos olhos dos homens para realizar seus propósitos, mas sempre, em todas as situações, age em favor e em benefício do crescimento do homem como espécie e como espírito.

Aprendeu, ao longo daquele caminho árido, que o ser humano é o que é por dentro. Logo, se o que ele é por dentro é belo, é porque ele é verdadeiramente belo. Desta forma, deveria buscar ver o interior de seu semelhante, onde se encontra a verdadeira beleza divina do ser.

Na subida rodeada por montanhas e adornada por pedras pontiagudas e escadas, o peregrino encontrou diversos turistas e outros beduínos, habitantes do lugar, sendo que, sempre que estes passavam por Yasha, saudavam-no como se ele fosse o mais velho e o mais sábio de sua raça. Talvez por isso, era conhecido entre os demais, como comentou um dos habitantes, como "Descendente de Arão".

Logo que chegaram ao alto do Al- Deir, ao contornarem uma curva, o peregrino e Yasha avistaram o Monastério que fora usado pelos cristãos no período bizantino como lugar de cultos. Ao invés de entrarem no templo, subiram pela parede lateral e, do alto do rochedo, próximo ao pináculo nabateu, avistaram o alto do Umm-Al-Biyara, onde Karm Álek pretendia chegar para ter uma vista geral do maciço de Al-Habis, que forma uma fortaleza natural em torno da Cidade Rosada do Deserto.

Sentados próximo ao Monastério, Yasha contou que aquela região era predestinada aos que tinham grande fé no Senhor, como Moisés, Arão, Paulo de Tarso e Abraão.

- A fé de Abraão foi, entre todas, a maior, pois ele esteve em uma montanha como esta para oferecer seu único filho, Isaque, em holocausto para Deus. Ao ter com Abraão, Deus disse-lhe: "Faço contigo e tua posteridade uma aliança eterna, de geração em geração, para que Eu seja o teu Deus e o Deus de tua posteridade". Mesmo estando ele com idade avançada e sua mulher, Sara, condenada a não ter filhos, Deus disse a Abraão que ela seria abençoada, avisando que, mesmo aos noventa anos, teria um filho e seria mãe de nações e dela sairiam reis. Certo dia, apareceram três homens diante de Abraão quando ele estava sentado à beira de sua tenda, próximo aos pés de carvalho de Mambré. Ao avistá-los, Abraão foi ao encontro deles e prostrou-se aos seus pés, pedindo-lhes que não partissem antes de cear com ele e Sara. Os três aceitaram e Abraão solicitou a sua esposa que preparasse três medidas de pães e a seu servo que preparasse um novilho. Enquanto os três ceavam, Abraão permanecia de pé e eles, então, anunciaram que voltariam dali a um ano, quando o casal tivesse um filho. Sara riu secretamente das palavras dos estranhos, pois tanto ela como o marido estavam com mais de noventa anos. Mas, como para Deus nada é

impossível, passado um ano, o Senhor visitou Sara e ela concebeu Isaque. Após o nascimento, Sara disse: “Deus deu-me algo de que rir; e todos aqueles que o souberem se rirão de mim”. Passado um tempo, quando Abraão e Sara estavam felizes com o filho Isaque que já estava crescido, certo dia, Deus pôs Abraão à prova. Chamou-o: “ Abraão!”. “Eis-me aqui”, respondeu ele. Então, Deus disse: “Toma teu filho, teu único filho a quem tanto amas, Isaque; e vai à terra de Moriá, onde tu o oferecerás em holocausto sobre um dos montes que eu te indicar”. No dia seguinte, Abraão pegou o filho e os preparativos para o holocausto e rumou para o local estipulado por Deus. Passados três dias, ao levantar os olhos, avistou o lugar. Abraão determinou que seus servos ficassem onde estavam, dizendo que ele iria ao alto adorar ao Senhor, colocou a lenha nas costas do filho e carregou o fogo e a faca. Isaque perguntou ao pai onde estava a ovelha para o sacrifício. “Deus providenciará, Ele mesmo, uma ovelha para o holocausto, meu filho”, respondeu-lhe Abraão. Ao chegarem ao local indicado por Deus, Abraão fez os preparativos e pôs seu filho Isaque sobre o altar, em cima da lenha, e tomou a faca para imolá-lo. Naquele instante, um anjo do Senhor gritou-lhe do céu: “Abraão! Abraão! Não estendas tua mão contra o menino, e não lhe faças nada. Agora eu sei que temes a Deus, pois não me recusaste teu próprio filho, teu filho único”. Abraão chamou este lugar de Javé-Yiré, que significa “o Senhor proverá”.

Abraão morreu com cento e setenta e cinco anos e foi enterrado na caverna de Macpela, nas terras de Efron.

Enquanto Yasha contava a história de Abraão, o peregrino entendeu porque é dito que a fé remove montanhas, pois o nascimento de Isaque, filho de Sara (uma mulher estéril com mais de noventa anos de idade) e de Abraão (um pai com mais de cem anos), e o oferecimento do menino em holocausto eram a prova viva da fé. Uma fé inabalável. Sem fronteiras, pura e elevada. Uma demonstração de que Deus atende a todos aqueles que elevam seus pensamentos e orações com amor e fé no coração e na mente. Entendeu também que, para Deus, nada é impossível. Quando se fecham as portas da esperança no homem e no mundo, é quando Deus mostra-se mais presente, pois, sendo um Deus bondoso e cheio de amor, aguarda apenas que Lhe batam à porta para que ela se abra.

Após a narrativa da história de Abraão e do vínculo dele com Petra, Karm Álek e Yasha desceram para visitar o Monastério. Lá dentro, o peregrino repetiu o cântico que entoara na Tumba Urna. Naquela hora, sentiu uma paz profunda. Seu espírito parecia ter lavado as entranhas do peregrino, lapidado a crosta densa que o liga à matéria e, em um ato simultâneo, fez resplandecer a camada tênue, o que possibilitou que o ambiente se tornasse um tanto azulado e leve.

Encerrado o cântico, veio o silêncio, pois é no silêncio que ouvimos o clamor interior e, assim, melhor nos integramos com o meio em que vivemos e com Deus. O silêncio é o cântico da alma, refrigera o âmago do ser. É a brisa que sopra aos ouvidos as mensagens divinas vindas das emanações do universo.

Depois de contemplarem aquele magnífico Monastério, uma das maiores, mais conservadas e mais belas obras de Petra, Yasha convidou Karm Álek para conhecer o Qattar ad-Deir, um cercado rochoso, no qual se encontra a única cisterna da Cidade Rosada que se mantém gotejando permanentemente desde seus primórdios e onde existem um belo jardim e uma gruta. Contam que teria sido ali que Moisés fincou o cajado, sendo que, desde então, a água nunca mais deixou de jorrar.

Ao chegarem, Karm Álek ficou impressionado com a beleza do lugar. Encontrar, em pleno deserto, um jardim florido e muito verde é como encontrar um oásis após dias de caminhada nas terras áridas sob um sol escaldante. Aquilo era uma prova de que para Deus tudo é possível e de que pela fé chega-se a qualquer lugar.

Os olhos do peregrino brilharam. Ele foi até onde as águas gotejavam, molhou a boca e o rosto e bebeu um pouco daquela água gelada e cristalina como os cristais cintilantes esculpidos pelo Sumo Sacerdote do Universo.

Após se deliciar com a água, os dois companheiros sentaram-se em uma pedra no meio das flores. Foi ali que Yasha alertou o peregrino de que todo aquele que quer se aproximar de Deus deve compreender que tem que se distanciar dos instintos da matéria, pois a devoção requer desapego, oração, contemplação, meditação e uma vigília constante, para que o mal não tenha como penetrar na atmosfera do bem.

Antes de prosseguirem, Yasha fez um paralelo entre Moisés e Cristo, falando sobre a importância de ambos na história universal, na instituição de leis que foram ditadas por Deus para orientar o homem em sua caminhada sobre a face da Terra:

- Quando Miriã e Arão questionaram a autoridade de Moisés, Deus disse-lhes: "Se houvesse um profeta vosso para Deus, seria numa visão que Me daria a conhecer a ele. Falar-lhe-ia num sonho, não assim como faço com Meu servo Moisés! Ele está sendo incumbido de toda a minha casa. Boca a boca falo com ele, mostrando-lhe assim, e não por enigmas. A aparência de seu Senhor é o que ele contempla". O Senhor alertava: "Por que, pois, não temestes falar contra Meu servo, contra Moisés?". A conclusão do livro de Deuteronômio descreve a posição privilegiada de Moisés perante o Senhor: "Nunca mais se levantou em Israel um profeta semelhante a Moisés, a quem Deus conhecia face a face, com respeito a todos os sinais e milagres que o Senhor o mandara fazer na terra do Egito, a Faraó, a todos os seus servos e a toda a sua terra, e concernente a toda mão forte e toda coisa muito espantosa que Moisés fizera perante os olhos de todo o Israel". Moisés teve uma relação mais direta, constante e íntima com Deus do que qualquer outro profeta anterior a Jesus Cristo. A declaração de Deus "boca a boca falo com ele" revela que Moisés tinha audiência pessoal com o Senhor. Eis a importância do Profeta na proclamação da palavra de Deus para toda a raça humana e para a criação do judaísmo, o qual se fundamenta nos livros ditados por Deus e escritos por Moisés. É sabido que, como mediador de Israel, o Profeta usufruía virtualmente do arranjo de uma contínua comunicação bilateral, podendo, a qualquer momento, apresentar a Deus os problemas da nação e Dele receber as respostas. Afinal, o Senhor incumbiu Moisés 'de toda a Sua casa',

usando o Profeta como seu representante íntimo na organização da nação. Os profetas posteriores simplesmente continuaram a edificar sobre o alicerce lançado por meio de Moisés. O modo como o Senhor mantinha contato com Moisés era impressionante. Era como se o profeta realmente O visse com os seus próprios olhos e não apenas através de uma visão mental ou um sonho no qual ouvisse Deus falar.

Os contatos do Senhor com Moisés eram tão reais que ele reagia como se tivesse visto "Aquele que é invisível". Diz-se que a impressão que Moisés tinha era similar ao efeito da visão da transfiguração de Pedro séculos mais tarde, no Monte Tabor. No caso do apóstolo de Cristo, a visão fora tão real para Pedro que ele começou a participar dela, falando, mas não se dando conta do que dizia. Também o apóstolo Paulo, certa vez, teve uma visão tão real, que, mais tarde, interpretou: "Quer no corpo, quer à parte do corpo, não sei, Deus sabe". Moisés tinha uma grande missão com o povo de Israel e foi, por vezes, citado por Cristo e seus discípulos, que reconheciam no Profeta o mensageiro de Deus. Jesus Cristo tornou claro que Moisés escrevera sobre ele, pois, em certa ocasião, disse aos Seus oponentes: "Se acreditásseis em Moisés, teríeis acreditado em mim, porque este escreveu a Meu respeito". Quando estava em companhia dos seus discípulos, Jesus, por vezes, interpretou em todas as Escrituras as coisas referentes a Si. Entre o que Moisés escreveu a respeito de Cristo, estão as palavras de Deus: "Suscitar-lhes-ei do meio dos seus irmãos um profeta semelhante a ti; e deveras porei as Minhas palavras na sua boca e ele certamente lhes falará tudo o que Eu lhe mandar." O apóstolo Pedro, citando esta profecia, não deixou dúvida de que se referia a Jesus Cristo. Na cena da transfiguração acontecida no Monte Tabor, onde foi permitido que os apóstolos Pedro, Tiago e João vissem Moisés e Elias, estes foram observados falando com Jesus. Em Moisés, os três apóstolos veriam representado o pacto da Lei, o arranjo teocrático da congregação, a libertação da nação e sua transferência em segurança para a Terra Prometida. De modo que a visão indicava que Jesus Cristo faria uma obra semelhante a de Moisés, porém, maior. Também a aparição visionária de Elias mostrava que Jesus faria uma obra semelhante a de Elias, mas em escala maior. Ali se manifestou claramente que o Filho de Deus, deveras, era o 'profeta maior que Moisés', digno do título de Messias, como disse o evangelista Mateus. De muitas maneiras, havia uma correspondência entre Moisés e Jesus Cristo. Basta observarmos a história de ambos. No período da infância, tanto Moisés como Cristo escaparam das matanças de recém-nascidos ordenadas pelos respectivos governantes da época de ambos. Moisés foi chamado para fora do Egito para conduzir a nação de Israel para a Terra Prometida, sendo o líder desta nação. Jesus foi chamado do Egito como primogênito de Deus. Ambos jejuaram quarenta dias no ermo. Ambos vieram em nome de Deus, sendo que o próprio nome de Jesus significa "Deus é Salvação". Jesus, a exemplo de Moisés, declarou o nome de Deus. Ambos demonstraram extraordinária mansidão e humildade nas missões recebidas, apesar de todo o poder que lhes foi dado pelo Criador, o que os credenciava ainda mais, mostrando que realmente foram enviados por Ele. Outra demonstração de serem íntimos de Deus e Seus enviados são os espantosos milagres por eles praticados. No entanto, Jesus Cristo teria

ido além de Moisés, ressuscitando mortos. Moisés foi o mediador do pacto da Lei entre Deus e a nação de Israel. Jesus foi o mediador do novo pacto entre Deus e a "nação santa", a espiritual "Israel de Deus". Ambos atuaram como juízes, legisladores e líderes, dedicando suas vidas à causa de Deus. Moisés foi encarregado da administração da 'casa de Deus', a nação de Israel, a congregação. Na condução de seu povo por quarenta anos no deserto, apesar de todas as agruras, mostrou-se digno da missão recebida e fiel a ela. Jesus, por Sua vez, mostrou fidelidade à casa de Deus, que Ele, como Seu Filho, construíra, a nação ou congregação da Israel Espiritual. Se observarmos atentamente, veremos uma coincidência até mesmo na morte de ambos, pois Deus deu fim tanto ao corpo de Moisés como ao de Jesus. Deus designou Moisés Seu profeta e representante; desta forma, este poderia, então, ser chamado de ungido, ou "Cristo". Para poder alcançar esta posição privilegiada, Moisés teve de renunciar aos tesouros do Egito e permitir ser maltratado com o povo de Deus, sofrendo, assim, vitupério. No entanto, para Moisés, tal "vitupério do Cristo" era riqueza maior que toda a opulência do Egito. Na passagem de Jesus Cristo, pela terra também encontramos um paralelo disso. Segundo o anúncio do anjo, por ocasião do Seu nascimento em Belém, Ele se tornaria "um Salvador, que é Cristo, o Senhor". Tornou-se Cristo, ou Ungido, após ter sido batizado pelo profeta João no rio Jordão. Depois do batismo, Ele admitiu que era "o Cristo", ou Messias. Jesus Cristo manteve os olhos fixos no prêmio prometido por Deus àqueles que seguem e praticam as mensagens de Seus enviados, desprezando, assim, a vergonha que os homens lançavam sobre ele, como Moisés fizera em seu tempo. É neste "Moisés Maior" que a congregação cristã é batizada, em Jesus Cristo, o predito Profeta, Libertador e Líder.

Ao narrar a história de Moisés, Yasha acendia o sol dos velhos ensinamentos forjados no escaldante calor desértico pelo profeta, como um testemunho vivo da parte de Deus.

Depois de contar todas aquelas maravilhas, o beduíno convidou o peregrino para irem ao maciço de Al-Habis, que leva às ruínas da antiga fortaleza dos Cruzados, onde uma muralha com passarelas e aposentos remonta à história do século XII, quando os cavaleiros medievais ali estiveram e foram derrotados na sangrenta batalha de Hittin, em 1.187.

Enquanto caminhavam, passaram por uma tumba inacabada, onde os cruzados teriam tentado, sem êxito, construir um prédio, a exemplo dos nabateus. Passaram, também, pelo Colombarium, uma tumba nabatéia formada por centenas de pequenas cavidades, cuja utilidade, até hoje, é desconhecida. Dizem que naquelas fendas eram colocadas as cinzas dos nabateus. O peregrino pensou que realmente algo especial deveria acontecer naquele local, pois as energias existentes ali são muito fortes e latejam por toda a atmosfera.

Enquanto andavam e margeavam paredes rochosas, Karm Álek sentia, a cada passo, como se estivesse revivendo a história contada por Yasha. Isso porque as emanações energéticas ali concentradas afloram intensamente, sendo pressentidas por todos aqueles que passam por ali. Em determinados momentos, o peregrino sentiu-se dentro de uma bolha, no centro do nada e do tudo ao mesmo tempo.

Muitas são as obras e as histórias guardadas nas prateleiras rochosas de Petra. Na zona norte, no vale de Turkomanyia, encontra-se a única tumba que contém inscrições na língua nabatéia, as quais indicam ser a mesma propriedade do deus Dush-Hara.

- As inscrições estampadas entre as colunas da tumba, traduzidas por Wiegand, registram o seguinte: "Esta tumba e a grande sala funerária, onde se encontram as habitações dos mortos para depósitos nos nichos, o pátio fechado em frente aos jardins, as salas de banquete, mananciais, grutas e as pedras, bem como todo o restante, é lugar sacro e dedicado ao deus Dush-Hara. E não é permitido sepultar nesta sala ninguém que não goze da concessão de uma tumba nos lugares sacros indicados nestas inscrições". Se atravessarmos pelas laterais da tumba, chegaremos a um pequeno vale que leva à torre Conway, nome dado em homenagem à inglesa Agnes Conway, que, em 1.929, teria descoberto em suas escavações aquele monumento, que, na época do império romano, servia para controlar a parte setentrional de Petra - explicou o beduíno.

Nas imediações do uade Nasara, visitaram o conjunto de tumbas de Mughour e Nasara, utilizadas pelos cristãos que viviam em Petra. O beduíno informou que Nasara, segundo a tradução árabe, significa Nazareth, o mesmo nome do local onde o anjo anunciara a Maria o nascimento de Cristo e onde o Karm Álek e seus amigos teriam iniciado a peregrinação pelo Oriente. Na tumba Nasara, há inúmeras cruzes desenhadas nas paredes, o que demonstra que realmente os cristãos estiverem no local. Lamentavelmente, o tempo vêm corroendo tais marcas deixadas durante a Idade Média.

Também naquelas imediações, Yasha e o peregrino estiveram na casa em que teria residido o grego Dorotheus, que provavelmente teve uma numerosa família, visto que a casa é uma das maiores da região.

Enquanto caminhavam, Yasha contou sobre a cidade de Bozra, que foi construída num estreito do Jebel Esh-Shera, situada a cerca de cinqüenta quilômetros da Cidade Rosada, próximo à antiga Estrada Real. Tal cidade ocupava uma posição central no reino edomita, pois guardava os acessos às minas de cobre do Arabá. As ruínas de Buzera demonstram que Bozra havia sido uma cidade fortificada, o que atesta a preferência do povo edomita por lugares posicionalmente estratégicos.

- As cavernas tiveram um papel fundamental no período pré-cristão e logo após o mesmo. Ao longo do território palestino e também próximo a Jerusalém, terrenos de formação calcária possibilitaram a construção de cavernas que eram usadas como abrigo, cisternas e sepulcros. As primeiras citações sobre as cavernas vêm do tempo em que Ló e suas filhas foram morar numa ao saírem de Zoar. No ermo, Davi, vendo-se perseguido, refugiou-se numa delas. Cem profetas de Deus, para não serem exterminados por Jezabel, foram alimentados e abrigados numa caverna por Obadias. No entanto, nenhuma das conhecidas cavernas que serviram de abrigo na antigüidade compara-se às das construções de Petra, pois estas atravessam os milênios reverenciando seus mortos, numa exaltação à criatividade do passado. As cavernas sempre abrigaram segredos e mistérios. Talvez esta seja a razão pela qual os edomitas e os nabateus construíram esta fantástica cidade com

suas enormes cavernas em forma de tumbas, templos, palácios, cisternas... Graças ao abrigo das cavernas, o homem moderno tem tomado conhecimento de importantes documentos históricos e, por certo, descobrirá outros ainda nelas guardados, que contribuirão para desvendar de inúmeros segredos sobre a origem e história da humanidade, como os que estiveram guardados por milhares de anos nas cavernas de Qumran – falou o beduíno.

Karm Álek contou-lhe que ficou impressionado ao visitar Qumran, onde se concentram fortes energias deixadas pelos seus antigos habitantes, os essênios.

Aproveitando o comentário do peregrino, Yasha prosseguiu:

- Os essênios tiveram significativo desempenho espiritual na história da humanidade. Cultuavam a purificação do corpo pela água e pelo alimento. Não comiam nenhum tipo de carne, pois entendiam que todas as vidas criadas por Deus devem ser preservadas e respeitadas. Saiba, meu caro, que até os vegetais comidos por eles não tinham suas raízes retiradas da terra, pois deles somente comiam as folhas e os frutos, de forma que não fosse ceifada sua vida entranhada na terra. Nas cavernas de Qumran, foram encontrados os manuscritos do Mar Morto, conforme ficaram conhecidos. Tais manuscritos trouxeram à luz do conhecimento pontos que se achavam obscuros nas Escrituras Sagradas, principalmente no Novo Testamento. Muitos fatos ainda se encontram sob a terra do mistério. Por assim ser, o homem continua a seguir determinadas regras que nem sempre traduzem com exatidão a imagem verdadeira dos ensinamentos de Cristo e de outros profetas, como o próprio Moisés. Para angariar adeptos e mantê-los sob o teto de seus templos, muitas religiões interpretam as Escrituras de acordo com seus dogmas, amoldando-os de forma a crescer seu poderio patrimonial e financeiro, deflagrando uma disputa sem fim. Lamentavelmente! Como a traça, cada qual desenha, entre o cerne e a casca, o perfil de sua existência. Assim sendo, uns são casca, frágeis e vulneráveis, fáceis de serem consumidos; outros são cerne, duros como a rocha, mas, quando trabalhadas, espelham o esplendor do diamante lapidado. Desta forma, coberto por mantos de sorrisos e lágrimas, segue o homem, desenhando o contorno das linhas do universo, ora na casca, ora no cerne. Por esta razão, muitos se sujeitam a viver contrariando o verdadeiro sentido do ser, tendo em vista que, somente quando abandonar o egoísmo, a vaidade e o sentimento de posse, o homem poderá manifestar o sublime amor. Nesta hora, poderá viver na plenitude os Ensinamentos Sagrados deixados a todos, como herança, pelo Sumo Senhor do Universo através de Seus enviados, obtendo, assim, a certeza de que terá valido a pena a travessia do deserto e a crucificação de Cristo. Muitas vezes, agride-se o semelhante sem intenção, mas isso não diminui o impacto da dor, nem justifica o ato cometido, pois quem tem o livre arbítrio para pensar e agir não pode alegar que agiu de forma inconsciente. É preciso pensar, para que a falta de intenção deixe de ser um hábito, tornando-se uma casualidade. Para que o paciente acredite no remédio receitado, é preciso que o próprio médico que o receitou já tenha comprovado a sua eficácia. Somos um amontoado de “eus”, cada qual assumindo seu instante na busca de reunir todos os “eus” na formação de um só Eu Superior. No entanto, somente na medida em que vivermos todos os instantes de forma

plena, formaremos o Eu Único desejado, com toda a sua sublimidade, apesar dos fragmentos vividos em cada instante pelas partículas do eu. Os tropeços no meio do caminho fazem parte de quem quer chegar ao topo da montanha. Por mais forte que seja o homem, ele não é super-herói, sendo os tropeços degraus importantes na conquista dos objetivos da vida, tornando a vitória mais consistente e valiosa. Todo grande sonho, para se tornar realidade, tem um trabalho do seu tamanho. Se não, para que sonhar? A beleza externa, que o homem tanto cultua, esvai-se com o tempo, enquanto a interna enobrece-se com ele, tornando-se mais bela e multiplicando-se a cada dia que passa. Quando o homem, a cada manhã em que acordar, ao se olhar no espelho, sentir que seu olhar mais se parece com o de uma criança, realmente estará aproximando-se de Deus.

Próximo ao uade Sabrah, existe um anfiteatro construído pelos romanos com capacidade para mais de quinhentas pessoas. Segundo explicou Yasha, foi ali que os romanos, durante sua estada em Petra, reuniram-se para decidir sobre várias batalhas, entre elas, uma que teria acontecido em Roma, onde hoje é a Piazza Navona, local visitado por Karm Álek e seus companheiros quando peregrinaram ao túmulo de Pedro, no Vaticano.

Yasha mostrou ao peregrino, um pouco mais acima, a Serpente, monumento situado sobre um bloco de pedra quadrado. A Serpente está enrolada sobre si mesma, estando a cabeça estendida no sentido sudoeste.

- A serpente tem lugar especial na história da humanidade desde o Paraíso de Adão e Eva, estando presente em inúmeros rituais da antigüidade. Hipnotiza sua presa para depois a devorar. Pára de respirar, passando-se por morta. Conforme consta na história da Alquimia, Mercúrio introduziu seu bastão entre duas serpentes que estavam brigando e, ao fazer isso, elas se enroscaram em torno do mesmo, surgindo, daí, o caduceu, símbolo da união harmônica dos opostos. A mitologia grega conta que Cadmo matou a serpente que vigiava a fonte Castalia e enterrou-a, semeando seus dentes, os quais se converteram em guerreiros. São muitas as histórias, meu caro peregrino, que envolvem este enigmático animal. A serpente simbolizava para os nabateus a continuidade da vida por toda a eternidade – contou o beduíno.

Com aquela e outras informações obtidas ao longo do caminho, Karm Álek compreendeu que a crença numa vida após a morte fazia parte da filosofia nabatéia e que esta seria a razão pela qual cultuavam seus mortos como se vivos estivessem. Por isso, Petra possuía tantas tumbas tão bem entalhadas, trabalhadas, guarnecidas e conservadas

Estava chegando a hora em que haveriam de se separar. Yasha despediu-se de Karm Álek com um forte e fraternal abraço, dizendo-lhe:

- Daqui para frente terás que prosseguir sozinho, pois cada qual adota a lei da maneira que lhe convém dentro dos princípios da manifestação da livre expressão do pensamento e da ação, do livre arbítrio. Cada um é o único responsável pelo seu caminhar e proceder, e também pelo que recebe como recompensa pelo que faz ao longo da existência.

Os olhos do peregrino encheram-se de lágrimas com a despedida de seu companheiro, mas seu coração foi reconfortado com as palavras e ensinamentos adquiridos ao longo do

caminho. Afinal, poucos são os que, chegando em terra estranha, são recebidos com tanto amor, carinho e, acima de tudo, por alguém que lhes confere o saber da história do lugar e da gente com a profundidade com que lhe foi passado pelo beduíno.

Vendo as lágrimas de Karm Álek correndo por seus olhos, Yasha disse-lhe que todos aqueles que se encontram pelos caminhos da vida fazem parte dela e que, a partir deste encontro, é firmado um pacto dentro do universo, sendo que, em qualquer tempo, o momento vivido entre ambos sempre existirá, pois está marcado e gravado nos anais da história como tudo aquilo que se vive durante o caminhar da vida.

O beduíno sugeriu que, ao chegar ao topo do Umm Al-Biyara, o peregrino se deitasse sobre a pedra mais alta, fechasse seus olhos e esquecesse de tudo ao seu redor, a fim de ouvir o que a montanha teria a dizer-lhe.

Depois da despedida, Karm Álek continuou a jornada rumo ao pico. A princípio, procurou acelerar seus passos para que mais rápido atingisse o topo. Mas, ao fazer aquilo, lembrou-se de que poderia deixar de enxergar as surpresas guardadas em cada pedra do caminho. Desta forma, passou a andar sem pressa, com passos de um peregrino que tem toda a terra para caminhar e todo o céu para o abrigar.

Caminhando montanha acima, Karm Álek lembrou-se de que, apesar de tudo que Yasha contara sobre Moisés, pouco falara sobre sua morte, não sabendo o que o aguardava na contemplação do topo.

O peregrino, após percorrer longo trecho sozinho, finalmente chegou ao alto da montanha. Para sua surpresa, aquele maciço lembrou-lhe os maciços dos Picos da Bandeira (a Montanha Sagrada do Brasil, término do Caminho da Luz) e do Cristal, ambos situados no Parque Nacional do Caparaó, na divisa dos Estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, e o das Agulhas Negras, situado no Parque Nacional do Itatiaia, na divisa dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, no Brasil.

Ao chegar ao topo, Karm Álek sentou-se em uma ponta de pedra e passou a admirar a paisagem formada por diversas paredes rochosas de variadas cores e tamanhos.

Logo, o peregrino lembrou-se das palavras de Yasha aconselhando-o a deitar-se no ponto mais alto. Naquela hora, constatou que realmente Yasha sempre estaria com ele onde quer que fosse. Deitou-se na pedra e, mesmo sem estar cansado, acabou por adormecer. Viu em seu "sonho" um longo Caminho de Luz (*). Foi o que ele sentiu ao deitar-se sobre a rocha.

Ali, no topo do Umm Al-Biyara, o vento começou a soprar-lhe aos ouvidos sobre o fim do profeta que naquelas terras teria fincado o cajado, fazendo jorrar água para matar a sede de seu povo, mas que, devido àquele ato, teria deixado de entrar na Terra Prometida por uma determinação de Deus.

Moisés tinha cento e vinte anos de idade quando morreu. Mesmo assim, mantinha seu vigor natural. O Livro Sagrado comenta que "seu olho não se havia turvado e seu vigor vital não lhe havia fugido".

O profeta foi realmente alguém muito especial. Somente um ser celeste iniciaria, já aos oitenta anos de idade, uma peregrinação com milhões de pessoas, guiando-as durante quarenta anos pelas terras áridas do deserto. Somente um ser celeste realizaria dois jejuns de quarenta dias sem comer nem beber nada, a fim de purificar-se de forma que se afinasse integralmente ao Sumo Sacerdote e com Ele dialogasse face a face. O Profeta havia feito isso. Por esta razão, recebeu do Senhor, por duas vezes, a Tábua com as Leis escritas por Suas próprias mãos. Leis que são tão atuais nos dias de hoje como quando foram escritas há três mil, quatrocentos e setenta anos atrás, aproximadamente.

Ninguém sabe ao certo onde Moisés foi enterrado. Após sua morte em Moabe, para que seu corpo não fosse idolatrado, impedindo que os israelitas fossem enlaçados pela adoração falsa por fazerem da sepultura dele um santuário, Deus teria depositado o corpo do Profeta em um lugar incerto. Faisal disse que Moisés provavelmente poderia ter se afastado para Petra, a fim de, a exemplo de seu irmão Arão, descansar naquelas prateleiras rochosas.

O povo de Israel, antes de rumar para a Terra Prometida sob a liderança de Josué, que foi devidamente preparado por Moisés para tal feito, chorou por trinta dias a morte de seu condutor e líder espiritual, apesar de desconhecer o local de seu repouso.

Judas, discípulo de Jesus Cristo, escreveu: "Quando o arcanjo Miguel teve uma controvérsia com o Diabo e disputava acerca do corpo de Moisés, não se atreveu a lançar um julgamento contra ele em termos ultrajantes, mas disse: 'Deus te censure'". Moisés era especial e não poderia ser de outra forma.

Se Moisés está enterrado em Petra, ou não, não se sabe ao certo. Mas a Cidade Rosada do Deserto continua resplandecendo após milhares de anos e guardando em suas terras, em seus tesouros esculpidos nas rochas, a passagem de Moisés, Arão, Abraão, Josué e todos os profetas que acompanhavam Moisés, além de Paulo de Tarso e outros iluminados que ali compareceram e deixaram impregnada no ar a espiritualidade fluídica, que pode ser sentida por todos que visitam a cidade esculpida.

De repente, Karm Álek foi despertado de seus pensamentos por seus companheiros Antonio Cesar Andrade, Eustáquio Palhares e Lucas Izoton, que disseram que haviam passado o dia a sua procura.

Ali, no alto da Montanha Sagrada de Umm Al-Biyara, reviram o texto da Tábua e concluíram que Petra continua sendo um mistério indecifrável, como todo mistério de Deus.

Rodapé da página com o asterisco

(*) Um ano depois de voltar ao Brasil, o autor criou o Caminho da Luz, o Caminho do Brasil, um caminho de peregrinação que tem início na cidade de Tombos e termina no Pico da Bandeira.